

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA: ESTUDOS DA LINGUAGEM
LINHA DE PESQUISA: SOCIOLINGUÍSTICA

EUGENIO ROBERTO LINK

**RESISTÊNCIA À ELEVAÇÃO DAS VOGAIS MÉDIAS ÁTONAS FINAIS NO
PORTUGUÊS EM CONTATO COM LÍNGUAS ALEMÃS DE IMIGRAÇÃO NO SUL
DO BRASIL: VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E PRÁTICAS SOCIAIS**

PORTO ALEGRE
2019

EUGENIO ROBERTO LINK

**RESISTÊNCIA À ELEVAÇÃO DAS VOGAIS MÉDIAS ÁTONAS FINAIS NO
PORTUGUÊS EM CONTATO COM LÍNGUAS ALEMÃS DE IMIGRAÇÃO NO SUL
DO BRASIL: VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E PRÁTICAS SOCIAIS**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Elisa Battsiti

PORTO ALEGRE
2019

CIP - Catalogação na Publicação

Link, Eugenio Roberto

Resistência à elevação das vogais médias átonas finais no português em contato com línguas alemãs de imigração no sul do Brasil: variação linguística e práticas sociais / Eugenio Roberto Link. -- 2019.

110 f.

Orientadora: Elisa Battisti.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2019.

1. Elevação vocálica. 2. Práticas Sociais. 3. Português de contato com alemão. 4. Vogais médias. 5. Variação fonética. I. Battisti, Elisa, orient. II. Título.

EUGENIO ROBERTO LINK

RESISTÊNCIA À ELEVAÇÃO DAS VOGAIS MÉDIAS ÁTONAS FINAIS NO
PORTUGUÊS EM CONTATO COM LÍNGUAS ALEMÃS DE IMIGRAÇÃO NO SUL
DO BRASIL: VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E PRÁTICAS SOCIAIS

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Elisa Battsiti

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Livia Oushiro (UNICAMP)

Prof. Dr. Cléo Vilson Altenhofen (UFRGS)

Profa. Dra. Cláudia Camila Lara (UFMS)

PORTO ALEGRE
2019

AGRADECIMENTOS

À professora Elisa Battisti, pela confiança no trabalho, pela paciência ao longo da caminhada e, principalmente, por toda a orientação e ensinamentos dispensados.

Ao professor Cléo Vilson Altenhofen, pela constante presença e disponibilidade para ajudar e indicar caminhos e olhares. À professora Cláudia Camila Lara, pelas sempre tão preciosas dicas e ensinamentos, especialmente na composição e avaliação da qualificação da Tese.

Aos professores que aceitaram compor a banca desta tese.

Aos professores que ao longo da caminhada fizeram-se presentes e dispostos a compartilhar conhecimentos.

À coordenação do Programa de Pós-Graduação em Letras – UFRGS e à CAPES, pela concessão da bolsa de doutorado.

Aos colegas de caminhada na UFRGS, pela possibilidade da troca de experiências, alegrias e dúvidas.

Aos amigos, principalmente ao César Gonzáles e ao Rafael Padilha, sempre presentes para discussões e ajuda, além do importante suporte de amizade.

À Lívia Cáceres pelo constante apoio e paciência nos momentos mais difíceis.

Aos moradores de Esquina Barra Funda, pelos lindos momentos de conversa e histórias contadas. Sem eles essa pesquisa não seria possível.

À minha família - pai, mãe, irmã, cunhado e meus sobrinhos - que mesmo longe sempre estão presente.

RESUMO

Esta tese tem como objetivo geral contribuir para a descrição das vogais médias /e/ e /o/, em posição átona final absoluta, no português falado no sul do Brasil. Dá atenção especificamente à aplicação variável da regra de elevação ([*'bolo*] :: [*'boku*], [*'time*] :: [*'timɪ*]) dessas vogais em Esquina Barra Funda, comunidade rural em que descendentes de imigrantes alemães ainda hoje falam variedades dialetais alemãs. Para captar o padrão de variação local, de baixos índices de elevação, faz-se análise de regra variável na linha sociolinguística laboviana (LABOV, 2008). Além disso, busca-se identificar, através de Observação Participante (ROCHA e ECKERT, 2008) e Análise da Rede Social (BORTONI-RICARDO, 2011) dos moradores da localidade, qual a influência das relações sociais e culturais no comportamento linguístico local. Objetiva-se entender que fatores exercem influência na elevação das vogais médias em Esquina Barra Funda, comunidade da área rural do município de Novo Machado/RS, à noroeste do estado, na fronteira com a Argentina, localidade cujo português falado parece resistir à elevação. As questões norteadoras da pesquisa são: ocorre, no português falado em Esquina Barra Funda, a elevação das vogais médias /e/, /o/ em posição átona final absoluta? Em que proporção? Quais são os fatores linguísticos e sociais condicionantes da elevação dessas vogais? Como se configura a rede social dos moradores da comunidade? Quais as comunidades de prática ali existentes e como elas podem estar relacionadas com o comportamento linguístico? A amostra de fala analisada foi constituída em Link (2015) a partir de entrevistas sociolinguísticas com 18 informantes, considerando-se as variáveis sociais: gênero (dois fatores: masculino e feminino), escolaridade (três fatores: 0 - 4 anos, 5 - 8 anos e 9 anos ou mais anos de estudo) e faixa etária (três fatores: 15 - 35 anos, 36 - 57 anos e 58 ou mais anos de idade). As entrevistas contemplaram narrativas de experiência pessoal e descrições de caráter geral sobre a comunidade. Os dados foram extraídos de oitva das entrevistas e codificados para a análise estatística, realizada com o programa R (R Core Team 2016) para verificar a correlação da elevação com fatores linguísticos e sociais. Para a análise da rede social, constituiu-se uma matriz com níveis de contato entre os 18 informantes, diário, semanal e mensal, baseados nas relações sociais locais, captadas via observação participante. Essa buscou esclarecer quais as práticas sociais e linguísticas dos habitantes de Esquina Barra Funda e que elementos de formação cultural sustentam costumes locais e justificam o padrão de contato entre os indivíduos. A análise estatística revelou que o índice de elevação das vogais médias em posição átona final absoluta é baixo no português falado em Esquina Barra Funda, sendo a elevação de /o/ mais frequente do que a elevação de /e/. Também apontou que a presença de uma vogal alta na sílaba tônica favorece a elevação tanto de /e/ quanto de /o/. Para /e/, as variáveis correlacionadas à elevação são contexto precedente, contexto seguinte e vogal alta na sílaba tônica. Para /o/, correlacionam-se à elevação as variáveis contexto precedente, contexto seguinte, vogal alta na sílaba tônica, idade e escolaridade. No que diz respeito à análise de rede e à observação participante, a pesquisa revelou que a comunidade mantém uma rede densa e multiplexa: todos os moradores possuem algum nível de contato uns com os outros, além de o contato dar-se em mais de um âmbito de práticas sociais (profissional, de vizinhança, de lazer). Observou-se também uma alta taxa de bilinguismo e uma forte ligação da comunidade com elementos culturais oriundos da imigração alemã, evidenciada nas práticas sociais de lazer, religiosas ou profissionais.

Palavras-chave: Elevação vocálica; Práticas sociais; Análise de regra variável; Análise de rede; Observação participante.

RESUMEN

Esta tesis tiene como objetivo principal contribuir a la descripción del comportamiento de las vocales medias /e/ y /o/ en posición final absoluta no acentuada en el portugués que se habla en el sur de Brasil. Se presta especial atención a la aplicación variable de la regla de elevación ([*bolo*] :: [*bolu*], [*time*] :: [*timi*]) de esas vocales en Esquina Barra Funda, comunidad rural en la que los descendientes de inmigrantes alemanes todavía hoy hablan variedades dialectales alemanas. Para captar el patrón de variación local, se hace análisis de regla variable en la línea sociolingüística laboviana (LABOV, 2008). Además, se busca identificar, a través de Observación Participante (ROCHA Y ECKERT, 2008) y Análisis de la Red Social (BORTONI-RICARDO, 2011) de los habitantes de la localidad, cuál es la influencia de las relaciones sociales y culturales presentes en el comportamiento lingüístico local. El objetivo es comprender los factores que influyen en la elevación de las vocales medias en Esquina Barra Funda, comunidad rural en el municipio de Novo Machado/RS, en el noroeste del estado, en la frontera con Argentina, una ciudad cuyo portugués que se habla parece resistir a la elevación. Las preguntas de investigación son: ocurre, en el portugués que se habla en Esquina Barra Funda, la elevación de las vocales medias /e/, /o/ en posición final absoluta no acentuada? ¿En qué proporción? ¿Cuáles son los factores lingüísticos y sociales condicionantes de la elevación de esas vocales? ¿Cómo se configura la red social de los habitantes de la comunidad? ¿Cuáles son las comunidades de práctica allí existentes y cómo pueden estar relacionadas con el comportamiento lingüístico? La muestra para la realización de la investigación fue constituida a partir de entrevistas sociolingüísticas con dieciocho informantes, considerando las variables sociales: género (dos factores: masculino y femenino), escolaridad (tres factores: 0 - 4 años, 5 a 8 años y 9 años o más) y grupo de edad (tres factores: 15 - 35 años, 36 - 57 años y 58 o más años). Las entrevistas contemplaron narrativas de experiencia personal, descripciones de carácter general sobre la comunidad, la vida en la infancia, los años de escuela, cuestiones de contraste, para despertar emociones y hacer que el entrevistado recordara situaciones o temporalidades. Con la recolección ya realizada y los datos codificados, se utilizó el programa de análisis estadístico R (R Core Team 2016) para verificar la correlación de la elevación con factores lingüísticos y sociales. Para el análisis de la red social, se constituyó una matriz de datos donde fueron puntuados los niveles de contacto entre los dieciocho informantes, si diario, semanal y mensual. Como soporte para entender las relaciones sociales locales, también se realizó observación participante. Se buscó aclarar cuáles son las prácticas sociales y lingüísticas de los habitantes de Esquina Barra Funda y cuáles los elementos de formación cultural que ayudan en el mantenimiento de las costumbres locales y justifican el patrón de contacto entre los individuos. El resultado del análisis estadístico reveló que el índice de elevación de las vocales medias en posición átona final absoluta no acentuada es bajo, siendo la elevación de /o/ más frecuentemente. También apuntó que la presencia de una vocal alta en la sílaba tónica favorece la elevación tanto de /e/ como de /o/. Para /e/, las variables correlacionadas a la elevación son contexto precedente, contexto siguiente y vocal alta en la sílaba tónica. Para /o/, se correlacionan a la elevación las variables contexto precedente, contexto siguiente, vocal alta en la sílaba tónica, edad, escolaridad. En lo que se refiere al análisis de red ya la observación participante, la investigación reveló que la comunidad mantiene una red densa y multiplexa, es decir, todos los habitantes poseen algún nivel de contacto unos con otros, además de que el contacto es en más de un nivel (profesional, de vecindad, de ocio). También observamos una alta tasa de bilingüismo y una fuerte conexión de la comunidad a los elementos culturales provenientes de la inmigración alemana, vínculo evidenciado en el día a día de la comunidad y en las prácticas sociales, ya sean de ocio, religiosas o profesionales.

Palabras clave: Elevación vocálica; Prácticas sociales; Análisis de regla variable; Análisis de red; Observación participante

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Vogais em posição tônica conforme Camara Jr. (2007)	15
Figura 2 – Localização de Novo Machado no Brasil e no Rio Grande do Sul	24
Figura 3 – Localização de Esquina Barra Funda em Novo Machado.....	27
Figura 4 – Esquina Barra Funda em imagem de satélite	30
Figura 5 – Estrutura de rede de alta densidade	51
Figura 6 – Estrutura de rede de baixa densidade.....	51
Figura 7 – Codificação dos dados de elevação /e/ e /o/.....	58
Figura 8 – F1 e F2 das vogais tônicas do português falado no Brasil	64
Figura 9 – Controle acústico de /e/ (frase: “bastante porco”) final, informante masculino.....	65
Figura 10 – Recorte da vogal alvo /e/ na frase: “bastante porco”. Informante masculino.....	65
Figura 11 – Controle acústico de /e/ (frase: “gente né”) final, informante feminino. ..	66
Figura 12 – Recorte da vogal alvo /e/ na frase: “gente né”. Informante feminino.	66
Figura 13 – Controle acústico de /o/ (frase: “cedo levanto”) final, informante masculino.....	67
Figura 14 – Recorte da vogal alvo /o/ na frase: “cedo levanto”. Informante masculino.....	67
Figura 15 – Controle acústico de /o/ (frase: “claro que”) final, informante feminino ..	68
Figura 16 – Recorte da vogal alvo /o/ na frase: “claro que”. Informante feminino	68
Figura 17 – Rede social dos informantes.	86

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Análise de regressão linear de efeitos mistos da elevação (dados de /e/ e /o/ juntos).....	72
Tabela 2 – Análise de regressão linear de efeitos mistos da elevação (dados de /e/ e /o/ juntos) com a interação de Idade e Escolaridade.	74
Tabela 3 – Análise de regressão linear de efeitos mistos da elevação (dados de /e/)	76
Tabela 4 – Análise de regressão linear de efeitos mistos da elevação (dados de /e/) com a interação de Idade e Escolaridade.	77
Tabela 5 – Análise de regressão linear de efeitos mistos da elevação (dados de /o/).	79
Tabela 6 – Análise de regressão linear de efeitos mistos da elevação (dados de /o/) com a interação de Idade e Escolaridade.	80

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Traços característicos do português de contato com o adstrato alemão	40
Quadro 2 – Quadro de células preenchidas por informantes e respectivas entrevistas.....	54
Quadro 3 – Matriz da frequência de contato dos informantes de Esquina Barra Funda	83

APOIO DE FINANCIAMENTO CAPES

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
1.1	TEMA	10
1.2	HIPÓTESE DE PESQUISA	12
1.3	OBJETIVOS	12
1.3.1	Geral	13
1.3.2	Específicos	13
1.4	ESTRUTURA DO TRABALHO	13
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
2.1	ELEVAÇÃO	15
2.2	TEORIA DA VARIAÇÃO	21
2.2.1	A comunidade de fala	24
2.2.1.1	<i>O início da comunidade de Esquina Barra Funda e as tradições culturais alemãs</i>	27
2.3	VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E PRÁTICAS SOCIAIS	344
2.4	BILINGUISMO	40
2.5	IDENTIDADE, CULTURA E LINGUAGEM	46
2.6	REDE SOCIAL	49
3	METODOLOGIA	53
3.1	ANÁLISE DE REGRA VARIÁVEL.....	53
3.1.1	Variáveis controladas e hipóteses testadas na análise	55
3.1.2	Codificação, controle acústico dos dados e análise estatística	57
3.2	ANÁLISE DE REDE.....	68
3.3	OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE	69
4	RESULTADOS	71
4.1	ANÁLISE DE REGRA VARIÁVEL.....	71
4.1.1	Apresentação dos resultados da análise dos dados de /e/ e /o/ juntos ..	71
4.1.2	Apresentação dos resultados da análise dos dados de /e/	75
4.1.3	Apresentação dos resultados da análise dos dados de /o/	78
4.2	ANÁLISE DE REDE SOCIAL	82
4.3	OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE	87
5	CONCLUSÃO	94
	REFERÊNCIAS	98

ANEXOS	103
---------------------	------------

1 INTRODUÇÃO

Esta tese é um estudo sociolinguístico da realização variável das vogais médias átonas finais em sílaba sem coda (*doc[e]::doc[ɪ]*, *nov[o]::nov[ʊ]*) no português falado em Esquina Barra Funda, uma comunidade rural do município de Novo Machado, situada no noroeste do estado do Rio Grande do Sul. Os dados e os resultados estatísticos obtidos por Link (2015) com análise de regra variável (LABOV, 2008), em pesquisa de Mestrado, são o ponto de partida desta Tese. De forma resumida, apresentaremos alguns deles.

Os dados de Link (2015) foram obtidos com 18 informantes na comunidade de Esquina Barra Funda. Ao analisar a proporção de elevação das vogais médias átonas finais, Link (2015) verificou baixos índices de aplicação da regra de elevação, ficando em 11,1% para a vogal /o/ e 4,2% para /e/. Em relação a /o/, a análise apontou três variáveis linguísticas e duas extralinguísticas como influenciadoras do processo, a saber: contexto precedente, contexto seguinte, vogal alta na sílaba tônica, idade e escolaridade. Em relação à /e/, as variáveis selecionadas foram contexto precedente, contexto seguinte e vogal alta na sílaba tônica.

As hipóteses surgidas como possível explicação para essa baixa aplicação da regra de elevação remetem-nos à comunidade e aos seus aspectos geográficos, sócio-históricos, culturais, de colonização e das relações entre seus habitantes, sucintamente retomadas abaixo.

Esquina Barra Funda é separada da cidade argentina de Colônia Aurora pelo Rio Uruguai. Fundada por imigrantes alemães, a comunidade conserva até hoje alguns traços culturais dos imigrantes, como a festa de Kerb. Além disso, é comum ouvir pessoas falando variedades dialetais alemãs trazidas por seus ancestrais. A população de Esquina Barra Funda é pequena (ver seção 2.2.1 adiante), o que favorece a interação entre seus membros, que se encontram em eventos festivos da comunidade ou nas relações do dia a dia, como as idas ao mercado, reuniões organizadas pelas igrejas ou pela prefeitura, para tratar de assuntos de interesse coletivo, etc. O padrão de elevação das médias /e/ e /o/ em Esquina Barra Funda, de baixa aplicação da regra, é similar ao verificado em outros trabalhos sobre o português falado em comunidades onde houve/há contato com línguas de imigração, como o de Silva (2009), Mileski (2013), Mallmann (2001) e Vieira (2002).

Assim, esta Tese explora a hipótese de que a localização de Esquina Barra Funda, Novo Machado (RS), em área rural, e a história de sua formação, de que fazem parte imigrantes europeus, somada ao contato com línguas de imigração, influenciam a elevação das vogais médias em português, tendo como efeito uma aparente resistência à aplicação da regra no português local.

Além dos resultados quantitativos, que esclarecem os grupos de fatores sociais e linguísticos correlacionados à elevação, buscamos abordar como o contato entre línguas, o bilinguismo, os aspectos geográficos e sociais atuam na comunidade de Esquina Barra Funda e determinam práticas sociais e comportamentos linguísticos locais.

1.1 TEMA

Para melhor apresentação do tema, recuperaremos aqui os trabalhos de Vieira (2002) e Silva (2009), citados na seção anterior, que versaram sobre o sistema vocálico do português brasileiro, especialmente a realização variável das vogais médias átonas em posição final.

Vieira (2002) desenvolveu um estudo nos três estados do sul do Brasil, nas cidades de Porto Alegre, São Borja, Flores da Cunha e Panambi, no Rio Grande do Sul; Florianópolis, Chapecó, Lages e Blumenau, em Santa Catarina; Curitiba, Pato Branco, Irati e Londrina, no Paraná.

A amostra de Vieira (2002) foi selecionada do banco de dados VARSUL, e foi composta por dados de oito informantes para cada cidade. A autora considerou na análise a postônica final e não final. Os resultados aqui relatados dizem respeito somente à posição átona final. Vieira (2002) controlou as variáveis linguísticas contexto precedente, tipo de sílaba, contexto vocálico e localização da postônica na palavra; e as variáveis sociais faixa etária, escolaridade e localização geográfica.

Os resultados de Vieira (2002) para /o/ em posição final indicam favorecimento das variáveis tipo de sílaba e contexto vocálico, sendo a coda /S/, como verificado em estudos anteriores (SCHIMITT 1987; VIEIRA 1994, 1997), condicionadora da aplicação da regra variável. Também, como expuseram trabalhos anteriores, a presença de vogal alta na sílaba próxima mostrou-se influenciadora da elevação.

Quanto à /o/, as fricativas /s, z/ e as labiais precedentes, presença de vogal alta no contexto vocálico e coda /S/ foram favorecedoras. A autora verifica que a variável extralinguística localização geográfica é determinante na realização das vogais médias átonas, e também a variável linguística contexto precedente. Para Vieira (2002), os falantes do Rio Grande do Sul tendem a elevar tanto /e/ quanto /o/. Porto Alegre apresenta maior índice de elevação das vogais médias em posição final, e Flores da Cunha apresenta uma maior preservação de /e/.

Silva (2009) analisou a elevação das vogais médias átonas finais na localidade de Rincão Vermelho, cidade que faz fronteira com a Argentina e se localiza no noroeste do Rio Grande do Sul, concluindo que a regra apresenta aplicação variável nessa comunidade, tendendo mais para a preservação das vogais médias. Como verificamos em Esquina Barra Funda, a elevação de /o/ ocorre mais geralmente do que a de /e/:

a análise estatística revelou que em posição final tem-se variavelmente a oposição entre /o/ e /u/ e /e/ e /i/. Os resultados apontaram, também, que a regra de elevação de /o/ final encontra-se em um estágio mais avançado em relação à vogal /e/. (SILVA, 2009, p.155).

As análises de Silva (2009) e de Vieira (2002) destacam dois fatores que têm efeito na aplicação variável da regra de elevação das vogais médias no português do sul do Brasil: (a) a localização geográfica, visto que, para Vieira (2002), em Porto Alegre a regra de elevação já se aplica categoricamente, enquanto em outras capitais da região sul o sistema ainda está em processo de mudança; e (b) o contato entre línguas, seja com a língua espanhola, como no caso de Rincão Vermelho apontado por Silva (2009), seja com dialetos presentes em regiões de colonização italiana e alemã.

Os resultados desses dois estudos e os quantitativos de Link (2015) são convergentes. Esse trabalho revela um baixo índice de elevação das vogais médias átonas em posição final. É necessário, para além das variáveis linguísticas, buscar entender como se dá a relação entre os falantes e como é a estrutura social dessa comunidade, já que a elevação das vogais médias átonas, de acordo com Camara Jr. (2007), caracteriza o português do Brasil. Os índices dos estudos citados, e em especial o de Link (2015), apresentam-nos um quadro oposto, de surpreendente preservação das vogais médias átonas.

Olhando mais de perto para esses resultados, notamos que em todos os trabalhos algumas características geográficas e de colonização são semelhantes, como o fato de conservarem dialetos de imigração italiana e alemã ou de fazerem fronteira com a Argentina. Esse fato dá pistas de que outros fatores, não apenas os internos da língua, atuam e sustentam esse forte índice de preservação vocálica.

Além dos fatores internos da língua, é preciso entender um pouco mais a localidade e suas práticas sociais. Trabalhos como o de Bortoni-Ricardo (2011) e Battisti (2014) sugerem que é necessário esclarecer como se dão as relações sociais e culturais entre os habitantes, como esses agem nas trocas linguísticas. O tema deste trabalho é, então, a aplicação variável da elevação de /e/ e /o/ postônicos finais em baixos índices em Esquina Barra Funda, Novo Machado – RS, numa aparente resistência ao processo, com um estudo da comunidade de fala, das comunidades de prática e a análise da rede dos informantes.

Busca-se responder às seguintes questões: a que fatores linguísticos e sociais correlacionam-se a elevação de /e/ e /o/ em sílabas átonas finais no português de Esquina Barra Funda? Em que quadro de práticas sociais insere-se a elevação nessa comunidade? Qual a rede de relações dos informantes e que efeito têm na manutenção do vernáculo local?

1.2 HIPÓTESE DE PESQUISA

Sendo Esquina Barra Funda uma comunidade rural de população pequena, cujos moradores são bilíngues (português-variedades dialetais alemãs, em sua maioria) e interagem muito mais entre si do que com sujeitos de fora¹ (que poderiam influenciar uma mudança no vernáculo local), as práticas sociais, culturais e linguísticas da comunidade contribuem para a preservação das vogais médias átonas em posição final.

1.3 OBJETIVOS

¹ Tais sujeitos de fora costuma ser: bancários, médicos, atendentes da área da saúde, comerciantes de implementos agrícolas, professores e colegas de aula e outros indivíduos habitantes da zona urbana de Novo Machado.

A seguir apresentaremos os objetivos que norteiam esta tese e que tentaremos atingir ao final do trabalho. Em 1.3.1 está o objetivo geral e em 1.3.2 estão objetivos específicos.

1.3.1 Geral

- Analisar, no que se refere à elevação variável de /e/ e /o/ em posição átona final absoluta, as relações sociais, os aspectos culturais e geográficos relativos ao comportamento linguístico dos falantes de uma variedade de português brasileiro em/de² contato com variedades dialetais alemãs, contribuindo para a descrição do português falado no sul do Brasil.

1.3.2 Específicos

- Verificar que fatores linguísticos e sociais correlacionam-se à elevação de /e/ e /o/ em sílaba final átona e aberta no português falado em Esquina Barra Funda, comunidade rural do município de Novo Machado, Rio Grande do Sul.
- Descrever as práticas sociais em que as vogais médias átonas finais em sílaba sem coda emergem elevadas ou preservadas da elevação.
- Construir a matriz de rede social dos informantes do estudo de Link (2015) e analisar seus efeitos na elevação ou preservação das vogais médias átonas finais.

1.4 ESTRUTURA DO TRABALHO

Esta tese está estruturada em 4 capítulos, sendo o primeiro esta introdução, que apresenta o tema de estudo, a hipótese da pesquisa, além dos objetivos, geral e

² Em contato porque há bilinguismo português-alemão na comunidade. De contato porque também há monolíngues-português na comunidade. Esses falam uma variedade de Português Brasileiro com marcas locais devido ao contato com variedades dialetais alemãs de imigração;

específicos, uma breve apresentação da comunidade, dos resultados da pesquisa de Link (2015) e de outros estudos sobre o tema.

No capítulo 2, apresentaremos a fundamentação teórica da pesquisa, visitando temas como a Teoria da Variação (LABOV, 2008), análise de redes sociais (BORTONI-RICARDO, 2011), variação e práticas sociais (ECKERT, 2000), a identidade (BOURDIEU, 2000) e cultura local/rural (DURHAM, 2004), bilinguismo e contato linguístico (WEINREICH, 1953; FERGUSON, 1959; FISHMAN, 1967).

No terceiro capítulo, apresentaremos a metodologia utilizada na análise de regra variável, que implicou, para a devida codificação dos dados, efetuar controle acústico de realizações duvidosas de vogais médias átonas em posição final; na análise de rede, na observação participante.

No capítulo 4, apresentaremos e discutiremos os resultados obtidos nas análises efetuadas. No quinto capítulo, trataremos das conclusões, revisitando resumidamente o percurso da tese, seus resultados e avaliando as contribuições do estudo.

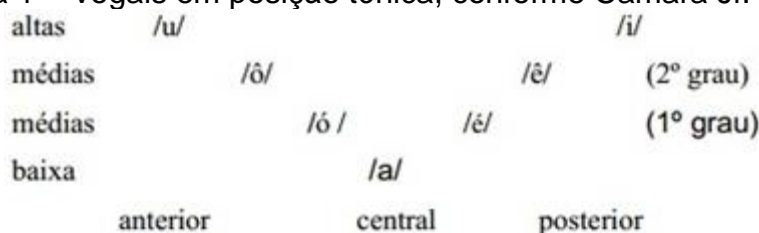
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, além de apresentar a caracterização fonológica do sistema vocálico do português brasileiro, revisaremos estudos que versaram sobre a elevação vocálica no português do Brasil. Além disso, trataremos da Teoria da Variação, variação linguística e práticas sociais, bilinguismo, linguagem e cultura, rede social.

2.1 ELEVAÇÃO

Camara Jr. (2007) representa o sistema vocálico do português brasileiro em um triângulo, classificando as vogais de acordo com seu movimento articulatorio vertical (altura) e horizontal (anterior/central/posterior).

Figura 1 – Vogais em posição tônica, conforme Camara Jr. (2007)



Fonte: Camara Jr. (2007, p. 43)

Existem, segundo o autor, vogais tônicas, vogais pretônicas, postônicas não finais e postônicas finais. É a partir da posição tônica que a descrição do sistema vocálico precisa ser feita, pois é nessa posição que se distinguem todas as vogais do sistema. Na posição tônica, portanto, contrastam /i/ e /e/ e /o/ e /u/. Descrevendo essas vogais em relação à sua altura, teremos: a vogal baixa /a/, as vogais médias de primeiro grau /é/ e /ó/, as vogais médias de segundo grau /è/ e /ô/ e as vogais altas /i/ e /u/. Nessa posição, as vogais produziram distinções de significado, como em s[a]co, s[e]co (adjetivo), s[é]co (1ª p.s. do verbo *secar*), s[o]co (substantivo), s[ó]co (1ª p.s. do verbo *socar*), s[i]go e s[u]co.

Ainda em posição tônica, porém antes de segmentos nasais (*sonho, cama*), o autor indica que a distinção entre as vogais de primeiro grau é eliminada e a vogal central é levemente posteriorizada. Nesse ponto, o sistema vocálico contaria com 5 vogais contrastivas.

Nas posições átonas, ocorre o que Camara Jr. (2007) interpreta como neutralização, pois há a perda de algumas oposições entre vogais, acarretando a redução do número de fonemas: a oposição entre as vogais médias de primeiro grau /ɛ/ e /ɔ/ e segundo grau /e/ e /o/ é eliminada, como em *b[ɛ]lo*, *b[e]leza*, *f[ɔ]rma* e *f[o]rmoso*. Além disso, também nessa pauta, a vogal baixa central sofre uma leve posteriorização.

Na posição postônica, de acordo com Camara Jr. (2007), as vogais podem ser não finais e finais. Na posição postônica não final, há a neutralização somente entre /o/ e /u/, em formas como *pér[u]la* para *pér/o/la*. Por fim, na posição postônica final, restam três vogais contrastivas, /u/, /i/ e /a/, pois ocorre a neutralização entre as vogais médias e as altas, em formas como *bol[u]* para *bol/o/* e *tim[i]* para *tim/e/*.

Cabe ressaltar aqui que Camara Jr. (2007) tem como base o dialeto carioca e que as análises estruturalistas como a dele não consideravam a variação. Vieira (1994) observa que a pauta vocálica proposta por Camara Jr. (2007), com afirmações categóricas, não necessariamente dará conta da variação existente em diferentes dialetos.

Sobre a elevação das vogais médias em posição átona em variedades sul-brasileiras do português, podemos citar os estudos de Vieira – além do trabalho de 2002, brevemente revisado na Introdução, os trabalhos de 1994, 1997, 2009, 2010; os estudos de Roveda (1998), Schmitt (1987), Carniato (2000), Mallmann (2001), Silva (2009) e Mileski (2013). Apresentaremos aqui alguns resultados desses trabalhos.

Schmitt (1987) analisou a redução vocálica de vogais médias tanto em posição final como em posição não final. Sua amostra contou com 12 informantes, sendo 4 bilíngues da cidade de Taquara (colonização alemã), 4 bilíngues da cidade de Veranópolis (colonização italiana), 4 monolíngues da cidade de Livramento (fronteira com o Uruguai) e, como teste, 1 informante da região metropolitana.

A autora parte da hipótese de que as vogais médias átonas finais e não finais sofreriam variação pelo contato com outras línguas na região de fronteira e de colonização italiana e alemã. Na região metropolitana, o informante selecionado elevou a postônica categoricamente. Cabe ressaltar que Schmitt (1987) não analisou a posição das vogais separadamente, fazendo a análise conjunta das postônicas finais e não finais. A autora controlou as variáveis: acentuação, contexto

precedente, contexto seguinte, juntura, classe morfológica e posição no sintagma frasal. Extralinguisticamente, foi considerada a variável tipo de entrevista.

No contexto precedente, em relação à vogal /o/, Schimitt (1987) conclui que, para os alemães, as labiais [p, b, f, v] tiveram influência no processo de elevação. Já para os fronteiriços, os fatores condicionantes foram [l, n, m] e, para os italianos, o contexto precedente não apresentou relevância. No contexto seguinte, para /o/, os fatores [k, g, d, t] foram favorecedores para os alemães, enquanto para os fronteiriços os fatores favorecedores foram [t, d, s, z] e, para os italianos, [p, b, f, v].

No contexto precedente para a vogal /e/, tanto alemães como fronteiriços e italianos apresentaram os fatores [k, g, d, t] como favorecedores, e, no contexto seguinte, [t, d, s, z] foram condicionantes do processo de elevação para todos os grupos. Ainda sobre o estudo de Schimitt (1987), a juntura foi considerada favorecedora da elevação no grupo de italianos e fronteiriços.

Os resultados de Schimitt (1987) mostram, portanto, que o processo de elevação vocálica é efeito de fatores linguísticos (contexto fonológico precedente e seguinte) e de condicionamento social (região de origem do informante e etnia de base). O trabalho de Vieira (1994) vai na mesma linha.

Vieira (1994) utiliza dados de entrevistas sociolinguísticas realizadas no Rio Grande do Sul entre 1977 e 1978. Como Schimitt (1987), mas numa amostra maior, Vieira (1994) tem como objetivo observar quais são os fatores condicionantes da elevação das vogais médias postônicas finais e também das não finais. A constituição da amostra foi a seguinte: 28 informantes, sendo 7 da cidade de Taquara (colonização alemã), 7 da cidade de Veranópolis (colonização italiana), 7 da cidade de Livramento (fronteira com o Uruguai) e 7 informantes da região metropolitana.

As variáveis linguísticas controladas por Vieira (1994) foram: contexto vocálico, contexto precedente, contexto seguinte, tipo de sílaba, classe de palavra e posição da sílaba. Já as variáveis extralinguísticas foram: etnia, sexo e tipo de entrevista. De todas as variáveis controladas por Vieira (1994), contexto seguinte, classe de palavra e tipo de entrevista não influenciaram a regra. Em contrapartida, etnia foi considerada a mais relevante: italianos e informantes da fronteira mostraram-se mais propensos à preservação das vogais médias, enquanto alemães ficaram próximos do ponto neutro e apresentaram maior elevação de /o/ do que de /e/.

Em relação ao contexto precedente, Vieira (1994) verificou que as consoantes obstruintes [t, d, k, g, p, b, f, v] foram favorecedoras da aplicação da regra. Além disso, o fator nasal no contexto precedente mostrou leve favorecimento da elevação de /e/. No contexto vocálico, vogal alta na palavra mostrou-se favorecedora da elevação tanto de /e/ como de /o/. Por fim, na variável tipo de sílaba, o fator sílaba com coda /S/ favoreceu a elevação de ambas as vogais; na variável posição da sílaba, sílaba final pesada favoreceu a elevação de /e/, enquanto sílaba final pesada e sílaba final leve favoreceram modestamente a elevação de /o/.

Cabe apontar que, já nesse estudo, Vieira (1994) indica ser maior a probabilidade de elevação de /e/ em sílaba final leve, contexto investigado na presente tese, enquanto a elevação de /o/ tem probabilidade de ocorrer tanto em sílaba final leve quanto em sílaba final pesada.

Em outras comunidades, duas do Rio Grande do Sul e duas de Santa Catarina, Roveda (1998) estudou a elevação das vogais médias átonas finais a partir de amostra do banco de dados VARSUL. A pesquisadora contou com 48 informantes, 24 das regiões metropolitanas de Porto Alegre e Florianópolis e 24 de Flores da Cunha e Chapecó, sendo esses últimos bilíngues (português e italiano) e os primeiros, monolíngues. As variáveis linguísticas consideradas pela autora foram: contexto precedente, juntura, classe de palavra, presença da vogal alta e tipo de coda. Extralinguisticamente, foram controlados sexo, bilinguismo, idade e escolaridade.

Os resultados de Roveda (1998) indicam, no contexto precedente, consoantes palatais e labiais como favorecedoras da elevação de /o/ e consoantes palatais e dorsais como favorecedoras para /e/. Como no estudo de Vieira (1994), o fator coda /S/ favoreceu tanto a elevação de /e/ quanto de /o/, enquanto o fator coda /N/ favoreceu a elevação de /e/. Juntura, como no estudo de Schimitt (1987), mostrou-se favorável para o alçamento de ambas as vogais. Por fim, sexo, idade e escolaridade condicionam a elevação de /o/. E, na classe gramatical, o fator verbos favoreceu a elevação de /e/, enquanto o fator advérbios favoreceu a elevação de /o/.

O estudo de Roveda (1998) confirma o que Vieira (1994) e Schimitt (1987) constataram: os condicionadores linguísticos da elevação de /e/ são em parte distintos dos condicionadores da elevação de /o/. É o que Carniato (2000) também verifica, mesmo em comunidade diferente das investigadas por essas autoras.

Carniato (2000) realizou sua pesquisa com 12 informantes de Santa Vitória do Palmar, cidade de fronteira com o Uruguai. A autora considerou as variáveis linguísticas segmento precedente, segmento seguinte, classe gramatical, contexto vocálico precedente, tipo de sílaba, estrutura da sílaba postônica final, e as variáveis extralinguísticas idade e escolaridade. A autora parte da hipótese de que, por ser uma região de fronteira e haver o contato entre a língua portuguesa e a espanhola, os falantes preservariam as vogais médias quando em posição final. Carniato (2000) verificou o papel favorecedor do fator coronal na variável contexto precedente para /e/ e para /o/. Em relação ao contexto seguinte, as nasais mostraram-se favorecedoras apenas para /o/.

Mallmann (2001) também contribuiu com o estudo da elevação das vogais médias átonas finais, investigando o processo na cidade de Santo Ângelo. O autor controlou as seguintes variáveis linguísticas: tonicidade, contexto precedente, contexto seguinte, classe gramatical, tipo de vogal, gênero, escolaridade e etnia. Todas as variáveis sociais favoreceram a regra de elevação, sendo os jovens os que mais elevam. Na variável gênero, são as mulheres que favorecem o processo de elevação.

Os resultados de Mallmann (2001), como os de Roveda (1998), mostram o papel condicionador de variáveis sociais como sexo/gênero e escolaridade sobre a elevação de /e/ e /o/ em sílaba átona. É o que Vieira (2002), já brevemente revisada na Introdução, testa em seu estudo, verificando, além disso, o efeito de localização geográfica sobre o processo, bem como da presença de vogal alta na sílaba seguinte e das fricativas /s, z/ e das labiais precedentes.

Vieira (2002) afirma que os falantes do Rio Grande do Sul tendem a elevar tanto /e/ quanto /o/; os de Santa Catarina apresentam uma atitude neutra, preservando e elevando as vogais médias na mesma medida; e os do Paraná tendem à preservação das vogais médias em posição átona final. Em relação às cidades analisadas, Porto Alegre apresenta maior índice de elevação das vogais médias em posição final e não final, Curitiba apresenta maior preservação em posição não final e Flores da Cunha, Chapecó e Irati apresentam uma maior preservação de /e/. Por fim, Vieira (2002) conclui que a regra de neutralização está aos poucos sendo introduzida no sistema vocálico do sul do Brasil, condicionada tanto por fatores linguísticos como por extralinguísticos.

Os resultados de Vieira (2002) sugerem que o padrão de elevação das vogais médias em posição final seja distinto nas diferentes comunidades investigadas, se não nas variáveis condicionadoras, no papel mais ou menos forte dos fatores reunidos nessas variáveis. A força desses fatores pode estar correlacionada a características de cada comunidade, ligadas à sua sócio-história e economia. Estudos posteriores ao de Vieira (2002) sobre a realização do sistema vocálico do português brasileiro no sul do país, em especial no Rio Grande do Sul, no que diz respeito à elevação das vogais médias átonas finais, mostram a pertinência dessa ideia.

Silva (2009), outra autora referida na Introdução, verificou que a elevação das vogais médias átonas finais apresenta aplicação variável em Rincão Vermelho, tendendo mais para a preservação das vogais médias. A elevação de /o/ ocorre mais geralmente do que a de /e/, o que vai ao encontro de trabalhos como os de Vieira (2002) e Mallmann (2001).

Por fim, também Mileski (2013) faz a análise da elevação variável das vogais médias em posição átona final. Sua pesquisa, realizada na cidade de Vista Alegre do Prata com descendentes de imigrantes poloneses, apresenta como resultado uma maior preservação das vogais médias, e, como já esperado pela autora, uma frequência maior de elevação de /o/ em relação a /e/. Tal resultado vai ao encontro do verificado pelas pesquisas já citadas, como Silva (2009), Vieira (2002) e Mallmann (2001): as regiões de contato entre línguas tendem à preservação das vogais médias, principalmente no sul do Brasil.

Os estudos revisados revelam fatores que condicionam ou não a elevação das vogais médias em posição átona. Especialmente no que se refere às variáveis sociais, constatam que a localização geográfica tem efeito sobre o processo, o que pode relacionar-se a práticas sociais locais. Nenhuma referência é feita, nesses trabalhos, ao bilinguismo local, aspecto que se espera na presente Tese.

Investigar um processo variável e práticas sociais locais, como se faz nesta tese, é perspectiva relativamente recente nos estudos de variação linguística. Inaugurada por Eckert (2000), essa perspectiva encaixa-se em um quadro teórico maior, norteador dos estudos da área, a que se denomina Teoria da Variação.

2.2 TEORIA DA VARIAÇÃO

A linguística de cunho formal, tradicionalmente identificada com Saussure ([1916] 1995) e Chomsky (1957), preocupou-se por bastante tempo com a parte homogênea da língua, não com sua heterogeneidade condicionada por fatores de fora da própria língua, relativos a grupos de indivíduos, fatores que pertencem a um âmbito social. Essa tendência já se verificava antes mesmo do advento da linguística como ciência, nos estudos de mudança linguística realizados por neogramáticos e comparatistas.

Dando corpo aos estudos em Sociolinguística, a Teoria da Variação (LABOV, 2008) surge com o intuito de entender o processo de mudança para além dos fatores internos. Nessa empreitada, a obra considerada como fundadora dessa proposta teórico-metodológica é *Empirical foundations for a theory of language change*, publicada em 1968 por Weinreich, Labov e Herzog. Com base na ideia de que a concepção de língua como um sistema homogêneo impossibilita entender a mudança, os autores buscam explicar os fenômenos variáveis através de um novo olhar, que leva em consideração a variação linguística. A análise da variação leva em consideração também o componente social, elemento este não considerado em modelos anteriores.

Antes mesmo de 1968, Labov (1963) estudou a centralização dos ditongos /ay/ (*light*, 'luz') e /aw/ (*house*, 'casa') no inglês falado na ilha americana de Martha's Vineyard. Inseriu-se na comunidade, fazendo observações no âmbito social e linguístico. Constituiu uma amostra de fala representativa da comunidade, para a realização de uma análise quantitativa. Nesse trabalho, Labov objetivava descrever a variação da língua falada e compreender sua sistematização, para o que se fazia necessário o tratamento estatístico (quantitativo) de dados empíricos.

Voltando a Weinreich, Labov e Herzog (1968), temos a introdução do conceito de heterogeneidade ordenada, isto é, de que a variação não é aleatória. Segundo Sankoff (1988), a variação segue regras e pode ser analisada usando-se métodos estatísticos. Tais regras não são categóricas, mas variáveis, gerando duas ou mais formas que competem e podem ser utilizadas no mesmo ambiente linguístico, pois são indiferentes em termos de significado (referencial).

Tais regras variáveis, segundo Labov (1963), estão relacionadas a fatores que tanto podem ser linguísticos quanto extralinguísticos. A escolha, em determinada

comunidade, de uma variante em detrimento de outra com o mesmo valor de verdade (significado referencial), conforme Tarallo (1986), pode estar condicionada aos fatores internos da língua ou aos fatores sociais, ou a ambos. É por essa razão, como afirma Carniato (2000), que o pesquisador variacionista deve lançar mão de técnicas quantitativas para tentar entender a aplicação das regras variáveis pelos falantes.

Para isso, além dos fatores linguísticos, os fatores que dizem respeito aos grupos de indivíduos em suas comunidades devem ser considerados ao se proceder a uma análise que tenha por objetivo avaliar formas concorrentes em determinados contextos. Tais fatores podem corresponder a aspectos como sexo ou gênero, idade, escolaridade, classe social, entre outros.

É com a análise dessas formas em concorrência e sua correlação com variáveis linguísticas e extralinguísticas que a Teoria da Variação (LABOV, 2008) busca captar a sistematicidade da variação sincronicamente, tomando-a como mecanismo da mudança linguística, com que pode alcançar também a dimensão diacrônica dos processos. A análise de dados nessa linha de investigação denomina-se análise de regra variável (ARV). Ela permite perceber se existe uma mudança em progresso (quando há o predomínio de uma forma variável em relação à outra e o incremento do uso da forma predominante pelos mais jovens) ou se existe variação estável (pode haver predominância de uma variável em relação à outra, mas não há incremento de uso pelos mais jovens).

Porém, essa análise não é assim tão simples. A mudança em progresso pode ser confundida, por exemplo, com gradação etária³, principalmente quando fazemos o recorte de uma língua em apenas um momento (na análise de regra variável em tempo aparente).

Para minimizarmos as chances de uma má interpretação, é indicado realizarmos a análise em tempo aparente e em tempo real (LABOV, 1994). A análise em tempo aparente leva em consideração as faixas etárias dos indivíduos que fornecem os dados de fala e a clássica concepção de que a língua de um indivíduo estabiliza-se na juventude. Comparam-se as proporções de aplicação da regra pelos diferentes grupos etários. Se, do grupo mais idoso ao mais jovem, houver

³ Gradação etária verifica-se quando os indivíduos incrementam o uso de uma variante em uma certa fase de suas vidas, na juventude, por exemplo, por razões como o ingresso no mundo profissional, minimizando seu uso posteriormente, na maturidade, sendo que, no período de incremento, o padrão da comunidade em que se inserem não sofre alteração.

incremento na aplicação da regra, é possível afirmar que o processo é variação na mudança em progresso.

Já a análise em tempo real prevê coletas de dados mais de uma vez na mesma comunidade, após um intervalo de tempo. Comparam-se as proporções de aplicação da regra nesses diferentes momentos de coleta. A pesquisa em tempo real pode ser feita com os mesmos indivíduos e o mesmo instrumento da primeira pesquisa (estudo de painel) ou com outros indivíduos, mas de mesmo perfil, da mesma comunidade, escolhidos aleatoriamente (estudo de tendência). Teremos, assim, dados e índices de aplicação da regra numa língua em dois momentos históricos diferentes, possivelmente distintos em razão de particularidades sociais.

Em termos metodológicos, além da necessidade de empregar métodos estatísticos na análise dos dados de fala, a análise de regra variável inspirada pela Teoria da Variação requer cuidado no uso de seu tradicional procedimento de coleta de dados, a entrevista sociolinguística, uma conversa semi-dirigida. Labov (2008) chama atenção para o Paradoxo do Observador, o fato de os falantes, ao sentirem-se observados durante a coleta de dados, aproximarem sua fala do que acreditam ser as formas mais prestigiadas da língua, quando na verdade é necessário que o informante utilize sua fala casual para obtermos um retrato mais fiel da realização da língua na fala cotidiana, não monitorada. Por isso, a entrevista sociolinguística é conduzida como se fosse uma conversa em torno de tópicos ou questões previamente estabelecidas, abrangidas conforme o desenrolar da interação entre o pesquisador e o informante.

A análise de regra variável laboviana, realizada com dados levantados de entrevistas sociolinguísticas, fornece um retrato da distribuição das formas variantes no padrão de fala das comunidades e as correlações entre essas formas e categorias sociais amplas. Opera com a noção de comunidade de fala, entendida pelo compartilhamento de normas por um determinado grupo, em relação à língua. (LABOV, 1972). Uma etapa seguinte à análise pode ser empregar métodos etnográficos para investigar práticas sociais em que emergem as variantes e que dão significado a elas no uso linguístico. Para tal investigação, é necessário considerar os aspectos históricos de constituição da comunidade de fala que, nesta tese, é Esquina Barra Funda.

2.2.1 A comunidade de fala

A sócio-história de Esquina Barra Funda e do município a que Esquina pertence, Novo Machado/RS, relaciona-se à chegada de imigrantes alemães à região noroeste do estado.

Figura 2 – Localização de Novo Machado no Brasil e no Rio Grande do Sul



Fonte: BATTISTI e LINK (no prelo)

No Rio Grande do Sul, o processo de colonização tem início com a proposta colonizatória de D. João VI. De acordo com Herédia (2001), com a chegada de D. João VI em 1808 ao Brasil, o processo de colonização buscava uma forma de superação dos modelos da formação inicial do país, vale dizer, buscava-se um modo de inovação estrutural e social. Ao mesmo tempo, era necessário ocupar áreas vazias com vistas à defesa das fronteiras e criar uma classe que pudesse substituir a mão de obra escrava pelo trabalhador livre, além de desenvolver a agricultura e os serviços de infraestrutura.

Em relação à comunidade de Esquina Barra Funda, é preciso dizer que é rural, mas com uma ruralidade protegida: não faz divisa com perímetros urbanos ou densamente habitados. Seus limites são com áreas também rurais de baixa população. Localiza-se no interior de Novo Machado, o que se explica pelos movimentos de imigração e colonização que ocorreram no Rio Grande do Sul, divididos em duas grandes fases (ROCHE, 1969). A primeira refere-se à chegada dos imigrantes entre 1824 e 1889, e a segunda fase são os movimentos de imigração após 1890.

A primeira grande fase subdivide-se em períodos. De 1824 a 1847, como resultado do programa de colonização do governo imperial, os imigrantes alemães começam a chegar ao Rio Grande do Sul e são distribuídos ao longo do Vale do Rio dos Sinos, na antiga colônia de São Leopoldo. Recebem lotes de terra e subsídios para o cultivo desses. De acordo com Herédia (2001), entre 1824 e 1830 chegaram ao estado 5300 colonos alemães, que foram distribuídos no Vale do Rio dos Sinos, na colônia de São Leopoldo.

No ano de 1830, conforme Roche (1969), devido às crises políticas que ocorriam no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul, a imigração foi interrompida. A Lei de Orçamento suspendia os créditos para a colonização por parte de estrangeiros. Em 1834, o governo imperial passa aos governos provinciais a responsabilidade pela colonização, porém sem esclarecer quais eram as atribuições e de onde viriam os recursos para a fundação de novas colônias. Em meio a isso, começa em 1835 no Rio Grande do Sul a Revolução Farroupilha, que afastou as possibilidades de investimento do governo provincial na colonização.

Após o final da Revolução Farroupilha, retoma-se a formação de novas colônias, através da cedência, para as províncias, das terras devolutas pertencentes ao Governo Geral. Tais terras seriam cedidas gratuitamente aos colonos, visando à exploração intensiva das terras e ao povoamento de áreas antes pouco habitadas.

No segundo período (1848-1874) da primeira grande fase imigratória, segundo Roche (1969), fundaram-se as colônias de Santa Cruz (1849), Santo Ângelo (1855), Nova Petrópolis (1858) e Monte Alverne (1859). No terceiro período (1874-1889), apenas 6000 imigrantes alemães chegaram ao Rio Grande do Sul e nenhuma nova colônia foi criada pelo governo, tendo havido, ao invés disso, a emancipação em 1881 das colônias de Nova Petrópolis, Santo Ângelo e Monte Alverne.

Chega-se então à segunda grande fase do processo de colonização das terras do Rio Grande do Sul. A partir de 1890 e sob a administração do governo no estado, retoma-se o processo de abertura de novas colônias, com a gestão feita pela Delegação Especial de Terras e Colonização, órgão do governo federal. Segundo Roche (1969), no período de 1890 a 1914 começam a desenvolver-se núcleos como o de Guaporé (1892), D. Francisca e Botucaraí (1890), Toropi (1890) e, no planalto setentrional, Ijuí (1890) e Guarani (1891). Tais núcleos apresentaram distintas velocidades e maneiras de desenvolvimento. Por exemplo, apesar de terem sido

fundados com apenas um ano de diferença, o núcleo de Ijuí apresentou um desenvolvimento populacional mais rápido do que o núcleo de Guarani, que teve seu grande desenvolvimento quando Santo Ângelo recebeu a via férrea.

A partir do desenvolvimento do núcleo de Guarani, é fundada em 1915 a Colônia de Santa Rosa, com a intenção de regularizar a situação dos colonos que ali estavam. Partindo de Santa Rosa, a colonização oficial chega então a Porto Lucena e Tucunduva, com imigrantes de origem predominantemente germânica que trabalharam na abertura de estradas e no desenvolvimento da agricultura na região. Nessa sequência, surge Novo Machado. De acordo com Scheid e Priebe (1997), a colonização das regiões que hoje pertencem a Novo Machado (na época Tucunduva) começa por volta de 1918 e a ordem de estabelecimento das localidades é a seguinte: Esquina Água Fria (1918), Novo Machado (1918), Lajeado Limoeiro (1920), Lajeado Gateados (1920), Lajeado Machado (1923), Lajeado Terrêncio (1924), Esquina Machadinho (1924), Três Pedras (1926), Vila Pratos (1926), Nova Esperança (1927), Lajeado Touros (1928), Belo Centro (1930), Água Fria (1930), Lajeado Gateadinhos (1930), Barra do Terrêncio (1931), Boa União (1932), Barra do Machado (1925), Lajeado Comprido (1936), Barra Funda (1938), Esquina Boa Vista (1938), Lajeado Saltinho (1938), Lajeado Corredeira (1939), Esquina Barra Funda (1940)⁴, Lajeado Marrocas (1942) e Rincão dos Claros (1944).

A ocupação das terras deu-se por meio de negociações junto da empresa Dahne Conceição. Essa vendia as terras aos colonos à vista ou em prestações ou, eventualmente, mediante pagamento por prestação de serviços, uma vez que os colonos ajudavam na construção e melhoria das estradas de acesso à comunidade e a localidades próximas.

O município de Novo Machado, de acordo com dados do IBGE (2017)⁵, emancipou-se de Tucunduva em 20 de março de 1992 e está localizado no noroeste do estado do Rio Grande do Sul. Tem como municípios limítrofes Doutor Maurício Cardoso, Tucunduva, Tuparendi, Porto Mauá e faz fronteira fluvial (através do Rio Uruguai) com a comunidade de Colônia Aurora, situada no município de 25 de Mayo, na Argentina.

⁴ A maioria dos residentes em Esquina Barra Funda é da 3ª geração de descendentes de imigrantes alemães. Apenas uma das informantes desta pesquisa tem o pai nascido na Alemanha e diretamente assentado na comunidade. Os demais, quando vindos da Alemanha, tiveram o primeiro contato com o português nos locais a que se dirigiam inicialmente: São Leopoldo, Santa Cruz do Sul, Santo Ângelo.

⁵ <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/novo-machado/historico>. Acesso em 24 jun. 2019.

Ainda de acordo com o IBGE (2017), atualmente Novo Machado conta com cerca de 3.757 habitantes, sendo esses de origem alemã, italiana, polonesa, lusa, entre outras. É majoritariamente agrícola e dividida em pequenas comunidades. Entre essas comunidades está Esquina Barra Funda, tratada neste trabalho.

2.2.1.1 O início da comunidade de Esquina Barra Funda e as tradições culturais alemãs

Esquina Barra Funda foi fundada em 1940. A denominação é baseada na comunidade limítrofe 'Barra Funda' (chamada assim por estar localizada perto de um riacho de grande profundidade), a ela tendo-se acrescentado o termo Esquina, que provém de sua localização alta e de fácil acesso a outras comunidades.

É uma comunidade rural, pequena, que faz fronteira (fluvial) com a Argentina. Possui pouco mais de 300 habitantes, a maioria descendente de imigrantes alemães que vieram até a localidade na segunda grande fase do processo de colonização do Rio Grande do Sul, em busca de novas terras onde pudessem estabelecer-se.

Figura 3 – Localização de Esquina Barra Funda em Novo Machado



Fonte: Google Maps. Acesso em 15 de maio de 2019.

Esquina Barra Funda é formada basicamente por pequenas propriedades de agricultura familiar. Os agricultores produzem principalmente tabaco, visto que esta é uma cultura que se adapta mais facilmente a terrenos menos planos e que tem um bom rendimento financeiro em relação a culturas como soja, que necessita uma grande quantidade de terra para uma produção rentável. Aliada à produção de

tabaco, também existe o plantio de pequenas quantidades de milho, usado para a venda e para a alimentação dos rebanhos suínos e bovinos.

A criação de animais serve basicamente para consumo próprio e para o trabalho, havendo algumas vezes negociação entre os moradores de algum gado, mas não existe criação de animais para venda em grandes quantidades ou para abate. Também na pecuária, alguns moradores possuem gado leiteiro, produção que é vendida para empresas de laticínios de fora. Essa produção leiteira proporciona alguma renda para os moradores de Esquina Barra Funda, apesar de não existir na comunidade um grande produtor de leite. Deriva dessa atividade também a produção de queijo para a venda na comunidade e para o consumo próprio das famílias.

A maioria das famílias mantém em suas propriedades uma pequena horta para cultivo de hortaliças e legumes, além da criação de galinhas para o consumo de carne e ovos. Também é comum a pequena plantação de mandioca e feijão, mas raramente voltada ao comércio. Esses produtos constantemente são usados como moeda de troca entre os membros da comunidade: troca-se um produto que se produz por outro diferente, que o vizinho ou amigo produz.

O trabalho nessas pequenas propriedades fica a cargo dos próprios donos das propriedades, uma vez que nelas há culturas feitas em pequena quantidade. A exceção disso é o plantio do tabaco, que necessita de uma grande quantidade de trabalho. Por vezes, os proprietários contam com o trabalho de vizinhos ou parentes, que são contratados para empreitadas específicas, principalmente em tempos de colheita.

É comum, também, na comunidade, a troca de força de trabalho por produtos. Um exemplo disso são os dias de abate de animais, quando o trabalho não pode ser feito apenas pelos proprietários. Algum vizinho ou conhecido que tenha experiência no trabalho é chamado para ajudar. Como pagamento, geralmente entrega-se parte da carne do abate, ou parte da produção de embutidos (comum no abate de suínos) para esse ajudante e sua família.

Alguns moradores possuem açudes em suas propriedades, utilizados como fonte de água para o gado e também para a produção de alguns peixes, consumidos especialmente na sexta-feira santa. Essa produção é realmente pequena, dada a proximidade das propriedades com o Rio Uruguai, onde pescadores da comunidade vizinha, Lajeado Corredeira, pescam e vendem peixes.

Hoje, em Esquina Barra Funda, existe também um viticultor, que cultiva uvas para a sua produção de vinho, venda na comunidade e para alguns produtores de vinho da região, que na época de colheita buscam parte da produção daquele viticultor. Ainda em termos de produção de bebidas, existe na comunidade uma agroindústria de aguardente, que distribui seus produtos para todo o município de Novo Machado e algumas cidades da região. Essa empresa produz também melado, comercializado principalmente na própria comunidade e nas comunidades próximas.

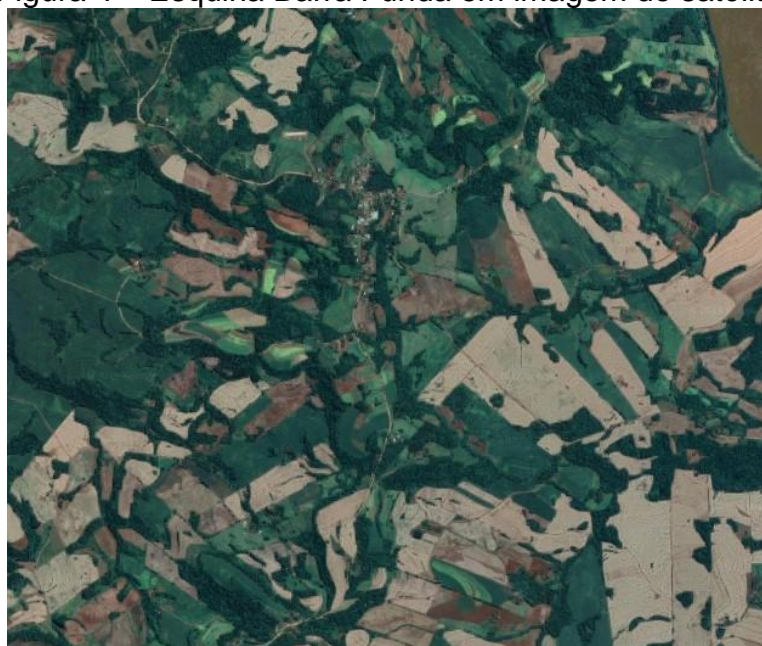
No que diz respeito a estabelecimentos comerciais, há em Esquina Barra Funda, além da agroindústria de aguardente, uma panificadora, que produz pães,ucas⁶ e bolachas para a venda ali mesmo e nas comunidades próximas; dois minimercados, que vendem os insumos do dia a dia não produzidos ali, além de itens de papelaria e bazar, rações específicas para a alimentação dos animais, insumos veterinários, doces e guloseimas; dois bares que trabalham apenas com o consumo de bebidas; uma oficina mecânica.

Percebemos, então, que a comunidade é extremamente ligada ao campo, principalmente à pequena produção, a uma agricultura de subsistência. Podemos adicionar, além disso, a grande ligação que a comunidade tem com sua fé. A comunidade é em sua maioria evangélica. Na época litúrgica da ação de graças, é realizado um culto em que os moradores são convidados a levar ao altar um pouco de sua produção para agradecer pelas colheitas, costume esse que vem desde a formação da comunidade.

Os primeiros moradores de Esquina Barra Funda chegaram à localidade após longas viagens a pé ou de carroça. Conforme o livro *Novo Machado: história da localidade de Esquina Barra Funda*, produzido pela prefeitura de Novo Machado em 1995, as terras ocupadas pelos primeiros moradores eram compradas da empresa Dahne Conceição, como se afirmou antes (seção 2.2.1).

⁶ Em Houaiss e Villar (2009), define-se cuca como “bolo de origem alemã, preparado com farinha de trigo, fermento, ovos, manteiga, às vezes coberto de açúcar; cuque [Na culinária brasileira também pode ser coberto de frutas, especialmente maçã ou banana, e ao açúcar frequentemente se mistura canela para o toque final].” (HOUAISS; VILLAR, 2009, p.580).

Figura 4 – Esquina Barra Funda em imagem de satélite



Fonte: Google Maps. Acesso em 15 de maio de 2019

No início, a comunidade teve expressivo crescimento populacional. Era comum as famílias serem compostas por pai, mãe e muitos filhos, além de haver uma forte relação de parentesco entre as famílias, que viajavam juntas em busca de novas terras. As famílias numerosas auxiliaram na construção da comunidade.

Como relatado pela informante **JP**, 64 anos, a igreja, mais especificamente a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, foi inaugurada em 1950 e sua construção deu-se em forma de mutirão: os moradores reuniam-se e juntavam a força de trabalho para erguer a igreja. Essa união entre os moradores podia ser vista também nas construções das moradias dos que primeiro ali chegaram, a partir de 1940, quando montavam um acampamento geral e ajudavam-se no corte e preparação da madeira, para todos terem sua moradia pronta de forma mais rápida e com poucos custos.

Ainda segundo **JP**, seus pais contavam histórias sobre as dificuldades com água. A comunidade não tinha nenhum poço que pudesse ser utilizado. Então, segundo a informante, as famílias juntavam-se a cada dois dias e, em duas ou três carroças, dirigiam-se ao rio Uruguai, onde enchiam baldes e outros vasilhames com água e traziam-nos para a comunidade, dividindo a água entre todos. Além disso, também havia reservatórios familiares para coletar a água da chuva. Esta tarefa era revezada, não sendo sempre os mesmos moradores que faziam o serviço. Todos

colaboravam e doavam seu tempo para o bem-estar dos familiares e amigos. Essa tarefa se impôs até por volta de 1976.

De acordo com o livro produzido pela prefeitura, foi por essa data que a comunidade instalou um sistema a diesel, que bombeava água de uma vertente e abastecia a comunidade. Tal sistema acabou por ser trocado, do diesel pela eletricidade, uma vez que, por essa época, aconteceu a ligação de Esquina Barra Funda à rede elétrica. À medida que a necessidade de água aumentava e o sistema já não suportava, a comunidade juntou-se novamente para a abertura de um poço artesiano, que funcionou por alguns anos, sendo necessária a perfuração de outro quando o primeiro secou. Este segundo e um terceiro poço funcionaram até 1988, quando a comunidade juntou-se para contratar um serviço externo para a perfuração de um novo poço, que abastece atualmente Esquina Barra Funda.

Sempre com esse espírito de união e ajuda mútua foram construídas ou reformadas as igrejas, sendo que em 1950 foi erguida no local em que está até hoje a igreja da comunidade evangélica e, em 1956, a igreja católica. Ambas já passaram por reformas e renovação.

Até a chegada da rede elétrica, os únicos meios de comunicação exterior dos moradores eram os rádios à bateria. Mesmo assim, nem todos possuíam esse equipamento. Havia um telefone particular, à manivela, cuja central ficava na comunidade de Vila Pratos. Foi então que em 1976 uma família adquiriu a primeira televisão da comunidade, o que acabou por atrair a atenção da vizinhança, sendo comum a reunião dos vizinhos em torno do aparelho, à noite e finais de semana, para acompanhar algum programa.

De acordo com a moradora **FS**, 60 anos, por volta da primeira metade da década de 1940 chegou o sistema de ensino à comunidade, sendo que, antes dessa data, os pais que decidiam enviar seus filhos à escola deveriam encaminhá-los à Vila Pratos. Sobre isso, **AH**, 74 anos, informa-nos que a caminhada de cerca de 18 quilômetros acabava por desanimar muitas das crianças, principalmente no inverno. Por esse motivo, outra vez a comunidade reuniu-se e, disposta a facilitar o estudo de seus filhos, resolveu formar uma sociedade e pagar um professor para que viesse à Esquina Barra Funda. Assim, em 1946 surge a primeira escola, que funcionava em uma casa cedida por um dos moradores.

De acordo com a prefeitura de Novo Machado, em 1951, a sociedade escolar organizou uma diretoria e foi criada oficialmente a Escola Municipal de Barra Funda.

Em 1960, com a reorganização dos sistemas de ensino, a escola passa a ser chamada Escola Rural Isolada de Esquina Barra Funda, e, em 1978, com a nova estrutura, passa a se chamar Escola Estadual de 1º Grau Incompleto Gonçalves Dias. Logo após, em 1979, é novamente renomeada, agora para Escola Estadual de 1º Grau Gonçalves Dias, sendo atualmente denominada Escola Estadual de Ensino Fundamental Gonçalves Dias, e considerada oficialmente como Escola Rural.

Como já mencionado, a comunidade é formada principalmente por descendentes de imigrantes alemães pertencentes à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Esses tradicionalmente organizam a Festa de Kerb, desde 1953, primeiro em salões particulares e, mais tarde, por volta de 1988, a comunidade novamente uniu-se e construiu um salão para realizar a festividade. Esse salão é usado até hoje e já passou por processos de modernização e ampliação. Em 2018, inclusive, a comunidade uniu esforços e, em mutirão, aumentou a capacidade para receber mais visitantes à festa.

A festa de Kerb foi trazida pelos colonos que vieram de Santa Cruz do Sul. Realizava-se sempre nos últimos domingo e terça-feira do mês de maio; hoje apenas no último domingo do mês. Durante o dia, são realizadas brincadeiras tradicionais como a dança da fita, em que casais dançam ao redor de um mastro ao qual estão fixadas, na ponta, fitas coloridas. Os casais dançam de forma a entrelaçar as fitas até chegarem muito próximo ao mastro, e depois dançam no sentido contrário até desenrolá-la.

Outra brincadeira realizada desde a primeira festa é a brincadeira da garrafa: os festeiros escondem uma garrafa de madeira em algum lugar fora do salão (à beira da rua, 100 metros para a esquerda e 100 metros para a direita), a banda segue pela rua tocando músicas tradicionais e os participantes da festa procuram a garrafa. Quem conseguir encontrar, deve adentrar o salão sem ser interceptado por ninguém e sem ter a garrafa tomada por outros.

Também com uma garrafa de madeira é feita uma brincadeira em que, ao centro do salão de danças, fica suspensa a garrafa. Os casais dançam ao redor e alguém deve arrancar a garrafa e sair do salão sem ser interceptado. Como forma de dificultar a saída da pessoa que se arrisca a arrancar a garrafa, casais ficam nas saídas da pista de dança e devem tentar evitar que outros saiam. Uma dança tradicional da festa é a dança da “*Polonese*”, em que o grupo de dança, em casais,

perpassa o salão de bailes em fila, dançando e formando um corredor de dançarinos.

Tempo de Kerbfest é sempre tempo em que os moradores voltam a unir-se para preparar os quitutes, dividem as responsabilidades no que diz respeito ao atendimento aos visitantes no dia da festa, fazem a ornamentação do salão e da comunidade, além de irem às cidades vizinhas fazer o anúncio da festa, juntamente com o grupo de danças da comunidade evangélica.

A tradição alemã está presente para além desses momentos de festa ou lembrança do passado. Considerando-se a alimentação básica dos moradores de Esquina Barra Funda, vemos a influência e a continuidade nos hábitos dos imigrantes. **EL**, 46 anos, diz que, quando era moço, em sua família, os alimentos que nunca faltavam, feitos por sua mãe, eram a cuca e a linguiça. Ele nos diz que até poderiam faltar outras coisas, mas esses eram alimentos do dia a dia. Quando observamos a comunidade nos dias de hoje, percebemos que esses mesmos elementos ainda fazem parte fortemente da alimentação local, seja uma cuca, que é sempre oferecida ao vizinho que veio tomar chimarrão, ou uma linguiça, servida como aperitivo em alguma reunião ou junção de amigos. Sobre isso, **FH**, 21 anos, diz que uma das primeiras coisas que aprendeu a fazer com sua mãe foram cucas, e salienta que faz cuca alemã, descrita por ela como uma cuca de massa mais leve, com grande porção de recheio e uma farofa adocicada como cobertura.

Esquina Barra Funda hoje tem menos habitantes que no seu período mais povoado, assim como as comunidades e a própria cidade de Novo Machado como um todo. Muitos saíram em busca de novas opções à agricultura, como possibilidade de estudo e novas formações. Porém, esse decréscimo populacional estabilizou, e os jovens não mais passam pela necessidade de sair da comunidade, uma vez que conseguem trabalhar por ali mesmo e estudar sem ter que ir morar fora.

Percebeu-se, durante as observações e as conversas com os moradores de Esquina Barra Funda, que existe um grande sentimento de orgulho de sua descendência alemã, além do orgulho pela superação das dificuldades, por perceberem-se como sujeitos do mesmo grupo, para quem a comunidade sempre está em um patamar alto de importância, assim como a família e a religião, pilares que sustentam tradições e mantêm visões da localidade e do mundo à sua volta.

2.3 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E PRÁTICAS SOCIAIS

Segundo Eckert (2000), nas comunidades de fala, os indivíduos participam cotidianamente de diferentes grupos sociais, com quem interagem na execução de diversas tarefas para o alcance de objetivos comuns. Esses grupos são comunidades de prática. Os falantes podem participar de mais de uma comunidade de prática. Nessas comunidades, cada membro terá um determinado tipo de participação, que poderá ser central em um grupo, periférico em outro. De acordo com Eckert (2000), esse posicionamento dos membros nas diversas comunidades de prática resulta das relações e articulações produzidas pelo conjunto de membros.

As trocas linguísticas e as diversas formas e aspectos de participação social dos membros nas comunidades de prática construirão a identidade de cada um e a identidade do próprio grupo, ao longo de toda a vida dos indivíduos. Ainda conforme Eckert (2000), categorias como etnia, idade, classe social, pela significação que carregam, serão também definidoras da posição de cada membro nas suas comunidades de prática. Essa posição sustenta a percepção do indivíduo sobre os grupos e a dos grupos sobre o indivíduo e suas características, entre elas a linguística.

Não é apenas a estrutura de participação nas comunidades de prática o que determina a maneira como a língua é utilizada. Para Bourdieu (2008), as relações simbólicas estabelecidas nas trocas linguísticas marcam diferenças ou distinções sociais resultantes de relações de dominação e poder, por sua vez respaldadas pela soma de capitais (econômico, cultural, social, simbólico)⁷ que os agentes sociais possuem.

No espaço social, o valor das formas da língua define-se por sua circulação num *mercado simbólico* de trocas linguísticas entre agentes situados em diferentes campos e possuidores de determinados capitais e estilos de vida. Nas diversas situações em que os agentes comunicam-se estão em jogo categorias identitárias de

⁷ De acordo com Bonnewitz (2003), na teoria social de Bourdieu os agentes sociais podem possuir diferentes tipos de capital, em volumes diversos: (a) Capital econômico: ligado aos fatores de produção e bens econômicos; (b) Capital cultural: produzido nos sistemas escolares e familiares, pode ser institucionalizado (diplomas e títulos), incorporado (expressão oral, postura) e objetivo (posse de bens culturais); (c) Capital social: conjunto das relações sociais dos indivíduos ou grupos. Relações e atividades (objetivos) em comum; (d) Capital simbólico: ligado à honra e ao reconhecimento e representado pelos rituais sociais como etiqueta e protocolo.

produção e percepção de *personae* (tipos sociais) que, nesse mercado, transformam em *capital* as formas linguísticas usadas nos atos de fala.

Essas formas sustentam trocas que visam a obter um resultado comunicativo, um *lucro* (a aceitação do discurso e, com isso, o alcance dos objetivos motivadores da interação social pela fala). Para isso, os agentes movimentam o mercado simbólico, o que implica a mobilização, por esses agentes, de todas as disposições incorporadas ao longo da vida, isto é, todas as experiências sociais pelas quais o indivíduo passou, transformadas em categorias de (re)produção e percepção do universo social.

Tais experiências e socializações, para Bourdieu (2008), promovem a incorporação de valores pelo indivíduo, valores esses que muitas vezes são tácitos, subentendidos, interpretados como naturais de cada um, mas que em realidade são resultado de todo o processo de socializar-se. Estão incorporados ao que Bourdieu chama de *habitus*⁸. Todas essas incorporações que o indivíduo faz ao longo da vida, seu *habitus*, definirão seu posicionamento perante o mundo e formarão sua *persona*.

Labov (1986) afirma que as mudanças no sistema linguístico não ocorrem isolada e internamente na língua, mas que são resultado, também, de mudanças e pressões sociais, ocorridas nas comunidades e difundidas nas ligações em rede entre os indivíduos que, como vimos, participam de diferentes comunidades de prática. Buscando um entendimento sobre as redes sociais e seu papel na manutenção ou difusão de formas e valores linguísticos, primeiro devemos esclarecer como se dão os modos de participação dos agentes nas comunidades.

De acordo com Meyerhoff (2011), as metas compartilhadas pelos sujeitos de determinada comunidade de prática definem as relações internas dos grupos. A análise dessas comunidades e a relação em rede entre indivíduos poderão fornecer informações sobre o modo como os falantes influenciam-se durante as trocas linguísticas e como acontece seu trânsito entre diferentes comunidades de prática.

Como se verá neste trabalho, as comunidades de prática podem agregar pessoas que compartilhem línguas ou variedades dialetais. Em suas relações em rede, podem promover contato de línguas. Para Weinreich (1953), existe contato

⁸ Conforme Bourdieu (1979), *habitus* é um esquema de disposições estruturais e estruturantes. É produzido pela história de práticas sociais do indivíduo na coletividade. É o conjunto interiorizado de experiências e vivências dos indivíduos, produtor de esquemas de percepção e pensamento. É pelo *habitus* que o indivíduo pauta suas decisões e dá continuidade às práticas sociais já experienciadas e corporificadas.

linguístico quando diferentes línguas são usadas por indivíduos nas suas relações com outros indivíduos, não sendo necessária para tal a existência de uma fronteira geográfica que delimitaria os lugares de utilização de cada língua. A variação implica, além dos fatores geográficos, a estratificação interna das comunidades e suas relações em rede. Os falantes produzem variação mesmo quando monolíngues.

Nas comunidades de prática, os indivíduos utilizam variantes em sua fala de acordo com as relações que possuem com seus interlocutores, seu *status* em determinado grupo e o tipo de conversa, num mercado simbólico de trocas linguísticas. Quando voltamos os olhos para a comunidade de Esquina Barra Funda, notamos a presença de distintas comunidades de prática que agregam os indivíduos: por exemplo, a dos jogos de baralho e bocha no salão da igreja, que ocorrem aos sábados e domingos. Nesse local, reúnem-se quase sempre os mesmos sujeitos, com a intenção de interagir e divertir-se depois da semana de trabalhos e lidas.

No que diz respeito às práticas linguísticas, percebemos nesse local práticas em alemão⁹ e português, visto que em determinados grupos (como em uma mesa de jogadores de baralho) os indivíduos estão falando em alemão; em outro grupo, que pode ser outra mesa de jogo, o português é a língua utilizada. Ao mesmo tempo, esses mesmos sujeitos alternam de uma língua a outra, seja para chamar o atendente por mais uma cerveja ou refrigerante, seja para contar uma piada ou descrever alguma jogada para o grupo que está ao lado.

Em outra comunidade de prática, a das senhoras evangélicas, a prática linguística dá-se praticamente só em língua alemã, mesmo que as senhoras ali reunidas saibam e usem o português em outros momentos dos seus dias. O contraponto dessa comunidade é a das famílias que têm seus filhos matriculados na escola de Esquina Barra Funda. O chamado Círculo de Pais e Mestres, instituição que reúne os professores e responsáveis diretos pelos alunos, organiza reuniões para decidir os rumos da escola, apresentações artísticas, eventos a se realizar,

⁹ Assumindo o ponto de vista êmico (a visão dos próprios sujeitos da pesquisa), chamaremos de “alemão”, “língua alemã” ou “dialeto alemão” a língua de imigração falada pelos habitantes de Esquina Barra. Os primeiros imigrantes que chegaram a Novo Machado por volta de 1918 eram oriundos de países como a Alemanha e também da Letônia, Lituânia, Romênia, Estônia, Rússia, Polônia. A Esquina Barra Funda chegaram principalmente alemães, mas não temos recursos para definir exatamente qual a variedade dialetal de alemão por eles falada à época e hoje praticada em Esquina Barra Funda.

entre outras demandas educacionais surgidas. Nessas reuniões, a língua portuguesa é unânime, visto que, entre os professores da escola e algumas famílias, a língua alemã não é falada. Sabemos, claro, que, diferentemente dos grupos que se reúnem por diversão e, deste modo, fazem escolhas de relacionamento, no Círculo de Pais e Mestres a participação é, de certa forma, por força externa ao indivíduo, uma vez que existe a necessidade e cobrança da participação de todos os pais.

Temos aqui, então, três distintas comunidades de prática, onde as práticas linguísticas variam, seja no mesmo ambiente, seja na relação de um ambiente ao outro. Além disso, temos outros grupos em que os sujeitos alternam entre as línguas, como o grupo responsável pela organização da tradicional festa de Kerb, nos momentos de culto o pastor fala em português durante a pregação, mas no contato anterior e posterior a isso fala alemão com os fiéis. Nas conversas nos estabelecimentos comerciais locais, os sujeitos alternam sua prática linguística de acordo com os interlocutores e demais sujeitos que estão no mesmo local.

Como vimos, Esquina Barra Funda tem, em sua formação, uma grande maioria de colonos de origem alemã, e ainda hoje essa comunidade mantém costumes trazidos com os primeiros moradores. Exemplos disso são a realização de festas típicas e, principalmente, a conservação da língua alemã. Em Esquina Barra Funda, a maior parte da população é bilíngue¹⁰. Os habitantes falam o português e a variedade dialetal por eles chamada de alemão-russo¹¹ (doravante “língua alemã” ou “alemão”, para simplificação, como esclarecido na nota 6), vinda com os imigrantes que inicialmente se estabeleceram na Colônia Guarani e que originalmente vieram do leste europeu.

São, na comunidade, as pessoas mais idosas que mantêm diálogos mais constantemente em língua alemã. Costumam utilizar a língua mesmo nas pequenas atividades diárias, como idas ao comércio e no encontro com vizinhos. Os mais jovens, muitas vezes mesmo os bilíngues, dão preferência ao português nas trocas

¹⁰ 80% dos moradores de Esquina Barra Funda é bilíngue, conforme levantamento do autor desta tese junto a cada domicílio. Os demais 20% são de origem diversa: descendentes de alemães, italiano, poloneses e portugueses.

¹¹ Os habitantes de Esquina Barra Funda não sabem exatamente que variedade dialetal alemã falam. Quando perguntados, vários referem “alemão russo”, muitos dizem apenas que falam “dialetto alemão”. Para simplificação, usaremos “língua alemã” ou “alemão” ao nos referirmos a qualquer nas variedades dialetais alemãs faladas na comunidade.

linguísticas com seus pares, quando em grupos. Esses mesmos jovens, bilíngues, utilizam a língua alemã em casa e com seus parentes.

O bilinguismo português-alemão é, na comunidade, essencialmente oral, tendo em vista que não se produz material em língua escrita em alemão. Os únicos contatos com a língua alemã escrita são alguns panfletos organizados, principalmente, pela igreja evangélica e distribuídos em algumas datas; porém, sem grande alcance. A transmissão da língua alemã ocorre pelo ensinamento familiar, uma vez que não existe no sistema educacional oferta do ensino desta língua.

É importante apontar, quando pensamos nas práticas linguísticas locais, que o alemão faz parte do dia a dia da comunidade e mantém contato com o português nas distintas comunidades de prática. Aos sábados e domingos, por exemplo, a partir das 13 horas, no salão da igreja católica, reúnem-se principalmente os senhores da comunidade para jogar baralho, bocha e para conversar. A dinâmica desses encontros começa primeiramente pela chegada dos interessados aos jogos. Ali conversam e dividem-se entre os que vão jogar baralho e os que vão jogar bocha.

Nos jogos de baralho, colocam-se mesas ao longo do salão, dividem-se os interessados em duplas e joga-se dupla contra dupla, em partidas que podem ser rápidas ou demoradas, durando a tarde inteira. Os jogos de bocha realizam-se em um local específico do salão chamado cancha. Ali, oito pessoas reúnem-se em quartetos e enfrentam-se em jogos que vão até doze pontos, e que, como a canastra, têm tempos distintos de duração, dependendo da habilidade e da precisão dos jogadores. Quando o jogo acaba, o time perdedor sai da cancha e entra outro quarteto que estava fora esperando o desfecho da partida.

Ao longo desses jogos, as pessoas que estavam fora, esperando sua vez ou apenas acompanhando as partidas, conversam sobre os mais variados assuntos: jogos, política, televisão e, claro, comentam-se os trabalhos que cada um tem feito e as perspectivas para produções futuras. Essas conversas ocorrem em língua alemã e também em português. Quando se encontra na mesma partida uma maioria que fala alemão, dá-se preferência para ao alemão; porém, quando existe uma maioria (em jogo) que fala português, essa é a língua falada, o que não impede que, entre os que estão assistindo ou mesmo entre os jogadores e os espectadores, siga-se falando alemão.

Como esse salão localiza-se perto da escola e dos campos de futebol e de futebol de salão, os jovens geralmente encontram-se ali também para partidas de futebol ou simplesmente para escutar música, conversar e divertir-se. Entre esses jovens, é mais comum a fala em português, apesar de não ser incomum haver diálogos em alemão também nesses momentos.

Outro espaço em que ocorrem reuniões periódicas é o salão da igreja evangélica, onde as senhoras que compõem a OASE (Ordem Auxiliadora das Senhoras Evangélicas) realizam seus encontros. Nesses encontros, além de organizar eventos ligados à igreja, as senhoras jogam *bolãozinho*, que é um tipo de jogo de bolão ou boliche, porém de mesa, onde uma bola é lançada por um determinado caminho, visando a derrubar pequenos pinos localizados na outra extremidade da mesa. Distribuem-se prêmios para as vencedoras. Além desse jogo, é comum jogos de baralho e confraternização com comes e bebes. Nesse espaço, a grande maioria das participantes fala a língua alemã. A comunicação nos momentos de reunião da OASE ocorre principalmente nessa língua. Mesmo quando alguém não fala alemão, as demais usam a língua, uma vez que as pessoas entendem o que é dito.

Outro espaço por onde transita a língua alemã, além do português, são as igrejas. Realizam-se periodicamente missas na igreja católica e cultos na igreja evangélica. Antes e depois da realização das pregações, a comunidade encontra-se para conversar, encontrar quem não se pode visitar durante a semana e negociar seus produtos e serviços. A presença da língua alemã, nesses espaços, é mais frequente nos cultos da igreja evangélica. A comunidade segue, majoritariamente, essa doutrina. Poucos são os católicos e, entre esses, poucos os que falam alemão.

Além desses momentos de troca, na comunidade existem ainda outras atividades que demandam encontros e discussões não tão constantes como os anteriores, mas que envolvem boa parte dos moradores dali. Outros momentos de encontro, desta vez de uma parte menor da comunidade, mas que exercem bastante influência sobre como a comunidade percebe-se como descendente de imigrantes alemães, são as reuniões da diretoria da comunidade evangélica.

Esquina Barra Funda, como já dito, tem em sua maioria habitantes que são evangélicos. Cabe então aos representantes que compõem a diretoria preparar as atividades anuais que envolvam os moradores. Entre essas atividades, a principal é a tradicional festa de Kerb, que se realiza anualmente desde 1953. Como afirmamos

anteriormente (seção 2.2.1), a festa ocorre sempre em maio e seus preparativos começam dois ou três meses antes, quando os moradores já começam a elaborar os enfeites, realizar os acordos com músicos que animarão a festa, definir comissões para preparativos das brincadeiras. Durante esses preparativos, a língua de preferência é o alemão, além de ser possível encontrarmos nessa época pessoas vestidas com roupas tradicionais de seus antepassados. É um momento em que o orgulho da origem fica mais exposto, quando as pessoas relembram as primeiras festas e demonstram mais fortemente seu pertencimento à comunidade.

Assim, temos o português falado em Esquina Barra Funda ainda em intenso contato com o alemão em razão das práticas bilíngues. Devido a isso, algumas características distintas existem no português da comunidade em relação ao português falado em outros locais. Altenhofen e Margotti (2011) fornecem um elenco de traços variáveis característicos do português de contato com o adstrato alemão, alguns dos quais em comum com os traços do contato do português com o adstrato italiano, traços esses verificados no português falado em Esquina Barra Funda. É o que se vê no Quadro 1.

Quadro 1 – Traços característicos do português de contato com o adstrato alemão, conforme Altenhofen e Margotti (2011, p.299-300)

Traços específicos do adstrato alemão	Dessonorização das oclusivas alveolares /b,d,g/	<i>[b]ola>[p]ola, [d]ois>[t]ois, [g]ato>[k]ato</i>
	Alongamento de vogais diante de consoante sonora	<i>estr[a:]da, igr[e:]ja</i>
Traços comuns aos adstratos alemão e italiano	Realização de tepe [r] em lugar de vibrante /r/ ou seus alofones	<i>ca[r]oça>ca[r]oça</i>
	Realização de [õw] em lugar de [ẽw]	<i>coraç[ẽw]>coraç[õw]</i>
	Não palatalização de /t,d/ antes de /i/	<i>[t]io, [d]ia, não [tʃ]io, [dʒ]ia</i>

Fonte: Elaborado pelo autor.

É possível que, além dessas peculiaridades, outros traços do contato com o alemão sejam proporções distintas de aplicação de processos variáveis no português local, como parece ser o caso da elevação de /e, o/ átonos postônicos finais, em decorrência do bilinguismo.

2.4 BILINGUISMO

Levando em consideração que os sujeitos desta pesquisa são, em sua maioria, bilíngues, devemos citar Ferguson (1959), que traz ao estudo do bilinguismo

o conceito de diglossia. Bilinguismo é caracterizado como um comportamento linguístico essencialmente individual, enquanto diglossia seria uma caracterização do comportamento linguístico no nível sociocultural, uma separação funcional entre duas variedades linguísticas de uma língua numa comunidade, definidas por ele como *H(igh) language* (língua alta) e *L(ow) language* (língua baixa).

Os indivíduos utilizam a variedade alta (H), aprendida através da educação, em ambientes formais, como escolas e igrejas. Relaciona-se ao que se toma por “alta cultura”. Já a variedade baixa (L) é usada em atividades mais corriqueiras da fala em ambientes informais, como em casa e com amigos. Dizemos então que, de acordo com o autor, uma situação diglósica compreende a utilização, por parte dos indivíduos, de diferentes formas dialetais em ambientes funcionalmente distintos.

Fishman (1967) acrescenta que o fenômeno da diglossia não ocorre apenas em sociedades multilíngues com diversas línguas de *status* oficial, mas em sociedades multilíngues que empregam diferentes dialetos com diversas funções. Para o autor, mesmo em situação de diglossia, há contato de línguas nas sociedades bilíngues, em que cada variedade exercerá determinada função. Fishman (1967) apresenta, então, quatro caracterizações das comunidades de fala, em que considera a relação entre bilinguismo e diglossia:

- Comunidades onde ocorrem bilinguismo e diglossia: como exemplo, o autor cita o Paraguai, onde quase toda a população fala a língua espanhola e a língua guarani;
- Comunidades onde ocorre diglossia sem bilinguismo: nessas comunidades, a utilização das variedades alta e baixa ocorre através de uma divisão funcional, em que cada variedade tem uma utilização específica. O exemplo trazido pelo autor é o período anterior à Primeira Guerra Mundial, em que as elites usavam, em seus grupos, línguas consideradas de variedade alta e as massas utilizavam outras línguas, não havendo interação entre os grupos;
- Comunidades onde ocorre bilinguismo sem diglossia: nessas comunidades, as línguas não são utilizadas com um propósito específico; são, antes de tudo, situacionais e transitórias. Como exemplo, Fishman (1967) cita os imigrantes que se tornam bilíngues pela necessidade de falar a língua praticada no local para onde se deslocaram;

- Comunidades sem diglossia e bilinguismo: uma comunidade não teria bilinguismo nem diglossia à medida que utilizasse apenas uma língua sem diversificação do repertório.

Esquina Barra Funda poderia ser considerada uma comunidade onde ocorre bilinguismo sem diglossia. No entanto, como vimos na seção anterior sobre comunidades de prática, o uso de português e alemão depende dos propósitos dos grupos sociais e dos integrantes dos grupos, que podem conter membros monolíngues-português e, assim, preferir usar apenas português, para que todos compreendam e possam participar.

Quando um indivíduo bilíngue alterna entre duas ou mais línguas, essa alternância implica, além de bilinguismo, trocas e relações culturais com outros indivíduos. Há variação no *status* e funções destas línguas em contato, o que influenciará a produção linguística da comunidade.

Weinreich (1953), ao tratar do contato entre línguas, aponta para fenômenos dele resultantes, como os desvios nas normas de uso, chamados pelo autor de interferência. Tal interferência resultará da introdução, em determinado idioma, de elementos de outro. Essa interferência, de acordo com o autor, implicará uma reestruturação dos padrões de determinada língua, ou das línguas envolvidas. Weinreich (1953) afirma que tais interferências devem ser observadas não somente na parte interna da língua, mas nas relações sociais e nos domínios psicológicos referentes aos utilizadores. Para o autor, é importante analisar, além dos comportamentos individuais, as atitudes que os falantes têm em relação aos sistemas linguísticos em contato e as atitudes que o grupo em que ocorre esse contato tem sobre o bilinguismo, pois as relações sociais têm efeitos sobre os usos linguísticos.

Considerando, então, o pressuposto de que cada indivíduo traz em si comportamentos e atitudes linguísticas que lhe são próprios, mas, ao mesmo tempo, referentes aos grupos de que participa e ao seu estilo de vida, nos termos de Bourdieu (2008), somos levados a pensar que cada falante bilíngue será produtor de interferência linguística e sofrendo, conforme as normas de uso e os padrões avaliativos locais.

Weinreich (1953) esclarece que a interferência mais comumente percebida pelos falantes é a lexical, com formas oriundas de outro sistema linguístico, classificadas pelo autor como empréstimos. Mas pode haver interferência também

nos outros níveis de estruturação linguística (fonológico, morfossintático). A interferência na língua resulta de contatos de longo prazo, com que se incorporam, coletivamente, certos traços a uma variedade local.

Pode haver interferência na fala individual apenas quando o indivíduo, não a coletividade, conhece outra língua. No caso do padrão de elevação das vogais médias postônicas finais no português falado na comunidade aqui pesquisada, é possível que as baixas proporções de aplicação sejam resultado de interferência linguística de longo prazo, incorporada coletivamente ao português.

Sobre contato linguístico, Altenhofen (2014), com vistas à caracterização dos condicionamentos e situações do contato que orientam a utilização de diferentes línguas e variedades no Brasil, apresenta a seguinte tipologia:

- 1) português e línguas indígenas (autóctones);
- 2) português e línguas afro-brasileiras;
- 3) português e línguas de imigração (alóctones);
- 4) português como língua alóctone em contato com línguas oficiais (p.ex. com guarani e espanhol, no Paraguai, e espanhol no Uruguai);
- 5) português e línguas co-oficiais em contato (p.ex. Tukano, Nheengatu e Baniwa, no município de São Gabriel da Cachoeira, no Alto Rio Negro; ou ainda talian, em Serafina Corrêa-RS; pomerano, em Santa Maria de JetibáES e Pancas-ES, além de Canguçu-RS; Hunsrückisch, em Antônio CarlosSC);
- 6) contatos linguísticos de fronteira (com os países vizinhos);
- 7) contatos intervaretais do português (entre falantes de variedades regionais do português);
- 8) contatos transnacionais do português “aquém- e além-mar” (Portugal e demais países lusófonos, como Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Timor-Leste, além do próprio Brasil) (ALTENHOFEN, 2014, p. 75-76).

O português falado em Esquina Barra Funda parece corresponder ao tipo 3 de situação, com o contato do português e línguas de imigração. Altenhofen (2014) apresenta o português de contato como sendo derivativo do bilinguismo ou do plurilinguismo societal, sendo a história da língua baseada na história dos contatos linguísticos, desde o contato do português europeu com línguas indígenas, afro-brasileiras, de fronteira, do próprio português até com línguas de imigração.

Ainda de acordo com o autor, a região sul do Brasil tem mais registros de contato em áreas de interior devido ao modelo com que se colonizou a região, baseado na imigração asiática e europeia, o que criou extensas áreas de contato entre o português e diferentes línguas de imigração (ALTENHOFEN, 2014). O autor explica que a fundação das colônias foi de caráter coletivo e familiar. Por essa razão,

as comunidades resultantes das colônias exibem ainda hoje coesão social e étnica motivada pela identidade ligada ao país de origem, que as distingue em relação a comunidades de luso-brasileiros.

Sobre o Hunsrückisch, uma das línguas de imigração alemã faladas no Rio Grande do Sul, Altenhofen (2014) afirma que era inicialmente a língua comum nessas comunidades em contextos informais, e o Hochdeutsch (alemão-padrão) em contextos formais, sendo o português introduzido gradativamente nas relações do grupo. Em Esquina Barra Funda, o correspondente ao Hunsrückisch em termos funcionais é o que os habitantes chamam de alemão-russo. Neste contexto, a comunidade aparece como uma área bilíngue onde o contato ocorre entre o português e a língua de imigração até nos dias de hoje. Dessa forma, entendemos o bilinguismo em Esquina Barra Funda como abrangente, isto é, não se restringe ao indivíduo; é praticado pela comunidade de fala.

Como Lara (2017, p. 33), concebemos “[...]bilinguismo como um conceito relativo, dependente da proficiência em diferentes habilidades – falar, compreender, ler, escrever. Ter apenas habilidades de comunicação oral pode caracterizar bilinguismo”. Cabe ressaltar aqui que o contato de línguas poderá ser promovido de modo diferente pelos usuários das línguas envolvidas. Na comunidade pesquisada, percebemos que os falantes usam a língua alemã em diversos momentos do dia com a mesma proficiência (ou pelo menos com o mesmo sentimento) com que usam o português. Além disso, nos momentos das festas e comemorações típicas, o orgulho por saber e poder falar alemão fica mais aflorado.

É justamente nesse momento, com as roupas e danças típicas, que podemos notar mais fortemente os elementos de constituição da identidade local alemã. A língua alemã está presente o ano todo na comunidade, principalmente na fala e eventualmente na escrita de alguns conteúdos religiosos e rurais, como, por exemplo, em panfletos sobre as melhores épocas de plantio de hortaliças distribuídos pela igreja luterana e também pela EMATER¹² (em português e alemão) e nas revistas da igreja luterana.

Se considerarmos as comunidades nos arredores de Esquina Barra Funda, percebemos a presença da língua alemã em uma estação de rádio que transmite parte da programação (especialmente aos domingos) em alemão. Esta rádio, a Atual

¹² Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural.

104.9 FM, além de apresentar músicas e enviar os recados dos ouvintes, também reproduz os recados oficiais da prefeitura municipal (chamadas para consultas, regularizações documentais, etc.). As ondas de tal rádio não atingem Esquina. Mesmo assim, a comunidade tem contato com (e muitos escutam) programas de rádio de colônia Aurora - Argentina, que também realizam transmissões em alemão.

Em Esquina, a Igreja é seguramente o veículo de maior difusão da língua alemã, embora, vale ressaltar, os materiais apresentados e disponibilizados pelo sínodo luterano noroeste riograndense não sejam escritos no alemão vernacular local. São escritos na língua alemã *standard* e são financiados, principalmente, por igrejas da mesma congregação da Alemanha.

Considerando o bilinguismo e a política oficial do município de Novo Machado, sabemos que a administração dá suporte aos eventos típicos, tanto alemães quanto italianos, com auxílio financeiro para elaboração e divulgação das festas nas comunidades. Nesse caso, preservam-se os costumes e a cultura de imigração, não da Alemanha atual.

Na contramão do esmero nas divulgações de festas típicas, estão a educação e as políticas linguísticas. No momento, não há em Novo Machado nenhum projeto, lei ou regulamentação que abranja a língua alemã e dê ferramentas para sua manutenção e conservação. A língua resiste na localidade pelo seu uso recorrente e diário entre os falantes e pelo interesse dos pais em ensiná-la aos seus filhos e netos.

Supondo que o número de falantes crianças e adolescentes seja uma forma de medirmos a vitalidade da língua, podemos dizer que em Novo Machado a língua alemã ainda apresenta boa vitalidade, mesmo sem espaço no sistema educativo municipal e estadual. Diferentemente de outras cidades/regiões de colonização alemã, como Santa Cruz do Sul, a língua alemã em Novo Machado não é opção no sistema estadual de ensino.

Quando consideramos as instituições privadas, percebe-se que pouco se faz em relação às línguas minoritárias, excetuando-se o programa de rádio da sede e as informações promovidas e divulgadas pela igreja. A preferência das escolas é pela língua inglesa e o espanhol como línguas estrangeiras ou adicionais, tidas como primordiais financeiramente às franquias de escolas de língua que oferecem o serviço em Novo Machado. Neste ponto, vale perguntar se haveria procura, no sistema privado, pelo ensino do alemão *standard*, uma vez que o apelo massivo,

internalizado pelos sujeitos, é pelo inglês ou outras línguas que não estão naturalmente presentes em Novo Machado e que a mídia informa serem línguas necessárias ao sucesso profissional.

O bilinguismo português-alemão na comunidade de Esquina Barra Funda opera de maneira essencialmente oral. Tem sua continuidade através do ensinamento familiar e os falantes optam por aprender e usar também a língua alemã, o que acaba por unir a comunidade em um ambiente próprio e por fortalecer o pertencimento cultural.

2.5 IDENTIDADE, CULTURA E LINGUAGEM

Retomando o conceito de *habitus*, de Bourdieu (2000), apesar de muitas vezes percebermos isoladamente as práticas sociais de cada indivíduo, existe nele a reprodução de práticas coletivas pela força do *habitus*, uma vasta gama de experiências anteriores interiorizada no indivíduo a partir de seus afazeres cotidianos em grupo, na vida em sociedade, o que ocorre durante toda sua vida. Tais experiências são estruturantes e estruturadas, vale dizer, formam-nos como seres sociais, explicam nossas tendências a agir, são a base das nossas tomadas de decisão, mas não uma base estática e determinante. Frequentemente nosso *habitus*, esse sistema de disposições internas, é confrontado com o *habitus* dos outros indivíduos com quem socializamos, reestrutura-se e pode reestruturar o dos outros. A adequação das nossas ações reflete a negociação que há entre os agentes em qualquer encontro social.

Nas práticas sociais, nas trocas linguísticas, formamo-nos agentes, reafirmamos nossas escolhas e nosso local, por mais que pareça haver alguma disposição natural para nossas escolhas. É nesse ambiente de trocas e negociações que nossa identidade é construída. Nossas tendências a agir, as escolhas que fazemos, fornecem-nos um sentimento de pertença às comunidades que integramos. Vale ressaltar que, de acordo com Wenger (1998), a formação da nossa identidade não é apenas resultado de nossas práticas, mas de nossa relação com os demais membros e de nossa posição nas comunidades onde nos inserimos.

O processo de socialização e, mais importante, o processo de negociação entre os indivíduos e comunidades é, então, o que nos imprime uma determinada identidade. A fala e os modos de agir, parte de nossas práticas sociais cotidianas,

também compõem nossa identidade. Para Battisti (2014), com base em Wenger (1998), identidade é:

(i) vivida: não é uma categoria, traço de personalidade, papel ou rótulo, é uma experiência que envolve participação e reificação; (ii) negociada: é um permanente vir a ser, não é definida apenas em um período específico da vida; (iii) social: é fruto da pertença a grupos; (iv) processo de aprendizagem: é uma trajetória no tempo que incorpora o presente, o passado e o futuro; (v) nexos: combina múltiplas formas de participação; (vi) local-global: não se constrói apenas pelas práticas imediatas ou se regula somente pelas estruturas sociais mais amplas, é uma interface de ambas (BATTISTI, 2014, p. 81).

Considerando, então, que a construção de nossa identidade individual ocorre de acordo com nossa participação e negociação dentro dos espaços sociais em que estamos inseridos, devemos observar também a existência de identidades sociais coletivas, compatíveis com certos estilos de vida. Nesta pesquisa, além da identidade étnica, ligada à cultura de imigração alemã, os sujeitos compartilham uma identidade coletiva rural. Essas identidades articulam-se e resultam nas características que aflorarão na língua e nas práticas sociais.

Pensando então na identidade rural e especificamente em Esquina Barra Funda, temos uma comunidade com economia de subsistência. Os poucos casos de produção agrícola em maior escala (como fumo e alguns plantadores de soja) centralizam a colheita numa pessoa que faz a venda dos produtos nos estabelecimentos comerciais fora da cidade. Podemos dizer que as negociações e trocas, sejam linguísticas ou culturais, dão-se basicamente dentro da própria comunidade, o que proporciona um reforço dos elementos pertencentes a esse ambiente, em contraste com o que ocorre numa sociedade urbana, com padrões de troca e de relacionamentos mais difusos.

O estabelecimento em Esquina de uma rede social que pouco foge ao que lhe é interno, oriundo do próprio contexto local rural, reforça e constantemente reconstrói as características de uma territorialidade rural. Os sujeitos alimentam e são alimentados pelo sentimento de que aquele local lhes pertence e de que eles são parte construtora desse local e dessa forma de existir. Resulta desse ciclo de significação o reforço de um sentimento de valorização da sua terra, seu ambiente e do fazer rural.

Esse local é o espaço seguro da vida de cada sujeito. Tal orientação para o local, no caso de Esquina, foi fortalecida pelos relativamente recentes movimentos

de expansão educacional da zona urbana para o interior de Novo Machado, que vêm permitindo aos cidadãos de Esquina Barra Funda estudar na própria comunidade, sem dela deslocar-se. Podem estar em casa todos os dias. Além disso, os movimentos estadual e nacional de valorização das culturas de plantio diversificadas e de pequeno porte criam ambiente propício para termos em Esquina um território que se volta para si, para os seus, mais conservador em relação às mudanças na sociedade (gaúcha e brasileira) mais ampla.

Passando agora para o que chamamos de cultura de imigração alemã, levamos em consideração a afirmação de Durham (2004) de que os pressupostos que definem cultura foram construídos com base a proporcionar respostas sobre costumes que divergem dos modelos em que estamos inseridos. Tais costumes, estranhos a uma comunidade, recebem em outra uma significação própria, entendida pelos sujeitos pertencentes a tal grupo.

Em Esquina, a cultura de imigração alemã apresenta-se em diferentes aspectos, desde os mais facilmente percebidos até os mais sutis. Na Kerbfest, como vimos, estão presentes membros da comunidade vestidos com trajes tidos como típicos da Alemanha e da época de imigração, além de grupos que apresentam danças tradicionais, brincadeiras criadas nos países de origem dos imigrantes, além de comidas e bebidas consideradas típicas.

Todos estes elementos estão interligados, posto que são essas relações as formadoras desta comunidade e dos sujeitos que ali estão. É a junção dos elementos rurais com os elementos culturais de imigração o que fomenta as relações dos moradores de Esquina Barra Funda. Por sua vez, essas relações ajudam a manter as características da comunidade e proporcionam, de certa maneira, um isolamento em relação às comunidades urbanas ou até mesmo rurais que não compartilham das mesmas características.

Para Bortoni-Ricardo (2011, p. 122), “a fala em comunidades rurais isoladas pode ser considerada como uma forma altamente focalizada do vernáculo rural...”. Neste sentido, podemos acrescentar aqui que a manutenção da língua alemã nesses locais está intimamente ligada ao sentimento de pertencer ao local. A própria língua alemã ajuda a intensificar e reforçar os elementos que distinguem esse local em relação a outros. Como nos diz Durham (2004), é a organização da vida social que permite caracterizar o equipamento cultural das sociedades. Temos então alguns elementos que, alinhados às análises, podem ajudar a entender o padrão de

elevação de /e/ e /o/ átonos em final de palavra, de aparente preservação vocálica em Esquina Barra Funda.

Ainda de acordo com Durham (2004), a vida nas comunidades implica convivência em espaços comuns, onde todos estão sujeitos às mesmas condições e enfrentam problemas comuns e, da mesma forma, convivem com um mesmo estilo de vida, compartilhando mitos e crenças, ou seja, os sujeitos que vivem em comunidade compartilham, além da localização, elementos da mesma cultura. Assim como a estrutura linguística é compartilhada pelos falantes de um determinado idioma, as potencialidades culturais estão incorporadas em todos os membros da comunidade. É o que ocorre em Esquina Barra Funda quanto ao bilinguismo: tanto o português quanto o alemão viabilizam a convivência em espaços comuns.

Como já vimos, Esquina Barra Funda é uma comunidade rural, com agricultura de subsistência. Essa forma de agricultura é originada à margem das grandes lavouras. É uma opção viável para quem busca um trabalho livre, afastando-se dos latifúndios fundados, no Brasil, com base no escravismo. Formam-se, assim, comunidades que, embora se situem à margem dos sistemas econômicos voltados à exportação e sejam relativamente isoladas de centros populacionais maiores, gozam de alguma autonomia.

2.6 REDE SOCIAL

De acordo com Meyerhoff (2011), entenderemos os objetivos ou metas compartilhadas pelos sujeitos de determinada comunidade de prática somente através de um detalhamento das relações internas do grupo. A análise dessas comunidades poderá nos fornecer informações de como os falantes influenciam-se durante a relação de troca linguística, e como acontece seu trânsito entre diferentes comunidades de prática. Além disso, os indivíduos podem estar ligados a várias dessas comunidades, e são essas ligações que definirão sua rede social individual. Buscando um entendimento sobre as redes sociais, primeiro devemos compreender como se dão as formas de participação dos agentes na comunidade.

Os primeiros estudos que levaram em consideração a análise de rede advêm da Sociologia e da Psicologia, tendo sido de Barnes, em 1954, o estudo pioneiro a sistematizar a relação dos traços morfológicos de determinada rede com o comportamento social. De acordo com Bortoni-Ricardo (2011), em um sentido

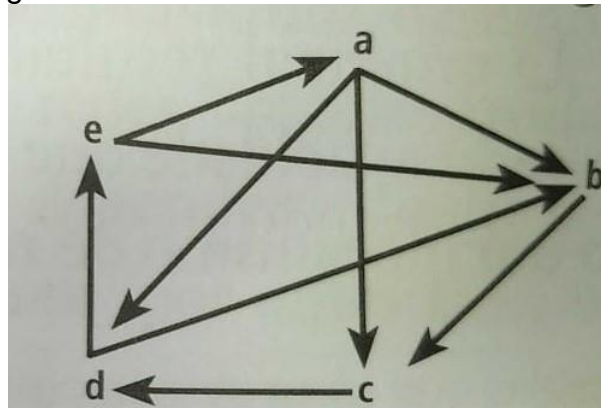
estrito, a análise de redes objetivará o reconhecimento dos padrões e densidade da comunicação humana como sendo uma variável que levará em consideração as marcas, guardadas por cada indivíduo, advindas do contato entre os membros de determinada comunidade.

Milroy (1987) afirma que as redes sociais podem apresentar diferentes níveis de densidade e multiplexidade. Nas redes sociais de alta densidade, teremos um grande número de indivíduos conectados. Se essas conexões ocorrerem através de diferentes formas de ligações (parentesco, trabalho), essas redes também serão multiplex. Ainda para Milroy (1987), as redes de baixa densidade são as que possuem poucos indivíduos conectados entre si, podendo também essa rede ser uniplex, com apenas uma forma de ligação entre os indivíduos.

Bortoni-Ricardo (2011), em “Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico sobre migração e redes sociais”, analisa linguisticamente como falantes oriundos de áreas rurais ajustam seu uso e repertório linguístico em ambientes urbanos. Para tal empreitada, a autora lança mão, além da análise quantitativa dos dados colhidos em Brazlândia, cidade-satélite de Brasília, uma análise da rede social dos informantes e conteúdo e da interação entre pesquisador e colaboradores. A análise de rede leva em consideração os vínculos individuais presentes em cada comunidade de prática a que esse indivíduo pertença, na hipótese de que os sujeitos que estão em contato guardarão marcas dessas relações.

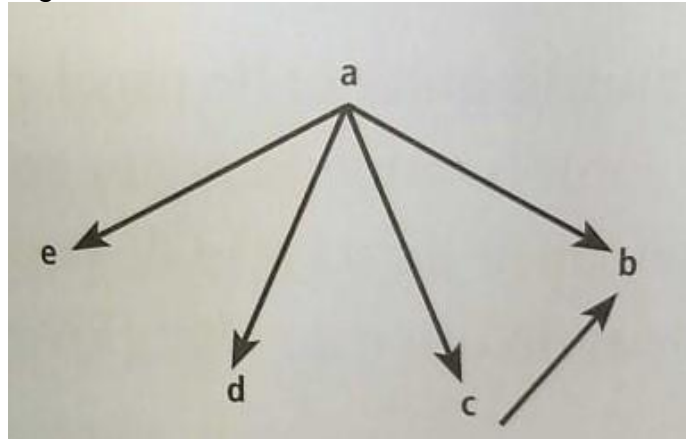
As redes podem ser de alta ou baixa densidade. As figuras 05 e 06 representam esses tipos de rede, respectivamente.

Figura 5 – Estrutura de rede de alta densidade



Fonte: Bortoni-Ricardo (2011, p. 91)

Figura 6 – Estrutura de rede de baixa densidade



Fonte: Bortoni-Ricardo (2011, p. 92)

Para a autora, é possível que, nas localidades de redes mais fechadas e uniplex, seja mais difícil, ou pelo menos mais lenta, a implementação dos processos de mudança linguística. Em determinados locais onde os processos já estejam em situação avançada, a própria estrutura da rede difunde o processo. Diferentemente, nas redes multiplex, abertas, em que ocorre um maior contato com indivíduos de outras comunidades de fala, é possível apressar o processo de mudança linguística, por *status* ou “necessidade”.

Considerando tais constatações, podemos inferir que os falantes da comunidade pesquisada façam escolhas linguísticas, mesmo que inconscientemente, de acordo com o padrão de fala de seus grupos, alternando seu código linguístico para adequar-se à situação social em que se encontram. Porém, as marcas do contato com outros indivíduos, o *habitus*, tomam parte importante no processo de negociação mediada pela fala e na abertura ou não à mudança.

Esquina Barra Funda é uma comunidade rural, cujos membros possivelmente formam uma rede densa e de alta plexidade, integrada por indivíduos com forte sentimento de pertença ao local e orgulhosos das tradições culturais trazidas por seus antepassados. Tem-se aí um ambiente onde a mudança linguística esperada, por se falar monolíngues-português, poderia ter mais dificuldade em impor-se, resultando na conservação de traços, como o da não elevação das vogais médias átonas em posição final. É o que se investiga na presente tese. Assim, além das entrevistas sociolinguísticas com os sujeitos que compõem a matriz de estudo, é importante realizar observação participante na comunidade, com vistas a perceber quais são as práticas sociais e seu valor simbólico no espaço social local, e quais as características culturais da localidade. Alguns dos registros da observação participante realizada já foram usados no presente capítulo, nas seções sobre a comunidade de fala (2.2.1), variação linguística e práticas sociais (2.3) e bilinguismo (2.4). Os procedimentos metodológicos empregados nessa e nas demais análises empreendidas são detalhados no capítulo que segue.

3 METODOLOGIA

Link (2015) realizou uma primeira análise de regra variável de elevação das vogais médias /e/ e /o/ em sílaba átona final levantados de entrevistas sociolinguísticas com informantes de Esquina Barra Funda, feita com Goldvarb. Para esta tese, tanto o levantamento quanto a codificação e o tratamento estatístico dos contextos de elevação foram retomados. A análise estatística como um todo foi aperfeiçoada e realizada com R (R Core Team, 2016). Por isso, inicia-se este capítulo pela análise de regra variável (3.1), passando para a análise de rede (3.2) e para a observação participante (3.3).

3.1 ANÁLISE DE REGRA VARIÁVEL

De acordo com Guy e Zilles (2007), a análise quantitativa de regra variável é um procedimento estatístico de análise de dados de fala que se divide em três fases principais: coleta, redução e interpretação dos dados. A primeira etapa é a constituição da amostra via entrevistas sociolinguísticas, buscando captar a espontaneidade e a representatividade da fala da comunidade que se pretende investigar. A segunda fase, da redução dos dados, serve para selecionar os aspectos que devem ser analisados, ou seja, apontar as ocorrências que podem ser afetadas pelos processos estudados, excluindo dados que não tenham relevância. Finalmente, procede-se à análise estatística dos dados, controlando as variáveis selecionadas e suas relações.

Para a análise de regra variável de Link (2015), retomada aqui, foi necessária a coleta de dados na comunidade de Esquina Barra Funda, por meio da realização de entrevistas sociolinguísticas. Essa coleta foi precedida de observação da comunidade, a fim de saber quais seriam os melhores dias e turnos para realizar as entrevistas. Percebeu-se que os informantes homens teriam maior disponibilidade de tempo nos primeiros horários do dia ou à tardinha, e as mulheres, durante a tarde, entre o almoço e as 17 horas, principalmente aos finais de semana. A partir daí, realizou-se o planejamento das entrevistas, que aconteceram ao longo do ano de 2014.

A seleção dos informantes obedeceu a critérios de estratificação da amostra, que são gênero, escolaridade e idade. Cada critério, por sua vez, contemplou

diferentes fatores: gênero (fatores masculino e feminino); escolaridade (fatores até 04 anos, de 05 a 08 anos, mais de 08 anos de estudo); idade (fatores 15 a 35 anos, 36 a 57 anos, 58 ou mais anos de idade). Fazendo o cálculo de 2x3x3 para a combinação de fatores, chegou-se a dezoito células preenchidas por informantes, distribuídas como no Quadro 02.

Quadro 2 – Quadro de células preenchidas por informantes e respectivas entrevistas

Célula 01	Célula 02	Célula 03	Célula 04
Sexo Feminino 15 a 35 anos Até 04 anos de escolaridade Informante A	Sexo Feminino 36 a 57 anos Até 04 anos de escolaridade Informante J	Sexo Feminino Mais de 58 anos Até 04 anos de escolaridade Informante C	Sexo Masculino 15 a 35 anos Até 04 anos de escolaridade Informante F
Célula 05	Célula 06	Célula 07	Célula 08
Sexo Masculino 36 a 57 anos Até 04 anos de escolaridade Informante E	Sexo Masculino Mais de 58 anos Até 04 anos de escolaridade Informante N	Sexo Feminino 15 a 35 anos De 04 a 08 anos de escolaridade Informante G	Sexo Feminino 36 a 57 anos De 04 a 08 anos de escolaridade Informante D
Célula 09	Célula 10	Célula 11	Célula 12
Sexo Feminino Mais de 58 anos De 04 a 08 anos de escolaridade Informante O	Sexo Masculino 15 a 35 anos De 04 a 08 anos de escolaridade Informante B	Sexo Masculino 36 a 57 anos De 04 a 08 anos de escolaridade Informante K	Sexo Masculino Mais de 58 anos De 04 a 08 anos de escolaridade Informante P
Célula 13	Célula 14	Célula 15	Célula 16
Sexo Feminino 15 a 35 anos Mais de 08 anos de escolaridade Informante H	Sexo Feminino 36 a 57 anos Mais de 08 anos de escolaridade Informante L	Sexo Feminino Mais de 58 anos Mais de 08 anos de escolaridade Informante Q	Sexo Masculino 15 a 35 anos Mais de 08 anos de escolaridade Informante I
Célula 17	Célula 18		
Sexo Masculino 36 a 57 anos Mais de 08 anos de escolaridade Informante M	Sexo Masculino Mais de 58 anos Mais de 08 anos de escolaridade Informante R		

Fonte: Elaborado pelo autor

No quadro 2, as células sombreadas são dos quatro informantes não bilíngues. Os informantes para a pesquisa foram, então, assim estratificados, e sua seleção ocorreu por cotas de conveniência, isto é, contataram-se indivíduos que, além de obedecerem à estratificação, estavam acessíveis ao pesquisador e tiveram disponibilidade de participação na pesquisa.

As entrevistas foram gravadas, tiveram a duração média de 45 minutos, e se desenvolveram conforme um roteiro de entrevista (anexo A), com questões motivadoras de relatos sobre o cotidiano e de narrativas de experiência pessoal.

Antes ou depois da entrevista, preencheu-se uma ficha social (anexo B) para cada informante.

Após a realização das entrevistas, essas foram ouvidas para delas se levantar, de oitiva, os contextos em que a regra variável de elevação das vogais médias /e/ e /o/ em sílaba final átona pode-se aplicar. Esses dados foram então codificados conforme as variáveis controladas na análise, apresentadas a seguir.

3.1.1 Variáveis controladas e hipóteses testadas na análise

A variável dependente (ou resposta) na análise estatística é a elevação das vogais médias /e/ e /o/ em sílaba átona final absoluta, isto é, a realização de /e/ como [ɪ] e de /o/ como [ʊ], alternando com [e] e [o], respectivamente, em sílabas finais átonas e sem coda. Exemplo, *ciad[e]~ciad[ɪ]*, *nov[o]~nov[ʊ]*. Definimos, então, o fator de aplicação como sendo a elevação das vogais médias nessa posição.

Na rodada com dados apenas de /e/, a variável dependente é a elevação da vogal média /e/ em posição átona final absoluta, alternando-se [ɪ] com [e]. Na rodada com dados apenas de /o/, a variável dependente é a elevação da vogal média /o/ em posição átona final absoluta, alternando-se [ʊ] com [o].

As variáveis independentes (previsoras) sociais ou extralinguísticas correspondem aos três critérios de estratificação da amostra (seção 3.1): gênero, idade e escolaridade. Na variável gênero, controlam-se os fatores masculino e feminino. A hipótese testada na análise é a de que, em comunidades de imigrantes do interior do Rio Grande do Sul, o favorecimento à elevação tenha uma proporção similar entre os gêneros feminino e masculino. Em estudos anteriores (SILVA, 2009; MILESKI, 2013), verificou-se que o gênero não é, necessariamente o condicionador, mostrando resultados similares na taxa de elevação tanto para homens quanto para mulheres. Teríamos então a hipótese de que tanto masculino quanto feminino apresentam resultados similares no que diz respeito à elevação das vogais médias átonas finais na comunidade de Esquina Barra Funda.

Na variável idade, controlam-se as faixas etária 15 a 35 anos, 36 a 57 anos e 58 anos ou mais, e a hipótese testada é a de que quanto maior seja a idade, menor é a probabilidade de elevação vocálica, sendo os mais jovens os favorecedores da mudança linguística na comunidade. Estudo já realizado por Carniato (2000) mostra

que os mais jovens são mais propensos à elevação vocálica, visto que têm mais contato com diferentes comunidades. Esse resultado sugere a hipótese a ser testada no presente estudo.

Na variável escolaridade, controlaram-se as variáveis até 04 anos de escolaridade, de 04 até 08 anos de escolaridade e mais de 08 anos de escolaridade, tendo em vista a hipótese de que, quanto mais tempo de escolarização o sujeito possuir, mais suscetível à mudança ele estará e será condicionador da elevação vocálica. Mileski (2013) e Roveda (1998) mostraram que a escolaridade apresenta papel importante no processo de elevação vocálica. Seus resultados apresentaram maior tempo de escolaridade como fator condicionador da elevação.

Além dessas variáveis sociais, e sabendo-se que parte dos informantes seria bilíngue português-alemão, incluiu-se na análise a variável bilinguismo com dois fatores, **SIM** para quando o informante declara que entende/fala outra língua além do português e **NÃO** quando declara que entende/fala apenas português. A hipótese que se buscou testar com essa informação é a de que indivíduos que falam uma outra língua além do português, principalmente quando aquela é aprendida desde a infância, tendem a não elevar a vogal média átona final em comunidades como a de Esquina Barra Funda, rural e com uma forte valorização das tradições culturais antigas, trazidas pelos imigrantes. Ou seja, testa-se a hipótese de que o bilinguismo e o contato de línguas decorrente, não etnia por si mesma ou localização geográfica seja a que de fato influencia o padrão vocálico em questão.

As variáveis independentes linguísticas controladas na pesquisa são Contexto Fonológico Precedente, Contexto Fonológico Seguinte, Contexto Vocálico da Sílabas Tônicas e Posição do Acento na Palavra. Na variável Contexto Fonológico Precedente, controlam-se os fatores labial, coronal [-ant], coronal [+ ant], vogal, S/Z e dorsal. Estudos como os de Vieira (1994, 2002), Roveda (1998) e Carniato (2000), além de Schimitt (1987), apontam que a elevação das médias finais absolutas é efeito dos fatores dorsal, coronal [-ant] e labial, sugerindo a hipótese a ser seguida no presente estudo.

Na variável Contexto Fonológico Seguinte, controlam-se os fatores labial, coronal [+ ant], consoantes posteriores e vogal. Em Vieira (2002), Roveda (1998) e Carniato (2000), apresenta-se a importância do controle dessa variável, já que dorsal, vogal e coronal [-ant] favorecem a elevação, sendo a hipótese aqui testada.

Na variável Contexto Vocálico da Sílabla Tônica, os fatores controlados são a presença ou não de vogal alta na sílabla tônica. Para Vieira (1994, 2002), a presença de vogal alta na sílabla tônica é favorecedora da elevação das vogais médias átonas finais. Com base nisso, faremos a análise seguindo tal hipótese.

Na variável Posição do Acento na Palavra, os fatores controlados são a presença do acento na antepenúltima sílabla e na penúltima sílabla, sendo a hipótese testada a de que o acento na antepenúltima sílabla seja favorecedor da elevação vocálica, conforme estudos de Schimitt (1987) e Roveda (1998).

3.1.2 Codificação, controle acústico dos dados e análise estatística

Os contextos de aplicação da regra variável de elevação, levantados de oitiva ou de modo impressionístico das entrevistas sociolinguísticas, foram codificados conforme as variáveis independentes controladas na análise. De cada uma das 18 entrevistas, foram considerados entre 25 e 30 minutos para a extração dos dados, desconsiderando-se os 05 primeiros minutos. Foram excluídos dados com ruído ou que não apresentavam clareza quanto à elevação ou não das vogais átonas finais. Além disso, dados com pausa e em final de enunciado também foram desconsiderados, restando sempre dados em que existisse Contexto Fonológico Seguinte.

Para a codificação dos dados, cada fator recebeu um código (letra, número, símbolo ou palavra) que o representasse, conforme lista que segue:

- Contexto Fonológico Precedente: (w) vogal (*desafio, série*), (v) labial (*tempo, fome*), (g) dorsal (*jogo, muque*), (n) coronal [+anterior] (*ano, parte*), (h) coronal [-anterior] (*filho, foge*), (ç) /s, z/ (*doce, poço, fase, vaso*), (p) /r/ (*morro, varre*);
- Contexto Fonológico Seguinte: (a) vogal (*todo ano, triste assim*), (f) labial (*carro velho, doce bom*), (d) dorsal (*zero grau, peixe cru*), (r) coronal [+anterior] (*ano novo, fase leve*), (j) coronal [-anterior] (*muito cheio, gente jovem*);
- Posição do Acento na Palavra: (k) proparoxítono (*médico, hóspede*), (z) paroxítono (*porco, carne*);
- Vogal na Sílabla Tônica: (t) alta (*filho, clube*), (l) Não alta (*gato, sorte*);

- Gênero: (y) masculino, (x) feminino;
- Idade: (2) 15 a 35 anos, (3) 36 a 57 anos, (4) Mais de 58 anos;
- Escolaridade: (@) Até 04 anos, (#) De 04 a 08 anos, (\$) Mais de 08 anos;
- Vogal-alvo: (o) /o/ (mato), (e) /e/ (triste);
- Informante: (A) 01, (B) 02, (C) 03, (D) 04, (E) 05, (F) 06, (G) 07, (H) 08, (I) 09, (J) 10, (K) 11, (L) 12, (M) 13, (N) 14, (O) 15, (P) 16, (Q) 17, (R) 18;
- Bilinguismo: (bilíngue) bilíngue, (nao.bilíngue) não bilíngue;
- Língua 2: alemao (alemão), italiano (italiano), espanhol (espanhol), nenhuma (nenhuma)

Inicialmente, a variável Bilinguismo apresentava os fatores “produtivo”, “receptivo” e “monolíngue”; porém, tal codificação não resultou equilibrada. Ao testarmos uma possível diferença significativa entre esses três níveis, percebemos não haver diferença entre os níveis receptivo e monolíngue. A codificação final da variável ficou como não bilíngue (receptivo + monolíngue) e bilíngue (produtivo).

Ainda na codificação, temos as colunas ITEM.LEXICAL e PALAVRA.SEGUINTE, que correspondem, na ordem, à palavra em que ocorre a vogal-alvo e a palavra que segue esse item. Essas foram controladas na análise (de efeitos mistos) como variáveis aleatórias. Todas estas informações foram registradas em uma tabela Excel, salva em formato .csv (valores separados por vírgulas) para serem analisadas. Segue abaixo a imagem da codificação pronta e apresentada na tabela criada.

Figura 7 – Codificação dos dados de elevação /e/ e /o/.

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O
1	ELEVACAO	CONTEXT.	CONTEXT.	POSICAO.	V.TONICA	GENERO	IDADE	ESCOLARII	V.ALVO	INFORMA	BILINGUIS	LINGUA2	ITEM.LEXII	PALAVRA.SEGUINTE	
2	eleva	g	r	z	l	x	15a35	@	o	A	nao.biling	alemao	pouco	neh	
3	eleva	g	a	z	l	x	15a35	@	o	A	nao.biling	alemao	chego	em	
4	eleva	g	f	z	t	x	15a35	@	o	A	nao.biling	alemao	cinco	pro	
5	nao.eleva	g	a	z	l	x	15a35	@	o	A	nao.biling	alemao	pouco	atira	

Fonte: Elaborado pelo autor

Após a codificação, os dados foram submetidos a tratamento estatístico com o *software R*¹³. Trata-se de um *software* desenvolvido em código aberto, disponível gratuitamente no site do projeto R (<https://www.R-project.org/>) e com versões para os sistemas operacionais Windows, Unix e (MAC) OS X. Desenvolvido como linguagem e ambiente para computação estatística e gráficos, o programa R possibilita o desenvolvimento de *scripts* que funcionam como comandos para a realização de funções desejadas de análise estatística e gráficos. De acordo com Oushiro (2014):

O R é uma linguagem de programação voltada à análise de dados, que pode ser utilizada para realizar computações estatísticas e gráficas, compilar e anotar corpora, produzir listas de frequências, entre diversas outras tarefas (OUSHIRO, 2014, p. 134).

Dentre as possibilidades oferecidas pelo R, utilizamos algumas para realizarmos nossa análise estatística. Na sequência, apresentaremos os recursos utilizados nas etapas de análise.

Como primeiro passo, definimos o diretório de trabalho, apontando para a pasta que continha o arquivo com os dados já codificados. Na sequência, realizamos a leitura e checagem dos dados, conforme os seguintes comandos:

```
setwd
dadosEOfinal<- read.csv("DadosEO10.csv", header = T, sep = ";")
str(dadosEOfinal)
```

Como próximo passo, realizamos a checagem da distribuição dos dados em relação a cada fator separadamente e, em seguida, obtivemos as proporções de elevação, ou não, dos dados em si e em relação a cada fator separado. É desse comando que obtivemos as porcentagens de elevação dos dados. De acordo com Oushiro (2017), o teste de proporções indicar-nos-á se a diferença encontrada entre as proporções das variantes de cada variável é significativa. Na sequência, vemos o exemplo do comando utilizado para checarmos a quantidade de dados para cada variável e seus fatores e a proporção em relação à variável dependente.

¹³ R Core Team (2016). R: A language and environment for statistical computing. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria. URL <https://www.R-project.org/>. Acesso em 24 jun. 2019.


```

tab1<-table(dadosEOfinal$ELEVACAO,dadosEOfinal$CONTEXT.PREC)
tab1
prop.elevacontextoprec<-prop.table(tab1,2)*100
prop.elevacontextoprec

```

Depois de cada cálculo das proporções, realizamos o teste de qui-quadrado, que serve para comparar proporções entre dois grupos. Conforme Oushiro (2017), aplicamos o teste quando existirem duas variáveis nominais, sendo que o R apresenta os valores de qui-quadrado, o grau de liberdade e o valor-*p*.

Para Oushiro:

O valor de qui-quadrado é uma medida da diferença entre valores observados e esperados em uma distribuição. Quanto mais próximo de zero, mais os valores observados se aproximam dos valores esperados – e, portanto, maior a chance de se ter observado tal distribuição em caso de a hipótese nula ser verdade (OUSHIRO, 2017, p. 102).

Ainda de acordo com a autora, os valores de graus de liberdade podem ser entendidos como o número de células necessárias, acrescido dos valores totais de linhas e colunas, para a dedução dos demais valores, enquanto o valor-*p* indica a probabilidade de distribuição no caso de a hipótese nula ser verdadeira (OUSHIRO, 2017). Como exemplo, segue abaixo o resultado do cálculo de qui-quadrado realizado para a Tabela 1 (*tab1*) da nossa amostra, que leva em consideração Elevação e Contexto Precedente:

```

chisq.test(tab1)
X-squared = 288.73, df = 6, p-value < 2.2e-16

```

O teste de qui-quadrado, que buscava verificar a diferença nas proporções de elevação em relação à variável Contexto Precedente, mostrou que as diferenças são significativas, uma vez que o valor-*p* abaixo de 5% indica-nos que podemos rejeitar a hipótese nula.

De acordo com os resultados obtidos dos testes de qui-quadrado de todas as variáveis, com as observações de valor-*p*, selecionamos as variáveis que apresentaram relevância estatística para incluir na testagem de diferentes modelos de variação, obtidos estatisticamente por regressão logística. Na sequência,

partimos para a regressão logística e as análises de efeitos mistos com e sem interação de grupos de fatores. De acordo com Oushiro:

A função para criar um modelo de regressão logística é `glm()` – do inglês, *generalized linear model*. Trata-se efetivamente de uma generalização do modelo de regressão linear para variáveis não numéricas. (...) o argumento `glm()` é uma fórmula no formato `VD ~ VI` (OUSHIRO, 2017, pp. 183-184).

Nessa função, consideramos o conjunto de dados e temos a variável resposta binária. Como *output* dessa regressão, obtemos a fórmula utilizada, a tabela com os coeficientes, o erro padrão e o valor de significância de cada um.

Os *scripts* que utilizamos para realizar a regressão logística estão em (01). Os testes foram realizados com as vogais /e/ e /o/ juntos e também para /e/ e /o/ separados, sempre considerando as variáveis que apresentaram resultados significativos nos testes de qui-quadrado. Também foi realizada a regressão logística com a interação entre Idade e Escolaridade.

(01)

```
mod2<- glm(ELEVACAO ~ CONTEXT.PREC + CONTEXT.SEG + V.TONICA +
IDADE + V.ALVO + BILINGUISMO2 + ESCOLARIDADE + GENERO, data =
dadosEOfinal, family = binomial)
```

```
summary(mod2)
```

```
mod3<- glm(ELEVACAO ~ CONTEXT.PREC + CONTEXT.SEG + V.TONICA +
IDADE*ESCOLARIDADE + V.ALVO + BILINGUISMO2 + GENERO, data =
dadosEOfinal, family = binomial)
```

```
summary(mod3)
```

No relatório de resultados fornecido pelo programa, como informação principal, apresentam-se os *logodds*, que são as estimativas dos coeficientes, sendo que as chances de algo ocorrer são os *odds*. Conforme Oushiro:

As chances de algo ocorrer (=resultado favorável – Fav) são maiores, menores ou iguais às chances de não ocorrer(=resultado desfavorável – Des). Se o resultado favorável é mais frequente do que o resultado desfavorável, a divisão Fav/Des dará um número maior do que 1, e não tem limite máximo. Se o resultado favorável é menos frequente do que o resultado desfavorável, a divisão Fav/Dês dará um número menor do que 1,

mas nunca negativo. O ponto neutro da escala é 1, pois ele equivale ao cenário em que Fav = Des, portanto Fav/Des = 1 (OUSHIRO, 2017, p. 185).

Já a escala de *logodds* tem ponto neutro em zero, levando vantagem em relação à escala de *odds*, por ser simétrica e apresentar um intervalo igual entre o ponto neutro e suas extremidades. Podemos ler da seguinte maneira: se o *logood* for zero ou estiver próximo a zero, sabemos que existem diferenças significativas, sendo os valores positivos favorecedores e os valores negativos desfavorecedores, sempre em relação aos níveis da variável previsora.

Abaixo, apresentamos as primeiras linhas do relatório de resultados obtido com uma das fórmulas em (01), como exemplo. Podemos notar que, depois de apresentar o modelo utilizado encontramos, abaixo de *intercept*, o fator Coronal [-anterior] da variável Contexto Precedente, que apresenta valor *estimate* negativo; logo esse fator indica desfavorecimento nesse modelo.

Call:

```
glm(formula = ELEVACAO ~ CONTEXT.PREC + CONTEXT.SEG + V.TONICA +
  IDADE + V.ALVO + BILINGUISMO2 + ESCOLARIDADE + GENERO, family =
  binomial, data = dadosEOfinal)
```

Deviance Residuals:

```
Min 1Q Median 3Q Max
-1.1240 -0.5112 -0.3831 -0.2407 2.8714
```

Coefficients:

```
Estimate Std. Error z value Pr(>|z|)
(Intercept) -2.28113490.1797513 -12.691 < 2e-16 ***
CONTEXT.PRECh -0.4388315 0.1350159 -3.250 0.00115 **
```

Depois da realização dos modelos de regressão logística e da observação dos fatores que se mostraram significativos, partimos para os modelos de efeitos mistos, com vistas a verificar se os fatores mantêm seus efeitos incluindo-se no modelo as variáveis aleatórias. É a partir desses modelos que poderemos perceber se alguns resultados anteriormente observados devem-se aos itens lexicais ou a algum informante.

Nos modelos anteriores, trabalhamos com a função *glm()*. Para os modelos de efeitos mistos, utilizaremos a função *lmer()*. De acordo com Oushiro (2017, p. 175), “a função *lmer()* toma os mesmos argumentos de *glm()*, com a diferença de que requer a inclusão de variáveis aleatórias.”

Mais uma vez, ao realizar a análise de efeitos mistos, incorporamos ao modelo as variáveis que mostraram relação e significância nos modelos anteriores, incluindo as variáveis aleatórias, que, no caso deste trabalho, são Informante e Item Lexical. Em (02) estão os *scripts* dos dois modelos utilizados para a análise de efeitos mistos:

(02)

```
mod1.glmer <- glmer(ELEVACAO ~ CONTEXT.PREC + CONTEXT.SEG + V.TONICA
+ IDADE + V.ALVO + BILINGUISMO2 + (1|INFORMANTE) + (1|ITEM.LEXICAL),
data = dadosEOfinal, family = binomial)
summary(mod1.glmer)
```

```
mod2.glmer <- glmer(ELEVACAO ~ CONTEXT.PREC + CONTEXT.SEG + V.TONICA
+ IDADE*ESCOLARIDADE + V.ALVO + BILINGUISMO2 + (1|INFORMANTE) +
(1|ITEM.LEXICAL), data = dadosEOfinal, family = binomial)
summary(mod2.glmer)
```

Com base nesses modelos, obtivemos os resultados estatísticos esperados, indicando o tipo de modelo, quais as variáveis nominais incluídas e seus fatores, as relações destas com a variável resposta, em análise de efeitos mistos, com a inclusão das variáveis aleatórias, para confirmar ou não os resultados dos modelos que consideraram as variáveis fixas. De acordo com Oushiro (2017), os resultados finais reportados devem ser os dos modelos de efeitos mistos, como serão apresentados no capítulo 4 deste trabalho.

Juntamente com a análise da regra variável, foi feito o controle acústico de alguns dados para verificar se a elevação vocálica de fato ocorreu. Na verificação acústica, foi utilizado o programa computacional PRAAT (BOERSMA; WEENINK, 2013)¹⁴. Para exemplificar aqui a referida análise, foram selecionados quatro

¹⁴ Disponível em http://www.fon.hum.uva.nl/praat/download_win.html. Acesso em 29 mai. 2018.

segmentos com a produção das vogais médias em posição final, dois para /e/ e dois para /o/, de um informante masculino e um informante feminino.

De acordo com Silva (2007), com base em Teoria Acústica de Produção da Fala (FANT, 1960), há:

Uma relação intrincada entre o dado articulatório e o dado acústico, de modo que é possível inferirmos o movimento dos articuladores através dos valores de seus formantes. Tal inferência é possível, no caso das vogais, porque o correlato articulatório de F1 é o movimento de abertura da mandíbula e o correlato articulatório de F2 é o movimento ântero-posterior do dorso da língua. F3, segundo as previsões de Fant, tende a acompanhar a trajetória de F2 (SILVA, 2007, p.72).

Ainda segundo a autora, vogais altas têm valor de F1 baixo, enquanto vogais baixas têm valor de F1 alto. Já os valores de F2 mostram que vogais anteriores possuem F2 alto e as vogais posteriores apresentam valor de F2 baixo.

Com base em Behlau (1984), Araujo (2000) apresenta a seguinte tabela de frequência média dos formantes (F1 e F2) para homens e mulheres adultos, além de crianças, que tomamos como referência na presente tese.

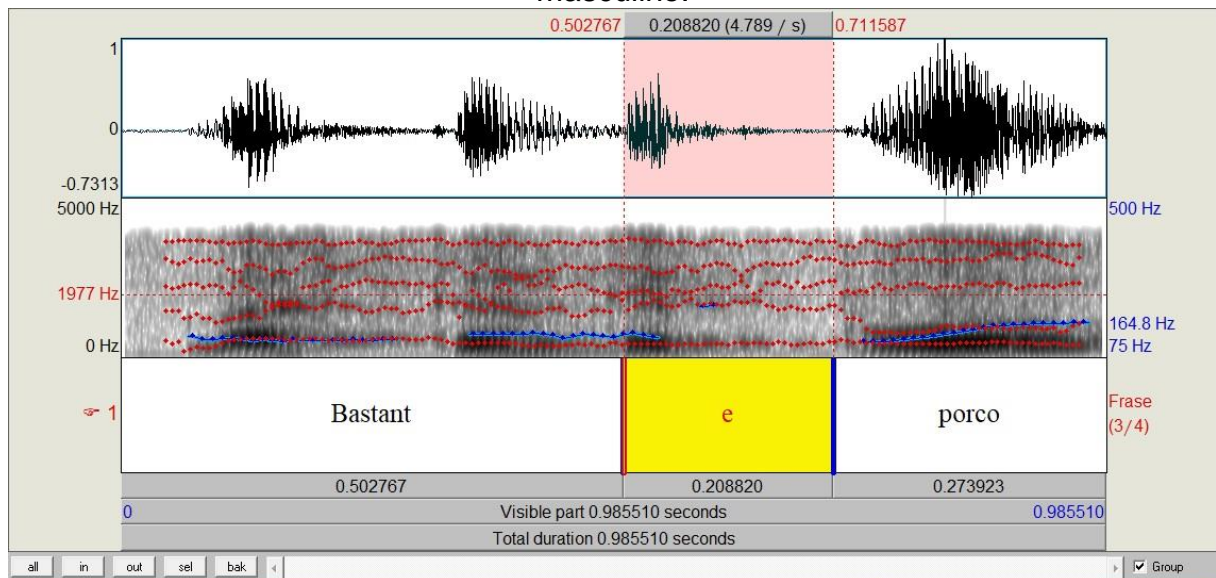
Figura 8 – F1 e F2 das vogais tônicas do português falado no Brasil

Grupos	Formantes	Anteriores			Medial	Posteriores		
		/i/	/e/	/ɛ/	/a/	/ɔ/	/o/	/u/
Homens	F ₁	398	563	699	807	715	558	400
	F ₂	2456	2339	2045	1440	1201	1122	1182
Mulheres	F ₁	425	628	769	956	803	595	462
	F ₂	2984	2712	2480	1634	1317	1250	1290
Crianças	F ₁	465	698	902	1086	913	682	505
	F ₂	3176	2825	2606	1721	1371	1295	1350

Fonte: Behlaus (1984), conforme citado por Araujo (2000, p. 78)

O primeiro recorte para o controle acústico vem do informante masculino e compreende o trecho “bastante porco”, utilizado para o controle de /e/. Abaixo, na figura 09, apresentamos os resultados obtidos.

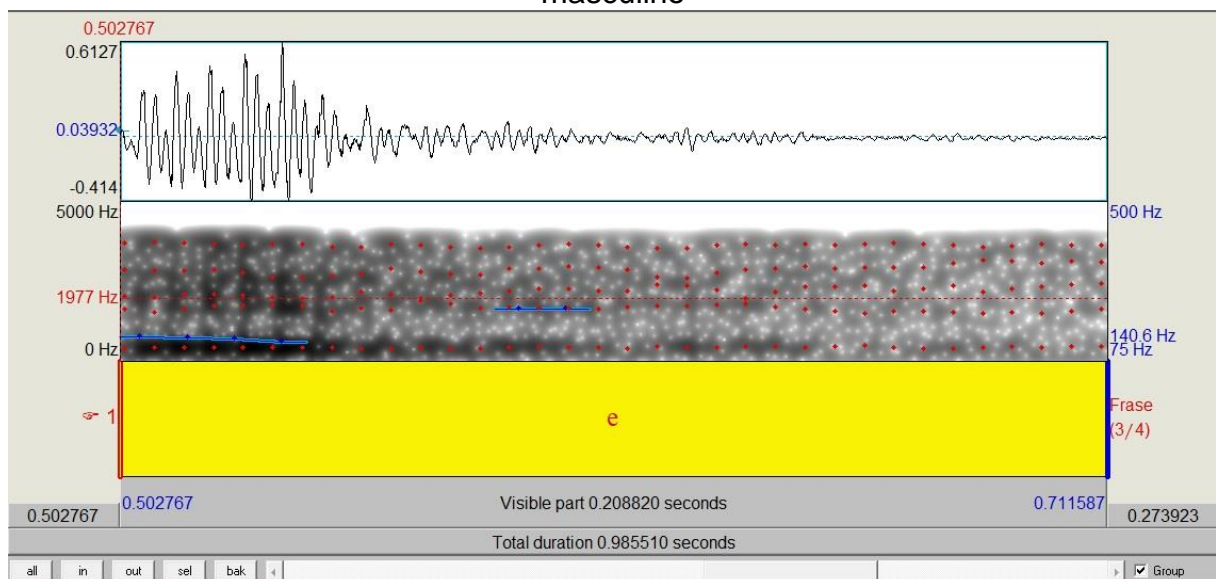
Figura 9 – Controle acústico de /e/ (frase: bastante porco) final, informante masculino.



Fonte: Elaborado pelo autor

Quando considerada somente a vogal alvo, obtivemos os seguintes valores: $F1 = 394.03376$ e $F2 = 1601.63512$. A figura 10 mostra o controle da vogal alvo.

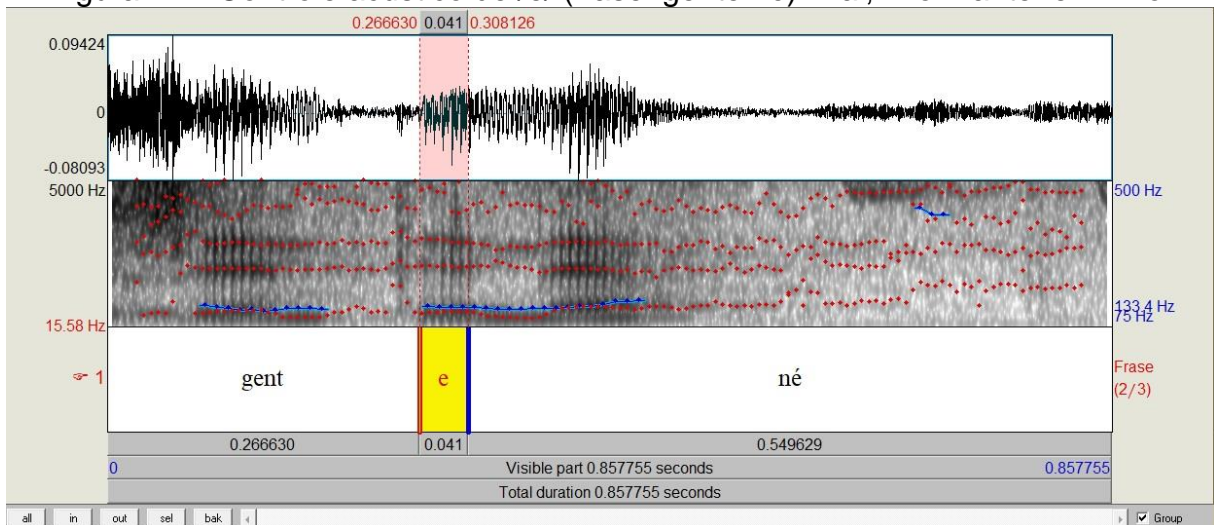
Figura 10 – Recorte da vogal alvo /e/ na frase: “bastante porco”. Informante masculino



Fonte: Elaborado pelo autor

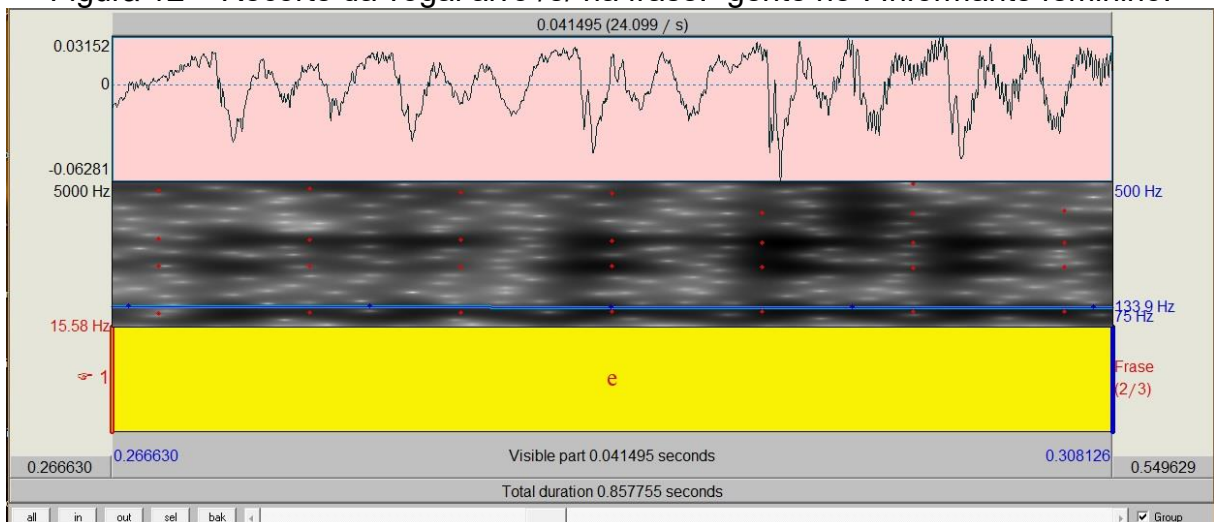
Percebemos no caso acima que o valor de F1 do informante fica abaixo da média de [e], correspondendo à de [i], o que indica elevação da vogal. Na sequência, selecionamos a informante feminina para realizar o controle da vogal /e/ em posição átona final. O trecho selecionado é “gente né”, obtido nas gravações das entrevistas de experiência pessoal. Abaixo, nas figuras 11 e 12, mostramos os espectrogramas resultantes.

Figura 11 – Controle acústico de /e/ (frase: gente né) final, informante feminino.



Fonte: Elaborado pelo autor

Figura 12 – Recorte da vogal alvo /e/ na frase: “gente né”. Informante feminino.

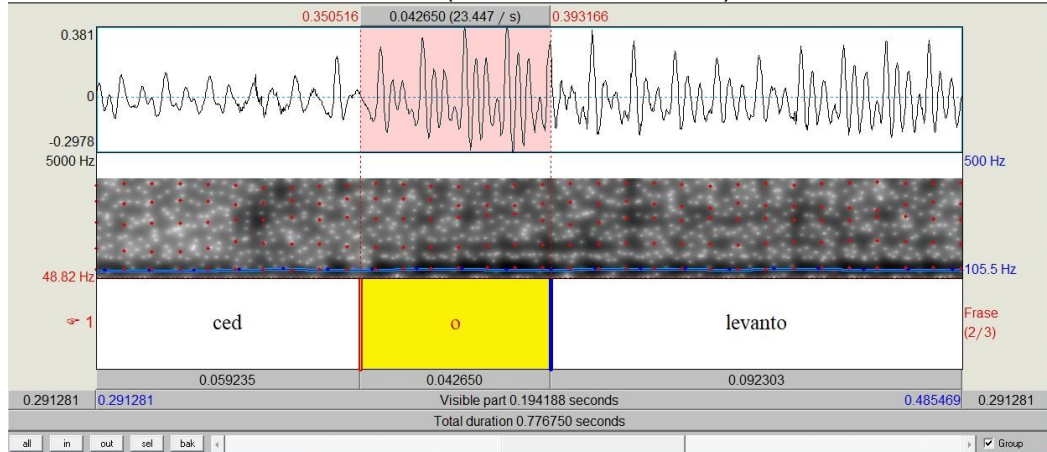


Fonte: Elaborado pelo autor

Como resultado, obtivemos: F1= 490.71557, F2= 2053.00771. O valor de F1 é compatível com o de vogal alta anterior, atestando elevação de /e/. O valor de F2 mostra que a vogal elevada é emitida com leve posteriorização.

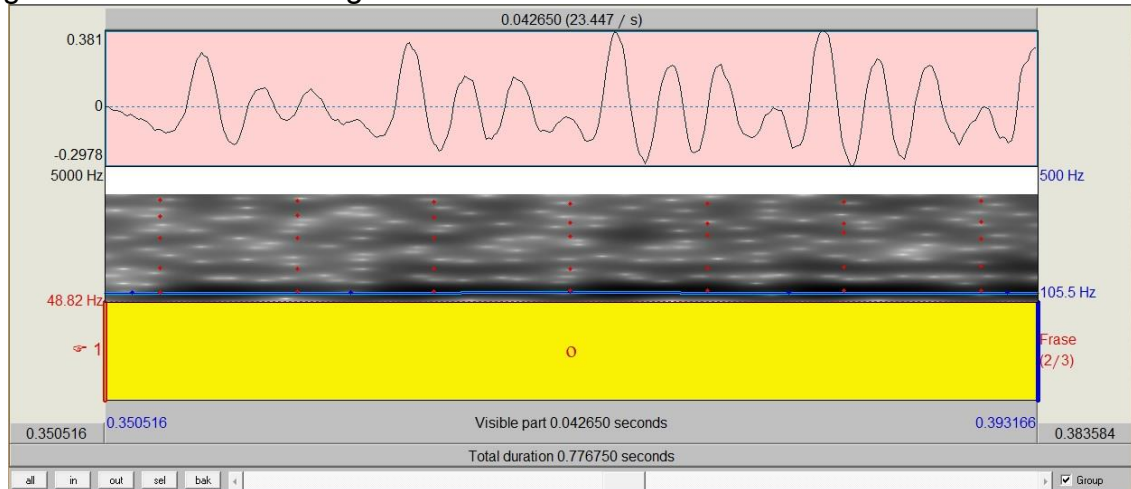
Para a vogal /o/ foram selecionados os trechos “cedo levanto”, de informante masculino, e “claro que”, de informante feminina. As figuras 13, 14, 15 e 16 mostram os espectrogramas para estes trechos.

Figura 13 – Controle acústico de /o/ (frase: cedo levanto) final, informante masculino.



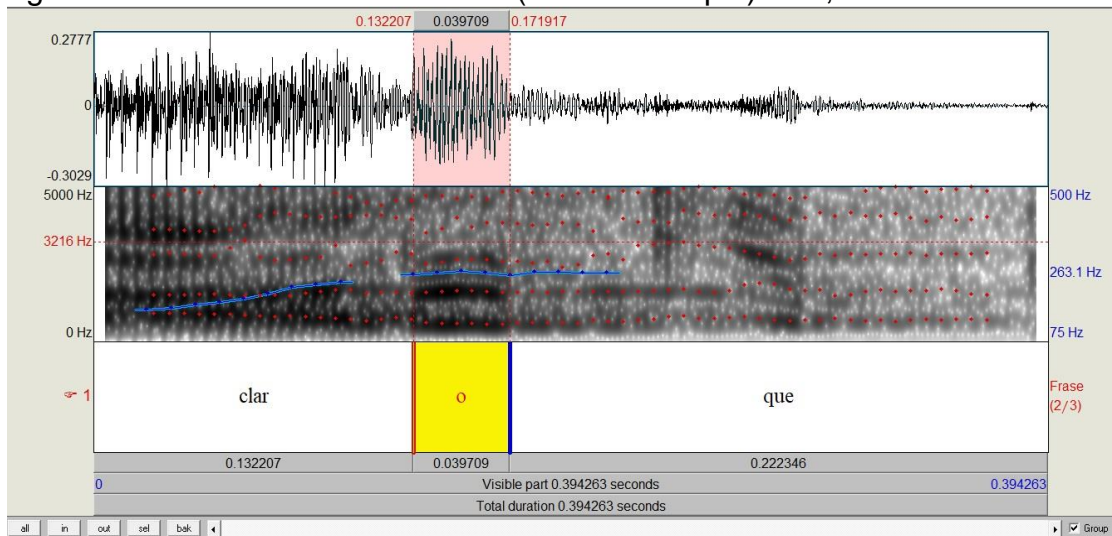
Fonte: Elaborado pelo autor

Figura 14 – Recorte da vogal alvo /o/ na frase: “cedo levanto”. Informante masculino.



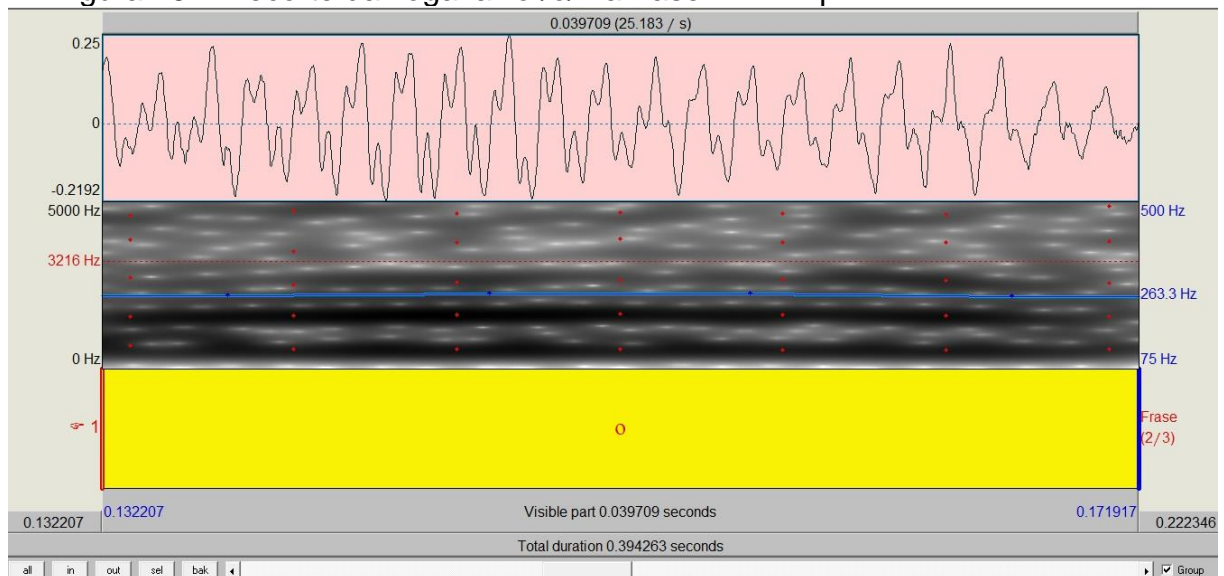
Fonte: Elaborado pelo autor

Figura 15 – Controle acústico de /o/ (frase: claro que) final, informante feminino



Fonte: Elaborado pelo autor

Figura 16 – Recorte da vogal alvo /o/ na frase: “claro que”. Informante feminino



Fonte: Elaborado pelo autor

Os valores para tais trechos ficaram, respectivamente: *cedo levanto* $F1=398.33000$, $F2=1243.51459$, atestando elevação e anteriorização de /o/; *claro que* $F1= 565.46987$, $F2= 1581.3226$, compatível com emissão não elevada, mas anteriorizada de /o/.

3.2 ANÁLISE DE REDE

A análise de rede social surge nas ciências sociais como forma de melhor compreender os padrões das relações humanas. Revela como se desenham e se

caracterizam os vínculos sociais, distanciamentos e proximidades entre indivíduos de uma mesma comunidade e quais as influências recíprocas em cada relação. Para Battisti (2011, p. 255), “se classe social é correlacionada às variantes, a rede social é tomada como meio para verificar o papel do falante enquanto difusor da inovação linguística (ou bloqueador da inovação)”.

Em Esquina Barra Funda, realizou-se a análise da rede social dos mesmos dezoito entrevistados que forneceram dados para a análise da regra variável. Todos eles se conhecem, mas nem todos interagem uns com os outros, ou têm algum contato uns com os outros com a mesma frequência. Assim, levou-se em conta a frequência de contato que os informantes poderiam ter uns com os outros em Esquina Barra Funda: contato diário, semanal e mensal, considerando as práticas sociais observadas na comunidade em momentos de lazer, trabalho, religião, no convívio de vizinhos, no comércio. Atribuindo-se 1, 2 e 3 aos contatos diário, semanal e mensal¹⁵, respectivamente, construiu-se a matriz de relacionamento em rede dos informantes, a partir de que se construiu um grafo e se expressou tanto em relacionamento em rede dos informantes, quanto à proporção de elevação de cada um na rede.

3.3 OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

Também faz parte do percurso desta pesquisa a observação participante na comunidade de Esquina Barra Funda. Para Rocha e Eckert (2008, p. 15):

o método etnográfico se define pelas técnicas de entrevista e de observação participante, complementares aos procedimentos, importantes para o cientista adequar suas preocupações estritamente acadêmicas e academicistas à trama interior da vida social que investiga.

É a partir da observação participante que o pesquisador tomará parte na vida social da comunidade pesquisada, conhecerá e conviverá com os sujeitos ali presentes, observando seu dia a dia e suas formas de interação. Para tal o pesquisador, ao longo da investigação, participa juntamente com os membros da comunidade das atividades, interage e observa como é a vida cotidiana do local pesquisado. Faz-se necessário estar presente não somente em um determinado

¹⁵ Diário: todo dia; Semanal: pelo menos uma vez a cada semana; mensal: pelo menos uma vez por mês.

momento, mas estar lá por longos períodos e sempre voltar à comunidade, registrando os dados em diários de campo na forma de anotações.

Sabemos que, geralmente, a inserção do pesquisador na comunidade para realizar suas observações acontece por meio de um sujeito que seja intermediário e validador da presença de um indivíduo estranho aos habitantes locais. Porém, no caso desta pesquisa, não houve, necessariamente, um intermediário, visto que o pesquisador viveu grande parte da sua vida ali e ainda mantém laços familiares e de amizade com os moradores de Esquina Barra Funda.

Durante a realização das observações, o pesquisador participou dos jogos que se realizam na comunidade, fossem eles de baralho, bocha ou futebol. Além disso, o pesquisador trabalhou como ajudante em um mercado, pertencente a seus familiares, tendo tido ali bastante contato com os moradores, visto que, em uma comunidade de interior, a ida da população ao mercado não se resume a fazer suas compras e ir embora, como estamos acostumados a observar em grandes cidades. O estabelecimento comercial é também um local onde os sujeitos interagem, conversam sobre os mais variados assuntos, discutem política, clima, agricultura; enfim, discutem o dia a dia da comunidade.

Durante esse tempo de inserção na comunidade, o pesquisador produziu notas que visaram a adensar e melhor compreender as situações de interação social em um ambiente que fosse natural aos sujeitos da pesquisa. Procurou manter-se incluído nas atividades, mas com certo distanciamento quanto aos juízos produzidos na comunidade, a fim de não interferir na naturalidade da conversação e das opiniões.

4 RESULTADOS

Neste capítulo, apresentaremos e discutiremos os resultados das diferentes análises realizadas.

4.1 ANÁLISE DE REGRA VARIÁVEL

Apresentam-se nesta seção os resultados da análise estatística dos dados de fala coletados, tradicionalmente chamada de análise de regra variável. Efetuaram-se análises de regressão linear de efeitos mistos, realizadas com os dados de /e, o/ juntos, e /e/ e /o/ separados.

Iniciaremos pelos resultados da análise conjunta de dados de /e/ e /o/ (seção 4.1.1), que chamamos de análise global. Em seguida, vêm os resultados da rodada apenas com dados de /e/ (seção 4.1.2) e, finalmente, os resultados da rodada apenas com dados de /o/ (seção 4.1.3).

4.1.1 Apresentação dos resultados da análise dos dados de /e/ e /o/ juntos

Para a análise global, foram considerados 9537 contextos de elevação (vogais /e/ e /o/ juntas), havendo uma porcentagem de 9,95% de aplicação e 91,05% de não aplicação da regra. Tais dados, em um primeiro momento, confirmam a percepção de que os habitantes de Esquina Barra Funda pouco elevam as vogais /e, o/ em sílaba átona final e aberta.

Como primeiro passo, todas as variáveis previstas na codificação dos dados (Contexto Precedente, Contexto Seguinte, Posição do Acento na Sílabla Tônica, Gênero, Idade, Escolaridade, Vogal-alvo, Informante, Bilinguismo e Língua 2) foram submetidas ao teste de qui-quadrado. As variáveis Gênero e Escolaridade, por não apresentarem valor-*p* significativo no teste realizado, não foram incluídas nas análises de efeitos mistos, com exceção de Escolaridade, que foi testada em sua interação com Idade (Tabela 01).

Tabela 1 – Análise de regressão linear de efeitos mistos da elevação (dados de /e/ e /o/ juntos).

N = 9537

Intercepto = -2,2540708

Variável	Apl./Ocorrências	Estimativa	Erro padrão	z	P
Contexto precedente					
Dorsal (valor de referência)	180/650(27,6%)				
Coronal [-anterior]	138/1046(13,1%)	-3,49847	0,00030	-11517	<2e - 16 ***
Coronal [+anterior]	376/4858(7,7%)	-5,20335	0,00030	-17130	<2e - 16 ***
[r]	40/660 (6%)	-4,32249	0,00030	-14230	<2e - 16 ***
[s,z]	91/1217 (7,4%)	-4,88883	0,00030	-16095	<2e - 16 ***
Labial	109/985(11%)	-4,39096	0,00030	-14456	<2e - 16 ***
Vogal	15/121 (12,3%)	-6,92503	0,00030	-22798	<2e - 16 ***
Contexto seguinte					
Vogal (valor de referência)	386/3494 (11%)				
Dorsal	86/1080 (8%)	-0,35987	0,00030	-1185	<2e - 16 ***
Labial	230/1870 (12%)	-0,01861	0,00030	-61	<2e - 16 ***
Coronal [-anterior]	7/182 (4%)	-2,23878	0,00030	-7370	<2e - 16 ***
Coronal [+anterior]	240/2911 (8%)	- 0,09821	0,00031	-313	<2e - 16 ***
Vogal na sílaba tônica					
Não alta (valor de ref.)	527/6921 (7,6%)				
Alta	422/2616 (16,1%)	0,50546	0,00030	1664	<2e - 16 ***
Idade					
15 a 35 anos (valor de ref.)	368/3230 (11,3%)				
36 a 57 anos	311/3097(10%)	-0,14919	0,00031	-476	<2e - 16 ***
58 ou mais anos	270/3210(8,4%)	-0,31409	0,00030	-1034	<2e - 16 ***
Vogal-alvo					
/e/ (valor de referência)	107/3042(3,5%)				
/o/	842/6495(13%)	0,04721	0,00030	155	<2e - 16 ***
Bilinguismo					
Bilíngue	389/4183(9,2%)				
Não bilíngue	560/5354(10,4%)	0,16678	0,00030	549	<2e - 16 ***

Modelo 1. (ELEVACAO ~ CONTEXT.PREC + CONTEXT.SEG + V.TONICA + V.ALVO + IDADE + BILINGUISMO2 + (1|INFORMANTE) + (1|ITEM.LEXICAL)

Fonte: Elaborado pelo autor.

O modelo de efeitos mistos apresentado na Tabela 01 considerou as variáveis Contexto Fonológico Precedente, Contexto Fonológico Seguinte, Vogal na Sílaba Tônica, Idade, Vogal-Alvo e Bilinguismo. Os resultados mostram que a elevação correlaciona-se a Contexto Fonológico Precedente. Todos os fatores dessa variável são desfavorecedores da elevação, com destaque para os fatores Coronal [-anterior], Vogal e Labial. O Contexto Fonológico Seguinte também se correlaciona à elevação: todos os fatores apresentaram-se desfavoráveis à aplicação da regra, com destaque para o fator Labial.

Além disso, a elevação correlaciona-se com as variáveis Vogal na sílaba tônica e Vogal-alvo: é favorecida por vogal alta na sílaba tônica e por vogal-alvo /o/, respectivamente. No que se refere às variáveis sociais, Idade e Bilinguismo correlacionam-se à elevação. Os fatores 36 a 57 anos e 58 anos da variável Idade desfavorecem a aplicação da regra. O fator Não bilíngue da variável Bilinguismo favorece a elevação.

Pelos resultados do Modelo1, poderíamos, inspirados em Oushiro e Mendes (2014), por sua vez baseados em Weinreich, Labov e Herzog (2006), pensar que a elevação das vogais /e, o/ fosse processo em fase inicial de implementação no português falado em Esquina Barra Funda, já que existe maior condicionamento linguístico que social. No entanto, é preciso ampliar a análise das variáveis sociais antes de seguir tal interpretação.

Embora Escolaridade não tenha apresentado valor-p significativo no teste de qui-quadrado e, por essa razão, não tenha sido incluído no Modelo 1, pensou-se em testar sua interação com Idade. Mileski (2013) verificou a interação de Escolaridade e Idade na elevação de /o/ no português de contato. Assim, incluiu-se essa interação no modelo de elevação das vogais /e/ e /o/ juntas. O resultado está na Tabela 02.

Tabela 2 – Análise de regressão linear de efeitos mistos da elevação (dados de /e/ e /o/ juntos) com a interação de Idade e Escolaridade.

$N = 9537$

Intercepto = -5,11347

Variável	Apl./Ocorrências	Estimativa	Erro padrão	z	P
Contexto precedente					
Dorsal (valor de referên.)	180/650(27,6%)				
Coronal [-anterior]	138/1046(13,1%)	-1,51619	1,06845	-1,419	0,15588
Coronal [+anterior]	376/4858(7,7%)	-3,49494	0,85690	-4,079	4,53e-05 *
[r]	40/660 (6%)	-1,44561	0,95663	-1,511	0,13075
[s,z]	91/1217 (7,4%)	-3,00895	1,19994	-2,508	0,01216 *
Labial	109/985(11%)	-2,64799	0,97651	-2,712	0,00669 **
Vogal	15/121 (12,3%)	-3,99571	1,89580	-2,108	0,03506 *
Contexto seguinte					
Vogal (valor de referência)	386/3494 (11%)				
Dorsal	86/1080 (8%)	-0,43948	0,17156	-2,562	0,01042 *
Labial	230/1870 (12%)	-0,11698	0,11489	-1,018	0,30859
Coronal [-anterior]	7/182 (4%)	-2,63216	0,67372	-3,907	9,35e-05 *
Coronal [+anterior]	240/2911 (8%)	-0,09159	0,10890	-0,841	0,40034
Vogal na sílaba tônica					
Não alta (valor de ref.)	527/6921 (7,6%)				
Alta	422/2616 (16,1%)	0,28262	0,31546	0,896	0,37032
Idade					
15 a 35 anos (valor de ref.)	368/3230 (11,3%)				
36 a 57 anos	311/3097(10%)	-0,18224	0,27790	-0,656	0,51198
58 ou mais anos	270/3210(8,4%)	-0,40825	0,38473	-1,061	0,28862
Escolaridade					
Até 4 anos (valor de ref.)	335/3479 (9,6%)				
De 4 a 8 anos	325/3157(10,3%)	0,11318	0,34067	0,332	0,73973
Mais de 8 anos	289/2901(10%)	-0,38586	0,24814	-1,555	0,11994
Vogal-alvo					
/e/ (valor de referência)	107/3042(3,5%)				
/o/	842/6495(13%)	0,84281	0,46408	1,816	0,06936 .
Bilinguismo					
Bílingue	389/4183(9,2%)				
Não bilingue	560/5354(10,4%)	0,31408	0,21935	1,432	0,15218
Idade:Escolaridade					
36 a 57 anos:4 a 8 anos		0,08956	0,38662	0,232	0,81681
58 ou mais anos:4 a 8 anos		-0,07471	0,61692	-0,121	0,90361
36 a 57 anos:+ de 8 anos		0,40643	0,35127	1,157	0,24725
58 ou + anos: + de 8 anos		0,77137	0,38309	2,014	0,04406 *

Modelo 2. (ELEVACAO ~ CONTEXT.PREC + CONTEXT.SEG + V.TONICA + IDADE*ESCOLARIDADE + V.ALVO + BILINGUISMO2 + (1|INFORMANTE) + (1|ITEM.LEXICAL)

Fonte: Elaborado pelo autor.

No Modelo 2, com a interação entre as variáveis Idade e Escolaridade, mantém-se a correlação de elevação com Contexto Fonológico Precedente, sendo os fatores Coronal [+anterior], Labial, [s,z] e Vogal desfavorecedores da aplicação da regra. Entre esses fatores, Coronal [+anterior] é o contexto mais desfavorável para a aplicação da elevação. No Contexto Fonológico Seguinte, as consoantes coronais[-anterior] e as consoantes dorsais, que seguem a vogal, desfavorecem a elevação. As variáveis Vogal na Sílaba Tônica e Vogal-Alvo não se correlacionam à aplicação da regra. O Modelo 2 confirma a correlação da interação Idade*Escolaridade com a

elevação: o fator 58 ou mais anos interagindo com Mais de 08 anos de escolaridade favorece a elevação.

Essa análise permite constatar que os contextos fonológicos precedentes e seguintes têm papel na resistência à elevação das médias postônicas finais no português falado em Esquina Barra Funda, assim como a interação de Idade e Escolaridade. O fato de as variáveis Vogal na Sílabla Tônica e Vogal-Alvo correlacionarem-se ao processo no modelo sem interação (Modelo 1), mas não no modelo com a interação Idade*Escolaridade (Modelo 2) sugere investigar os dados de /e/ e os dados de /o/ separadamente. É o que se expõe a seguir.

4.1.2 Apresentação dos resultados da análise dos dados de /e/

A amostra contou com 3042 dados de /e/, sendo que apenas 107 (3,5%) desses dados elevam-se, restando 2935 (96,5%) não elevados. É uma proporção de aplicação muito baixa. Praticamente não há variação de /e/ na comunidade de Esquina Barra Funda. Essa deve ser a razão de apenas as variáveis Contexto fonológico Seguinte e Idade apresentaram correlação com a elevação da vogal /e/ (Modelo 3, Tabela 03). Na variável Contexto Fonológico Seguinte, os fatores coronal [+anterior], dorsal e labial desfavorecem a elevação. Na variável Idade, o fator 58 ou mais anos desfavorece o processo.

Tabela 3 – Análise de regressão linear de efeitos mistos da elevação (dados de /e/)
 N = 3042
 Intercepto = -9,183e+00

Variável	Apf./Ocorrências	Estimativa	Erro padrão	z	P
Contexto precedente					
Dorsal (valor de referên.)	27/34(79,4%)				
Coronal [-anterior]	58/369 (15,7%)	2,715e+00	9,788e+00	0,277	0,78148
Coronal [+anterior]	9/1877(0,4%)	-1,283e+00	8,623e+00	-0,149	0,88170
[r]	0/263 (0%)	-2,572e+00	6,201e+01	-0,041	0,96692
[s,z]	6/414 (1,4%)	4,084e-01	8,280e+00	0,049	0,96066
Labial	7/84 (8,3%)	1,936e+00	9,329e+00	0,208	0,83557
Vogal	0/1 (0%)	5,330e+00	5,735e+01	0,093	0,92595
Contexto seguinte					
Vogal (valor de referência)	92/971(9,4%)				
Dorsal	6/375 (1,6%)	-1,828e+00	-2,665	-0,133	0,89422 **
Labial	4/476 (0,8%)	-2,723e+00	-2,993	1,193	0,23298 **
Coronal [-anterior]	0/98 (0%)	-2,132e+02	0,000	-2,972	0,00296
Coronal [+anterior]	5/1122 (0,4%)	-4,356e+00	0,12775	-4,551	0,54691 ***
Vogal na sílaba tônica					
Não alta (valor de ref.)	101/2884(3,5%)				
Alta	6/158 (3,7%)	-9,868e-01	8,130e+00	-0,118	0,90643
Idade					
15 a 35 anos (valor de ref.)	47/1052(4,2%)				
36 a 57 anos	33/978(3,3%)	-4,087e-01	4,070e-01	-1,004	0,31529
58 ou mais anos	29/1012(2,8%)	-9,868e-01	4,105e-01	-2,404	0,01624 *
Bilinguismo					
Bilíngue	48/1294(3,7%)				
Não bilíngue	59/1748(3,3)	2.256e-01	3,536e-01	0,638	0,52344

Modelo 3. (ELEVACAO ~ CONTEXT.PREC + CONTEXT.SEG + V.TONICA + IDADE + BILINGUISMO2 + (1|INFORMANTE) + (1|ITEM.LEXICAL)

Fonte: Elaborado pelo autor.

Como passo seguinte, incluímos no modelo a interação entre Idade e Escolaridade, como na análise global. O Modelo 4, então, considera as variáveis Contexto Fonológico Precedente, Contexto Fonológico Seguinte, Vogal da Sílabla Tônica, Idade, Escolaridade, Bilinguismo e a interação Idade*Escolaridade. Os resultados estão expostos na tabela 04.

Tabela 4 – Análise de regressão linear de efeitos mistos da elevação (dados de /e/) com a interação de Idade e Escolaridade.

N = 3042

Intercepto = -2,655e-01

Variável	Apl./Ocorrências	Estimativa	Erro padrão	z	P
Contexto precedente					
Dorsal (valor de referên.)	27/34(79,4%)				
Coronal [-anterior]	58/369 (15,7%)	-1,759e+00	3,679e+00	-0,478	0,63254
Coronal [+anterior]	9/1877(0,4%)	-7,327e+00	3,272e+00	-2,240	0,02512 *
[r]	0/263 (0%)	-5945e+01	4,138e+06	0,000	0,99999
[s,z]	6/414 (1,4%)	-5,390e+00	3,342e+00	-1,613	0,10683
Labial	7/84 (8,3%)	-2,882e+00	3,682e+00	-0,783	0,43384
Vogal	0/1 (0%)	-5,071e+00	1,395e+02	0,036	0,97101
Contexto seguinte					
Vogal (valor de referência)	92/971(9,4%)				
Dorsal	6/375 (1,6%)	-1,750e+01	6,5675e-01	-2,664	0,00773
Labial	4/476 (0,8%)	-2,637e+00	8,662e-01	-3,044	0,00233
Coronal [-anterior]	0/98 (0%)	-1,742e+01	1,380e+03	-0,013	0,98993
Coronal [+anterior]	5/1122 (0,4%)	-4,058e+00	8,578e-01	-4,731	2,24e-06
Vogal na sílaba tônica					
Não alta (valor de ref.)	101/2884(3,5%)				
Alta	6/158 (3,7%)	-1,118e+00	2,847e+00	-0,393	0,69451
Idade					
15 a 35 anos (valor de ref.)	47/1052(4,2%)				
36 a 57 anos	33/978(3,3%)	-1,186e+00	7,326e-01	-1,619	0,10544
58 ou mais anos	29/1012(2,8%)	-2,400e+00	1,031e+00	-2,328	0,01990 *
Escolaridade					
Até 4 anos (valor de ref.)	24/844 (2,8%)				
De 4 a 8 anos	29/789 (3,7%)	-5,151e-01	6,461e-01	-0,797	0,42533
Mais de 8 anos	20/671(3%)	-1,074e-01	6,352e-01	-0,169	0,86574
Bilinguismo					
Bilíngue	48/1294(3,7%)				
Não bilíngue	59/1748(3,3%)	-4,779e-01	5,149e-01	-0,928	0,35335
Idade:Escolaridade					
36 a 57 anos:4 a 8 anos		1,198e+00	8,875e-01	1,350	0,17695
58 ou mais anos:4 a 8 anos		2,527e+00	1,332e+00	1,898	0,05776 .
36 a 57 anos:+ de 8 anos		5,478e-01	9,791e-01	0,559	0,57584
58 ou + anos: + de 8 anos		1,043e+00	1,182e+00	0,882	0,37751

Modelo 4. (ELEVACAO ~ CONTEXT.PREC + CONTEXT.SEG + V.TONICA + IDADE*ESCOLARIDADE + BILINGUISMO2 + (1|INFORMANTE) + (1|ITEM.LEXICAL))

Fonte: Elaborado pelo autor.

Temos no Modelo 4 (Tabela 04) a confirmação da correlação da variável Contexto Fonológico Seguinte com a elevação de /e/. Os fatores Coronal [+anterior], Dorsal e Labial desfavorecem a aplicação do processo a /e/. Nesse modelo também tem papel a variável Contexto Fonológico Precedente: o fator Coronal [+anterior] desfavorece a elevação. Das variáveis sociais, apenas Idade correlaciona-se à elevação de /e/: o fator 58 ou mais anos desfavorece o processo, o que se expressa na interação entre as variáveis Idade e Escolaridade, fator 58 ou mais anos de idade e 4 a 8 anos de escolaridade, com um leve favorecimento à elevação.

Embora haja correlação com Idade, o fato de a proporção total de aplicação da elevação de /e/ estar abaixo de 5% impede-nos de afirmar que o processo seja variação na mudança em progresso. Acrescem-se a isso os resultados das outras variáveis correlacionadas ao processo, Contexto Fonológico Precedente e Seguinte, os mais expressivos respondendo pelo desfavorecimento da elevação de /e/. Tais resultados devem derivar da estrutura da comunidade e suas dinâmicas linguísticas, como o alto grau de bilinguismo e o constante contato entre português e alemão.

De acordo com Vieira (1994), no contato entre línguas, a influência de uma língua sobre a outra é percebida com mais facilidade na fonética e na prosódia. No caso da vogal /e/ final, de acordo com Altenhofen (comunicação pessoal, conforme publicado em Altenhofen, 1996), essa se realiza como Schwa em alemão em substantivos neutros e masculinos em que havia um –n final e que houve a queda quase categórica deste –n final, como por exemplo em *das Lewe* (cf. *al das Leben* “vida”).

Também a vogal /e/ final, em substantivos femininos no singular, sofre apócope, mas há o acréscimo de –e na forma plural. Por exemplo: *die Schul*, pl. *Schule* “escola”. Tal descrição vale para o Hunsrückisch, sendo que, em outras variedades do alemão como língua de imigração, existe variação. É o caso dos teuto-russos, em que o /e/ se realiza como vogal média [e].

Portanto, em Esquina Barra Funda é possível que a vogal /e/, pela influência no português do contato com a língua alemã, não eleve, uma vez que em alemão a vogal apresenta função morfossintática.

4.1.3 Apresentação dos resultados da análise dos dados de /o/

Na amostra coletada em Esquina Barra Funda, foram obtidos um total de 6495 dados com vogal /o/, dos quais 842 (12,9%) elevam-se e 5653 (87,1%) não elevam. Portanto, pode-se afirmar que, diferentemente de /e/, há variação de /o/ em posição átona final. Quando realizados os testes prévios de qui-quadrado, as variáveis que se mostraram significativas para a análise e foram então incorporadas ao Modelo 5 são: Contexto Fonológico Precedente, Contexto Fonológico Seguinte, Vogal na Sílabas Tônica, Idade e Bilinguismo. Abaixo, apresentamos a Tabela 05 com os resultados desse modelo.

Tabela 5 – Análise de regressão linear de efeitos mistos da elevação (dados de /o/).

N = 6495

Intercepto = -4,29388

Variável	Apl./Ocorrências	Estimativa	Erro padrão	z	P
Contexto precedente					
Dorsal (valor de referên.)	153/616(24,8%)				
Coronal [-anterior]	80/677 (11,8%)	-2,00104	1,09172	-1,833	0,06681 .
Coronal [+anterior]	367/2981 (12,3%)	-2,49348	0,81937	-3,043	0,00234 **
[r]	40/397 (10%)	-1,79340	0,92348	-1,942	0,05214
[s,z]	85/803 (10,5%)	-3,01348	1,47822	-2,039	0,04149 *
Labial	102/901(11,3%)	-2,57014	0,98359	-2,613	0,00897 **
Vogal	15/120 (12,5%)	-2,34780	1,31821	-1,781	0,07490 .
Contexto seguinte					
Vogal (valor de referência)	294/2523 (11,5%)				
Dorsal	80/705 (11,3%)	-0,38473	0,18466	-2,083	0,03721 *
Labial	226/ 1394 (16,2%)	0,15625	0,11857	1,318	0,18756
Coronal [-anterior]	7/84 (8,3%)	-2,02629	0,66389	-3,052	0,00227 **
Coronal [+anterior]	235/1789 (13,1%)	0,28320	0,11484	2,466	0,01366 *
Vogal na sílaba tônica					
Não alta (valor de ref.)	426/4037(10,5%)				
Alta	416/2458 (16,9%)	0,07059	0,31530	0,224	0,82286
Idade					
15 a 35 anos (valor de ref.)	323/2178 (14,8%)				
36 a 57 anos	278/2119(13,1%)	-0,44320	0,27312	-1,623	0,10465
58 ou mais anos	241/2198(10,9%)	-0,45363	0,21171	-2,143	0,03214 *
Bilinguismo					
Bilíngue	341/2889 (11,8%)				
Não bilíngue	501/3606 (13,8%)	0,10900	0,15632	0,697	0,48563

Modelo 5. (ELEVACAO ~ CONTEXT.PREC + CONTEXT.SEG + V.TONICA + IDADE + BILINGUISMO2 + (1|INFORMANTE) + (1|ITEM.LEXICAL)

Fonte: Elaborado pelo autor.

Como o Modelo 3 referente à vogal /e/, o Modelo 5, da elevação em dados com /o/, mostra que as variáveis linguísticas Contexto Fonológico Precedente, Contexto Fonológico Seguinte e a variável social Idade correlacionam-se com a elevação. A diferença está em um dos fatores das variáveis linguísticas.

Na variável Contexto Fonológico Precedente, os fatores Coronal [-anterior], Labial e [s,z] são desfavorecedoras da regra, enquanto que, no Contexto Fonológico Seguinte, embora as consoantes coronal [-anterior] e dorsal inibam a elevação, as consoantes coronais [+anteriores] favorecem a aplicação da elevação de /o/ átono final.

A variável Idade apresentou como fator desfavorecedor à elevação a faixa etária 58 ou mais anos de vida. Como nas análises de /e/ e /o/ juntos e na análise apenas com dados de /e/, testou-se a interação entre Idade e Escolaridade. É o que está no Modelo 6 (Tabela 06), que inclui, além das variáveis já controladas, a interação acima mencionada.

Tabela 6 – Análise de regressão linear de efeitos mistos da elevação (dados de /o/) com a interação de Idade e Escolaridade.

$N = 6495$

Intercepto = -2,40566

Variável	Apl./Ocorrências	Estimativa	Erro padrão	z	P
Contexto precedente					
Dorsal (valor de referên.)	153/616(24,8%)				
Coronal [-anterior]	80/677 (11,8%)	-3,33914	1,23640	-2,701	0,00692 **
Coronal [+anterior]	367/2981 (12,3%)	-4,36633	1,01075	-4,320	1,56e-05
[r]	40/397 (10%)	-3,57644	1,08715	-3,290	0,00100 **
[s,z]	85/803 (10,5%)	-5,53573	1,75700	-3,151	0,00163 **
Labial	102/901(11,3%)	-4,68705	1,17295	-3,996	6,44e-05 *
Vogal	15/120 (12,5%)	-6,21469	2,26491	-2,744	0,00607 **
Contexto seguinte					
Vogal (valor de referência)	294/2523 (11,5%)				
Dorsal	80/705 (11,3%)	-0,18964	0,18147	-1,045	0,29600
Labial	226/ 1394 (16,2%)	0,32967	0,11788	2,797	0,00516 **
Coronal [-anterior]	7/84 (8,3%)	-1,47448	0,55553	-2,654	0,00795 **
Coronal [+anterior]	235/1789 (13,1%)	0,31629	0,11592	2,729	0,00636 **
Vogal na sílaba tônica					
Não alta (valor de ref.)	426/4037(10,5%)				
Alta	416/2458 (16,9%)	-0,33286	0,31316	-1,063	0,28782
Idade					
15 a 35 anos (valor de ref.)	323/2178 (14,8%)				
36 a 57 anos	278/2119(13,1%)	-0,14935	0,21090	-0,708	0,47866
58 ou mais anos	241/2198(10,9%)	-0,76870	0,23935	-3,212	0,00132 **
Escolaridade					
Até 4 anos (valor de ref.)	304/2389 (12,7%)				
De 4 a 8 anos	279/2106 (13,2%)	-0,130440	0,20497	-0,636	0,52453
Mais de 8 anos	259/259(12,9%)	-0,338860	0,19840	-1,708	0,08765 .
Bilinguismo					
Bilíngue	341/2889 (11,8%)				
Não bilíngue	501/3606 (13,8%)	0,05199	0,13501	0,385	0,70016
Idade:Escolaridade					
36 a 57 anos:4 a 8 anos		0,06257	0,29021	0,216	0,82929
58 ou mais anos:4 a 8 anos		0,51307	0,34468	1,489	0,13661
36 a 57 anos:+ de 8 anos		0,13825	0,28982	0,477	0,63335
58 ou + anos: + de 8 anos		0,88198	0,29766	2,963	0,00305 **

Modelo 6. (ELEVACAO ~ CONTEXT.PREC + CONTEXT.SEG + V.TONICA + IDADE*ESCOLARIDADE + BILINGUISMO2 + (1|INFORMANTE) + (1|ITEM.LEXICAL))

Fonte: Elaborado pelo autor.

Conforme a Tabela 06, a inclusão da interação Idade*Escolaridade no modelo confirma a correlação de Contexto Fonológico Precedente, Contexto Fonológico Seguinte e Idade com a elevação de /o/, mas altera os resultados dos fatores das variáveis linguísticas e revela que a interação tem efeito sobre o processo.

No Contexto Fonológico Precedente, todos os fatores desfavorecem a elevação. Na variável Contexto Fonológico Seguinte, o fator desfavorecedor foi Coronal [-anterior], enquanto Coronal [+anterior] e Labial aparecem como fatores favorecedores da elevação de /o/.

Nos fatores sociais, especificamente na variável Idade, outra vez o fator 58 ou mais anos de idade têm papel desfavorecedor da regra. Na variável Escolaridade, o fator Mais de 8 anos de escolaridade apresentou leve favorecimento à aplicação da elevação. Já na interação entre Idade e Escolaridade, 58 ou mais anos de vida juntamente com Mais de 8 anos de escolaridade apresentaram resultados que mostram favorecimento do processo de elevação de /o/.

De acordo com Altenhofen (comunicação pessoal, conforme publicado em Altenhofen, 1996), a ocorrência de –o em alemão não é comum, excetuando empréstimos, como no caso do Hunsrückisch, em que –o final costuma manter a pronúncia de [o]. Diferentemente de –e, portanto, não haveria vogal com função morfossintática na língua de imigração cuja pronúncia fosse transferida para o português no caso de /o/. Por isso, a vogal /o/ apresentaria preservação menor.

Os modelos obtidos nas diferentes análises – análise de dados de /e, o/ juntos, análise apenas com dados de /e/, análise apenas com dados de /o/ – indicam aumento da aplicação da regra entre as faixas etárias com o decréscimo da idade, mesmo que discreto. A tendência de inibição do processo de elevação acontece principalmente na faixa etária de maior idade, resultado referente às práticas sociais da comunidade. A língua alemã é mais falada por sujeitos com mais idade. Além disso, é mais comum aos jovens manterem contato com comunidades diferentes, enquanto os mais idosos, geralmente, mantêm-se mais atrelados à comunidade.

Da mesma forma, os sujeitos mais novos têm mais escolarização, o que possibilita um maior contato com práticas letradas do português e pode acabar influenciando a maneira como realizam suas práticas linguísticas. Essas características sugerem que o processo de mudança possa estar em fase inicial na comunidade de Esquina Barra Funda, mais avançado para /o/, ainda incipiente para /e/. É por isso que a comunidade parece estar resistindo à elevação das vogais /e, o/ em posição átona final.

Os resultados da análise quantitativa, portanto, não permitem afirmar o bloqueio da regra na comunidade de Esquina Barra Funda. Sugerem que o processo esteja difundindo-se mais lentamente em relação a outras comunidades, estando mais avançado nos contextos de /o/. Autorizam a pensar que a propagação da regra de elevação na comunidade dependerá, além dos fatores linguísticos, das práticas sociais, das relações de rede e da manutenção ou afastamento da característica bilíngue da comunidade.

4.2 ANÁLISE DE REDE SOCIAL

A análise de rede social partiu da consideração às comunidades de prática de Esquina Barra Funda. Como vimos no capítulo 2, temos, por exemplo, a OASE (Ordem Auxiliadora das Senhoras Evangélicas), que se reúne periodicamente para tratar de assuntos relacionados à igreja e promover eventos. Temos também os encontros de jovens, que ocorrem nos finais de semana em torno de eventos musicais. Além deles, há os encontros de senhores, que aos sábados participam dos jogos de cartas na comunidade católica.

Nessas comunidades de prática, cada interação implicará certas escolhas linguísticas pelos membros. Pensando que, nessas comunidades de prática, realizam-se atos de fala específicos por indivíduos ocupando distintos papéis sociais, podemos dizer que encontramos aí diferentes mercados simbólicos, onde a utilização da língua pelos participantes orientar-se-á pelo *habitus* do grupo e visará a um determinado lucro simbólico em cada diferente comunidade de que o indivíduo participe.

Baseados nas observações realizadas em Esquina Barra Funda, identificamos indivíduos que concentram os contatos quando se trata das relações com a sede do município ou, até mesmo, com as cidades vizinhas. É comum na comunidade que todos saibam quando um determinado morador, principalmente os donos dos mercados ou da padaria, sairão da comunidade para realizar negócios fora. Com essa informação, os moradores solicitam a essas pessoas atividades como pagamento de contas, compras de produtos que não são vendidos por ali, serviços de correios, etc. Essas pessoas são membros centrais em redes que, dado o perfil da comunidade, devem ser de alta densidade, o que pode indicar-nos uma possível resposta aos altos níveis de conservação das vogais médias átonas. Bortoni-Ricardo (2011) afirma que as redes de alta densidade tendem a ser mais fechadas às influências externas e que isso poderia implicar uma maior resistência às mudanças vindas de fora.

Eckert (2000) diz que cada indivíduo tem um papel nas comunidades de prática de que participa, podendo estar no centro ou na periferia de uma determinada rede. Por exemplo, o dono do mercado, a presidente da OASE, o atendente do bar, os presidentes das comunidades religiosas, etc, são membros nucleares de suas redes. Ainda segundo a autora, são esses representantes dos

papéis centrais que poderão influenciar social e linguisticamente o grupo todo. Por exemplo, um mesmo indivíduo que participa dos dois grupos, como o Círculo de Pais e Mestres da escola e a Ordem Auxiliadora das Senhoras Evangélicas, dois grupos bastante presentes e atuantes na comunidade, usará alternadamente seus códigos. Dos dezoito informantes que fizeram parte desta pesquisa, ressaltamos que catorze declararam-se bilíngues, sendo doze bilíngues português-alemão, um bilíngue português-italiano e um bilíngue português-espanhol.

No Quadro 03, apresentamos a matriz de rede social com a frequência de contato entre os informantes (os nomes foram substituídos por letras na ordem alfabética), sendo que os números representam: 1 – contato diário, 2 – contato semanal e 3 – contato mensal.

Quadro 3 – Matriz da frequência de contato dos informantes de Esquina Barra Funda

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R
A	##	2	1	3	2	3	1	2	1	1	3	3	2	3	3	2	2	2
B	2	##	1	3	2	3	2	3	2	1	3	3	1	3	3	2	2	3
C	1	1	##	3	2	3	3	3	2	1	3	3	2	3	3	3	2	2
D	3	3	3	##	3	3	2	2	3	2	3	3	3	3	3	3	2	3
E	2	2	2	3	##	3	2	2	2	2	3	3	2	3	3	2	1	3
F	3	3	3	3	3	##	3	3	3	2	3	1	2	1	1	3	3	3
G	1	2	3	2	2	3	##	2	1	2	3	3	2	3	3	1	2	3
H	2	3	3	2	2	3	2	##	3	3	3	3	3	3	3	3	2	3
I	1	2	2	3	2	3	1	3	##	2	3	3	2	3	3	1	2	3
J	1	1	1	2	2	2	2	3	2	##	3	2	1	2	2	2	1	2
K	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	##	3	3	3	3	3	3	3
L	3	3	3	3	3	1	3	3	3	2	3	##	2	2	2	2	2	2
M	2	1	2	3	2	2	2	3	2	1	3	2	##	2	2	2	2	2
N	3	3	3	3	3	1	3	3	3	2	3	2	2	##	1	3	3	3
O	3	3	3	3	3	1	3	3	3	2	3	2	2	1	##	3	3	3
P	2	2	3	3	2	3	1	3	1	2	3	2	2	3	3	##	2	3
Q	2	2	2	2	1	3	2	2	2	1	3	2	2	3	3	2	##	2
R	2	3	2	3	3	3	3	3	3	2	3	2	2	3	3	3	2	##

Fonte: Elaborado pelo autor

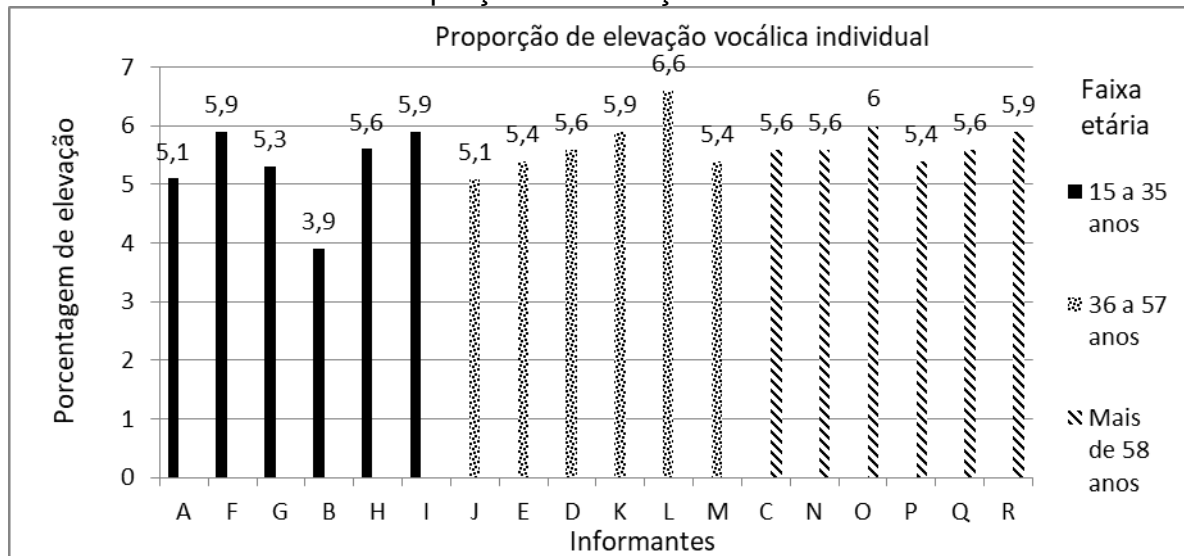
Levando em consideração a matriz dos contatos presente no quadro acima, e lembrando que Esquina Barra Funda é uma comunidade pequena onde todos se conhecem, devemos esclarecer aqui como e em que consistem os contatos entre os

sujeitos da pesquisa. Os contatos diários, representados aqui pelo número 1, são principalmente relações familiares e entre vizinhos imediatamente próximos. Os contatos semanais, representados pelo número 2, são os realizados nas atividades sociais da comunidade, que ocorrem principalmente aos sábados e domingos, como os jogos de futebol, baralho, reuniões dos clubes de damas e cavalheiros e encontros para jantares e almoços, além de atividades como fazer as compras nos mercados da localidade. Já os contatos mensais ocorrem geralmente em eventos religiosos, como cultos, reuniões com os membros da igreja, encontros em palestras sobre saúde, vizinhos mais distantes e entre indivíduos que trabalham por dia e são contratados quando existe a necessidade de algum ajudante em determinado dia.

A rede social dos moradores de Esquina Barra Funda apresenta, então, características de multiplexidade, uma vez que as relações podem ser familiares e comerciais ou de trabalho. Como exemplo, podemos citar, entre os informantes na matriz de relações, um dos sujeitos que, embora familiar distante, também presta serviços aos seus parentes. Além disso, outra relação entre esses indivíduos pode ocorrer nas atividades de lazer da comunidade. Em cada um desses momentos, um papel diferente é assumido.

Interessante apontar, também, a proporção total (dados de /e/ e /o/ juntos) de elevação de cada informante, resultado obtido através das rodas estatísticas, como se vê no Gráfico 01:

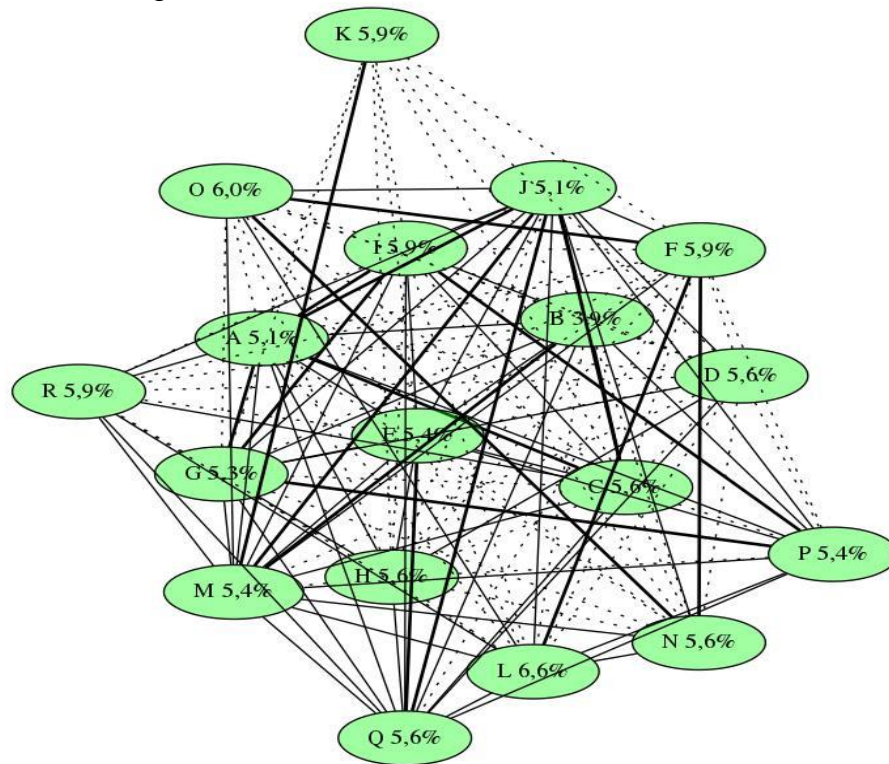
Gráfico 1 – Proporção de elevação vocálica individual.



Percebemos, no Gráfico 1, que a porcentagem de elevação é baixa e muito próxima entre todos os informantes da pesquisa, apresentando apenas os informantes B e L com um valor um pouco mais distanciado de 5%, sendo B mais conservador e L com maior elevação. Há, dessa maneira, uma coesão na comunidade, onde os indivíduos mantêm um índice de elevação muito similar, sendo esses bilíngues ou não.

Devemos mencionar que os informantes F, L, N e R, com os mais altos índices de elevação, são os que relataram não ser bilíngues durante o preenchimento da ficha social. Tais sujeitos apresentaram, na ordem, 5,9%, 6,6%, 5,6% e 5,9% de porcentagem de elevação vocálica. Na Figura 17 está um grafo representando a relação entre os indivíduos na rede social, a fim de aclarar e demonstrar quais as qualidades do contato entre cada um desses indivíduos. No grafo, a linha preenchida mais forte é o contato diário entre os sujeitos, a linha preenchida mais fraca é o contato semanal e a linha pontilhada representa o contato mensal. Cabe ressaltar também que esses contatos variam em determinados momentos, como, por exemplo, no mês que antecede a tradicional festa de Kerb da comunidade. Nessa época, a comunidade é convidada a ajudar nos preparativos da festa, então muitos dos informantes reúnem-se nos finais de tarde ou nos momentos de folga para fazer mutirão e preparar os festejos.

Figura 17 – Rede social dos informantes.



Fonte: Elaborado pelo autor

Ao analisarmos a rede, que leva em consideração os contatos entre os informantes da pesquisa, percebemos que K está mais afastada do núcleo do grafo, e apresenta apenas uma ligação considerada diária, com M. À época da coleta dos dados, K trabalhava na casa de M, prestando serviços domésticos e de manutenção da propriedade. M, por sua vez, apresenta mais ligações de primeiro grau (contato diário) e poucas ligações de terceiro grau (contato mensal), padrão de sujeitos que desempenham mais papéis e transitam em mais comunidades de prática. M trabalha com educação e também é membro ativo da comunidade evangélica; logo, é mais provável que mantenha contatos com uma gama maior de sujeitos no dia a dia. O entrevistado J também tem um grande número de ligações diárias. Isso é explicado pela atividade desenvolvida por J, que é uma atividade comercial e que o liga, diariamente, a diversos membros da comunidade de Esquina Barra Funda.

Outro fato a observar sobre a rede social dos informantes da pesquisa é a relação de R com os outros entrevistados. R apresenta muitas relações que são de segundo grau, que chamamos de contato semanal. Isso provavelmente se deve ao seu fazer diário: além de cuidar de sua propriedade e cultivar fumo (durante a época desse cultivo), R trabalha fazendo serviços diversos quando contratado. Vale dizer,

R trabalha como diarista nas lavouras e propriedades de outros sujeitos da localidade, o que o coloca, geralmente, trabalhando um dia em uma propriedade, um dia em outra, e assim por diante. Quanto aos indivíduos que não se declararam bilíngues, F, L, N e R, percebemos que mesmo assim eles não são apartados dos contatos com os outros membros da comunidade, mantendo comunicação com todos.

Percebemos principalmente que todos os entrevistados mantêm algum contato entre si, conhecem-se e têm alguma relação, que pode se dar em diversos momentos e práticas, seja nos afazeres de trabalho, nos afazeres de lazer seja nas relações religiosas. Isso é coerente com o padrão de elevação local. Os resultados demonstram que a comunidade apresenta um comportamento bastante coeso quando se trata da elevação vocálica, visto que a diferença nas porcentagens é pequena, tendendo todos à conservação das vogais médias átonas em posição final.

Levando em consideração que a comunidade apresenta alguns sujeitos nucleares em mais de uma comunidade de prática, que estes indivíduos são os que mantêm maior contato com redes externas à Esquina Barra Funda e apresentam índice similar de elevação, podemos supor que a rede social de Esquina Barra Funda seja bastante fechada, com pouca influência de indivíduos de fora.

4.3 OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

Boa parte dos registros da observação participante foi relatado no capítulo 2 ao caracterizarmos a comunidade de fala e ao tratarmos de variação linguística, práticas bilíngues e sociais em Esquina Barra Funda. Mas há ainda o que destacar, considerando-se os relatos dos dezoito informantes nas entrevistas sociolinguísticas e também com as observações feitas, pelo pesquisador, na comunidade.

Como afirmamos naquele capítulo, a comunidade de Esquina Barra Funda é em sua grande maioria de descendência alemã. Além disso, essa maioria tem na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil um grande pilar de sustentação moral e espiritual. É, em boa parte das vezes, a igreja o ambiente que reúne as pessoas em torno de festas, grupos de senhoras e senhores. Também é a comunidade evangélica, como se denominam os membros do grupo, que realiza, desde 1964, a festa de Kerb.

Essa festa antes ocorria em dois dias, últimos domingo e terça-feira de maio e, hoje, realiza-se no último domingo desse mesmo mês. A importância dessa festa é percebida à medida que seus preparativos já começam alguns meses antes, com a comunidade participando da feitura dos enfeites do salão.

Para termos uma ideia da importância dessa festa, citamos **ER**, senhor de meia-idade, responsável local pelas atividades da igreja (limpeza, conservação, preparação de cultos, toque do sino da igreja para informar horários e falecimentos, etc), que chega ao mercado onde o pesquisador está realizando a observação participante e fala sobre as expectativas para a festa de Kerb. Diz **ER** que, a partir deste ano (2018), as coisas irão melhorar, pois houve a troca da diretoria e os novos mandatários estão bastante envolvidos com os preparativos e enfeites, além de terem “entrado no espírito”. Relata que, durante as arrumações, falaram em alemão e escutaram músicas tradicionais, coisa que desde muito não via.

Outro fator que sempre aparece em conversas entre o pesquisador e os sujeitos de Esquina Barra Funda é a importância da família. Mencionam o período de final de ano, quando muitos dos ex-moradores voltam para passar o natal ou a virada de ano com a família e são reforçados os costumes que ali aprenderam, como ir ao culto de natal para ver a distribuição de presentes às crianças, a mesa farta e as conversas em alemão.

Outro momento curioso observado pelo pesquisador ocorreu durante um encontro com um senhor de 65 anos, identificado aqui como **ZS**, que começou a falar dos tempos em que ele e mais três amigos tinham uma banda que animava festas de Kerb pela região. **ZS**, que é de origem lusa, diz que nunca soube falar alemão, mas que sempre cantava em alemão, pois as pessoas não aceitavam que se cantasse em português. Indagado sobre como fazia, ele diz que escutava as músicas e decorava as palavras como eram ditas, mas que não entendia e não sabia escrever nenhuma delas. Acrescenta ainda que sente falta desse tempo e lembra que, agora, na organização da festa, estão falando bastante em alemão e que ele, mesmo sem falar ou entender, não se sente excluído, pois muita coisa ele deduz e outras os amigos vão explicando.

É comum na comunidade a reunião entre vizinhos ao final da tarde, para uma roda de chimarrão e conversa, principalmente entre os cidadãos da terceira idade, que mantêm também um grupo de interação. Esse grupo realiza quinzenalmente reuniões no salão da comunidade. Além disso, reúne-se para jogos de baralho e,

quando ocorre alguma festa em outra cidade, participa e diverte-se. **AR**, mulher de 70 anos, comenta com o pesquisador sobre essas festas e reuniões. Diz ela que é muito bom, pois, como já estão aposentados, essa é uma forma de manter alguma atividade de diversão com os amigos de tanto tempo. Fala, também, em tom de brincadeira, que é um bom momento para todos tomarem sua cerveja e ficarem mais descontraídos.

VK, homem de 77 anos, chega durante a conversa do pesquisador e **AR**. Inteirado sobre o assunto que se conversava ali e, sendo membro ativo do grupo da terceira idade, complementa sobre as festas fora da comunidade as que o grupo vai. Diz ele que é bom ir com o grupo, pois assim podem ficar todos reunidos e, como já são amigos de muito tempo, conversar sobre seus assuntos e fazer as piadas que somente eles entenderiam. Complementa ainda que sozinho não iria a festas fora de Esquina Barra Funda, pois se sentiria deslocado.

O pesquisador esteve na comunidade no começo do mês de maio de 2018, percebeu que uma obra estava sendo realizada no salão da Igreja Evangélica de Confissão Luterana e foi conversar com os moradores que estavam ali realizando a obra. Tratava-se de um aumento no tamanho do salão, que proporcionaria mais espaço para as pessoas que viriam prestigiar a festa de Kerb.

Durante um momento em que todos descansavam, o pesquisador perguntou para **VE**, homem de 28 anos, sobre como ia o andamento da obra e quanto tempo ele achava que levaria para a conclusão, além de comentar sobre a boa quantidade de pessoas da comunidade ali presentes, ajudando. **VE** fala então que estão reunindo-se em mutirão todos os dias, quem pode vem e empresta uma tarde ou pelo menos algumas horas do seu tempo do dia para ajudar nas medições, na fazedura das paredes e telhado, no espalhamento de concreto do piso e assim por diante. Diz ele também que, além disso, os moradores que, por algum motivo não podem emprestar sua força de trabalho, enviam alimentos como carnes, saladas e insumos que são ali preparados para todos que estão ajudando.

Notou-se, durante esse tempo de construção em que o pesquisador esteve na comunidade, uma grande euforia ligada à realização da festa. Todos muito empolgados e com a expectativa de realizar um bom evento. Durante esses dias de maio (de 2018) também foi feito um *tour* pelas estações de rádio das cidades vizinhas. Nessas visitas, iam o presidente da comunidade evangélica, um grupo de música tradicional composto por moradores de Esquina Barra Funda e quatro casais

de dançarinos formado por moradores. Além de dar entrevista nas estações de rádio, convidando e falando sobre o evento e sobre a tradição, o grupo conseguia permissão das autoridades das cidades onde passavam para fazer uma pequena demonstração de música e dança tradicionais em alguma rua.

Outro fato curioso chamou a atenção do pesquisador em um período de observações no ano de 2017. Pôde-se perceber como a comunidade é resistente à inserção de outros membros que não tenham suas raízes em Esquina Barra Funda ou que cheguem ali sem algum tipo de indicação ou sem algum sujeito que os introduza na vida da comunidade. Enquanto o pesquisador trabalhava como ajudante em um mercado, diversas pessoas chegavam para fazer suas compras e perguntavam quem era a pessoa que estava construindo uma casa no terreno perto da casa da senhora **C**. Como o pesquisador também não sabia de quem se tratava, respondia que não sabia, e os moradores, com o passar dos dias, chegavam ao mercado com diferentes teorias sobre quem seria a pessoa; porém, ninguém havia ido conversar com tal sujeito.

Em determinado momento, descobriu-se que o construtor teria vivido antes em uma cidade da região metropolitana de Porto Alegre. Juntando isso e o fato de que ele não dormia ali, saía sempre à tardinha, começou-se a especular entre um e outro, e os comentários iam desde a possibilidade de a pessoa ter se apropriado daquele terreno até ser algum fugitivo da justiça. O fato é que as pessoas comentavam, mas não buscavam o contato com o futuro morador, além de já produzirem juízos negativos sobre ele.

Passadas algumas poucas semanas, o novo morador se estabeleceu e, depois de somente trabalhar na construção de sua moradia, começou a interagir com os outros moradores. Chegou uma tarde ao mercado onde estava o pesquisador atendendo e perguntou quem era o pesquisador. Obtendo a resposta, o “forasteiro” apresentou-se. Era **TR**, aposentado, vindo do interior da cidade de Novo Hamburgo, onde trabalhava em chácaras como cuidador. Perdeu a esposa e resolveu que voltaria para o noroeste, de onde havia saído há mais de 50 anos.

Perguntado pelo pesquisador se ele já havia morado em Esquina Barra Funda, **TR** informou que não, que, quando criança, sua família morava “mais para o lado de Porto Mauá”, perto do Rio Uruguai, mas que teria ficado sabendo de um terreno a venda em Esquina por um primo que vive em Lajeado Corredeira (comunidade que faz divisa com Esquina Barra Funda) e o tal primo teria

intermediado a compra desse terreno, cujo ex-proprietário também não vive na comunidade. Nesse dia, como alguém que busca demonstrar não ser perigoso, ou que busca fazer parte da comunidade (pois havia comentado que as pessoas que passavam pela construção de sua casa enquanto ela estava sendo erguida não o cumprimentavam e também percebido que ninguém foi conversar durante os dias de construção), **TR** passou a tarde sentado juntamente com o caixa do mercado e o pesquisador fazendo questão de apresentar-se para todos que ali apareciam contando sua história. Em outro momento de observação, agora já em 2018, o pesquisador perguntou para **TR** se estava tudo bem e o que ele estava achando de Esquina Barra Funda. **TR** disse que está muito bem, que já faz parte do grupo de terceira idade e que está enturmado com todos.

Também os jovens, embora desempenhando atividades diferentes dos idosos, sentem-se integrados à comunidade. Nas entrevistas gravadas, que deram base para a coleta dos dados quantitativos, devemos ressaltar que, quando indagados sobre perspectivas de futuro e como percebiam a vida nessa Comunidade em sua maioria demonstrou satisfação com a vida que tem ali e que não percebe motivação para mudar para outra cidade.

DB, jovem com 20 anos, fala:

[...] tem tudo que a gente precisa aqui, se quiser estudar não precisa ir longe, a prefeitura dá transporte, dá pra ir e voltar no mesmo dia. Os amigos estão todos aqui, finais de semana nos reunimos pra jogar futebol ou escutar um som. Não vejo necessidade de sair.

Os jovens também parecem estar felizes com a vida no campo, pois conseguem suprir suas necessidades financeiras e, além disso, comprar objetos de seu desejo. **EY**, de 24 anos, por exemplo, fala em sua entrevista:

[...] hoje a gente consegue viver bem da agricultura. Antes acho que era mais difícil, mas eu sempre trabalhei com fumo e dá pra viver tranquilo. Comprei minha moto, tenho dinheiro pra ir em festa, os parentes estão todos aqui, os amigos também. Não tem motivo para sair.

Da mesma forma, os informantes com mais idade não demonstram vontade de sair, principalmente por acharem que não terão a mesma tranquilidade e os mesmos contatos. Como informou **JP**, de 65 anos:

Não tem motivo pra ir embora, se teria, seriam os filhos, mas eles moram perto e, se eu for pra cidade, não vou poder sair como saio aqui, ir na vizinha tomar mate, caminhar um pouco na rua e conversar com os amigos.

Concluimos, então, que esse sentimento de pertencer à comunidade, de estar ali, ter todas suas relações em um pequeno local, vai ao encontro do fato de que a rede social de Esquina Barra Funda é densa, multiplexa, fechada, com integrantes que interagem pouco com sujeitos que vêm de fora. Isso, por sua vez, reforça o vernáculo local, fator importante nesse baixo índice de elevação vocálica encontrado na análise quantitativa.

Juntamente com o fato de a comunidade ter uma taxa de bilinguismo que gira em torno de 80%¹⁶ e ser uma comunidade predominantemente composta de descendentes de imigrantes alemães, com um grande sentimento de orgulho e manutenção de tradições, temos um local apropriado para uma reprodução de estruturas sociais já arraigadas, em que as mudanças não têm a mesma força que em outras localidades.

As três análises realizadas em Esquina Barra Funda – de regra variável, de rede social e observação participante - não só esclarecem o padrão de elevação variável, mas também revelam a força das práticas e normas compartilhadas no nível da comunidade de fala. É certo, como vimos na fundamentação teórica e na revisão de estudos sobre a realização das vogais /e, o/ postônicas finais em comunidades gaúchas bilíngues, que Esquina Barra Funda não apresenta um comportamento linguístico exclusivo no que tange aos traços do adstrato alemão no português, tampouco no que se refere especificamente ao processo de elevação vocálica investigado. Mas o estudo em Esquina Barra Funda representa um padrão de português local (interior gaúcho) em que duas culturas brasileiras se encontram, a cultura rural e a cultura de imigração. Municípios e comunidades do entorno (noroeste gaúcho) compartilham com Esquina Barra Funda o mesmo "sotaque" porque compartilham também elementos sócio-históricos e étnicos; têm vocação econômica similar, seu modo de vida, valores e crenças são semelhantes. A elevação das vogais médias /e, o/ átonas finais parece estar se instalando no português de Esquina e de outras comunidades como ela, acompanhando o ritmo de

¹⁶ Dado obtido pelo autor através de mapeamento dos domicílios de Esquina Barra Funda e informações obtidas, com os moradores, sobre a quantidade de bilíngues em cada casa.

suas dinâmicas sociais, dinâmicas essas que esperamos ter esclarecido nesta tese e que poderão eventualmente se estendidos a outras localidades.

5 CONCLUSÃO

A presente tese teve por objetivo analisar a regra de elevação das vogais médias átonas em posição final absoluta no português falado na comunidade de Esquina Barra Funda, pertencente ao município de Novo Machado – RS. Além disso, buscamos analisar as relações sociais da comunidade, como suas práticas orientam-se no dia a dia e são importantes ferramentas para a manutenção de costumes tradicionais. Também objetivamos entender quais são as práticas linguísticas presentes na comunidade e como elas podem atuar na conservação do comportamento linguístico.

Como pensávamos inicialmente, a proporção de aplicação da regra de elevação foi baixa, ficando em 12,9% para a vogal /o/ e 3,5% para /e/. Na análise combinada, o índice atingiu 9,95%. Confirmamos aqui a hipótese de que a vogal /o/ tende mais à elevação do que a vogal /e/.

Nas análises para a vogal /o/, seguindo as hipóteses testadas em outros estudos e buscando resposta para as perguntas desta tese, podemos ressaltar que, no que diz respeito ao gênero, esperávamos que este não necessariamente fosse condicionador da elevação. Os resultados apontados na análise estatística confirmam essa hipótese, uma vez que tal variável não apresentou correlação com a elevação das vogais.

Em relação à idade, a hipótese testada considerava que quanto maior a idade, maior seria a preservação das vogais médias átonas em posição final. Os resultados indicaram que o fator 58 ou mais anos de vida é desfavorecedor do processo de elevação.

Para a variável escolaridade, testamos a hipótese de que, quanto mais escolarizado o informante, maior é a elevação vocálica apresentada. Escolaridade, isoladamente, não se correlaciona à elevação. Mas, na interação com Idade, confirmamos que mais de 8 anos de escolaridade, juntamente com mais de 58 anos de idade, favorece a elevação.

Quanto ao Contexto Fonológico Precedente, testamos a hipótese de que os fatores Dorsal, Coronal e Labial seriam favorecedores. Os resultados obtidos indicaram todos os fatores testados como desfavorecedores da elevação.

No Contexto Fonológico Seguinte, as hipóteses testadas eram de que os fatores Dorsal, Vogal e Coronal seriam os favorecedores ao processo de elevação,

uma vez que trabalhos anteriores indicavam essa possibilidade. Nossos resultados indicaram que Coronal [-anterior] foi fator desfavorecedor e, como esperado, Coronal [+anterior] favorece a aplicação da regra de elevação de /o/. Além disso, o fator Labial também aparece como favorecedor.

Quando tratamos de /e/, cabe ressaltar que foram obtidos 3042 dados, com elevação em 107 deles, o que aponta que praticamente não há variação de /e/ em Esquina Barra Funda.

Em relação às hipóteses testadas, outra vez o fator Gênero não foi condicionador da regra. Quando consideramos idade, o fator 58 ou mais anos de idade aparece como desfavorecedor do processo, confirmando nossa hipótese.

A análise de /e/ não mostrou favorecimento dos fatores Dorsal, Coronal e Labial no Contexto Fonológico Precedente, como esperado pela hipótese. Indica apenas o fator Coronal [+anterior] como desfavorecedor do processo. Também no Contexto Fonológico Seguinte não obtivemos resultados de favorecimento. Testávamos a hipótese de que os fatores Dorsal, Vogal e Coronal seriam favorecedores; porém, os resultados mostram-nos que os fatores Coronal [+anterior], Dorsal e Labial desfavorecem o processo de elevação.

Quando realizada a interação entre Idade e Escolaridade na análise dos dados de /e/, os resultados apontam leve favorecimento quando consideramos a interação entre os fatores 58 ou mais anos de idade e 4 a 8 anos de escolaridade. Também testávamos as hipóteses de que a presença de vogal alta na sílaba tônica fosse favorecedora; porém esta hipótese não se confirma nas análises, uma vez que não apresenta correlação com o processo de elevação.

Confirmamos que /e/ e /o/ apresentam comportamentos diferentes em relação à realização da elevação vocálica, obtendo /e/ resultados abaixo de 5%, o que não nos possibilita afirmar que seja variação na mudança em progresso. Os resultados ligam-se à estrutura da comunidade, ao alto grau de bilinguismo e de contato entre português e alemão.

No que se refere às relações sociais, a comunidade comporta-se de modo distinto nas relações entre seus membros e nas relações com indivíduos de fora. Os moradores têm laços em mais de um âmbito, seja por relações de parentesco, de trabalho pela vizinhança, etc. Além disso, várias atividades que necessitam ser realizadas fora dali concentram-se nas mãos de poucas pessoas. Isso implica pouca abertura da rede social a sujeitos de fora.

A alta presença do bilinguismo também é fator a ser ressaltado. A manutenção da língua alemã na comunidade contribui para a manutenção de costumes tradicionais e isso se reflete no comportamento linguístico.

Na análise de regra variável, o trabalho apresentou resultados similares a trabalhos como os de Silva (2009), Mileski (2013), Mallmann (2001) e Vieira (2002). Poderíamos então afirmar, como essas autoras, que a localização geográfica, em função de a comunidade apresentar contato entre o português e o alemão, influencia a elevação das vogais médias. Esta tese revelou, no entanto, que essas correlações não são a explicação, mas indícios de elementos sociais que têm efeitos sobre o processo. A explicação está nas práticas sociais locais que sustentam essas correlações.

Além de termos nas práticas do dia a dia a reprodução das práticas dos fundadores da comunidade, há um forte sentimento de pertença ao local. Seguem-se costumes dos ancestrais que ali chegaram e que primeiramente cultivaram as terras. Os habitantes de Esquina Barra Funda, mesmo os mais novos, demonstram um grande orgulho em pertencer a uma comunidade fundada, com grandes dificuldades e união, por suas famílias. Acreditamos que esse mesmo orgulho contribua grandemente para a manutenção das características sociais e linguísticas de Esquina Barra Funda.

A presente tese contribuiu para a descrição da realização das vogais médias átonas finais no português brasileiro falado em uma comunidade do interior do Rio Grande do Sul. Esquina Barra Funda é peculiar em relação a comunidades brasileiras investigadas em outros estudos: suas práticas sócio-econômicas são predominantemente rurais, suas práticas linguísticas, bilíngues português-alemão. Para a realização do trabalho, levamos em consideração não apenas os fatores linguísticos, mas também tentamos demonstrar como as características culturais e as tradições conservadas ao longo do tempo fazem parte e são atuantes na manutenção de estruturas linguísticas.

Importante ressaltar que teria sido interessante também a coleta de dados nas comunidades circundantes, que apresentam características também particulares e que, em alguma medida, podem influenciar e serem influenciadas por Esquina Barra Funda. A distância entre as comunidades e o tempo necessário para uma coleta dessa magnitude impediram sua realização nesta tese, o que fica como perspectiva para trabalhos futuros.

Esperamos que esta tese seja seguida de novas pesquisas sobre a língua falada em comunidades geralmente não contempladas em estudos de variação, tradicionalmente realizados em espaços urbanos; que mais investigadores dediquem-se a buscar maneiras de compreender a língua como parte integral da vida das pessoas na exploração das relações entre linguagem e sociedade.

REFERÊNCIAS

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. **Hunsrückisch in Rio Grande do Sul**. Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutsch-brasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen. Stuttgart: Steiner, 1996.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. O território de uma língua: ocupação do espaço pluridimensional por variedades em contato na Bacia do Prata. In: NIEVES FERNÁNDEZ, Ana Lourdes (Org). **Línguas em contato**: onde estão as fronteiras? Pelotas: UFPEL, 2014.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson; MARGOTTI, Felício Wessling. O português de contato e o contato com as línguas de imigração no Brasil. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo Vilson; RASI, Tommaso. (orgs.). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 289-315.

ARAUJO, Antônio Marcos de Lima. **Jogos computacionais fonoarticulatórios para crianças com deficiência auditiva**. Tese de doutorado. Unicamp, Campinas, 2000.

BATTISTI, Elisa. Redes Sociais, identidade e variação linguística, P.79-98. In: Raquel Meister Ko. Freitag (Org). **Metodologia de coleta e manipulação de dados em sociolinguística**. São Paulo: Edgard Blücher, 2014.

BATTISTI, Elisa; DORNELLES FILHO, Adalberto Ayjara. Palatização das plosivas alveolares em Flores da Cunha (RS): variação linguística e práticas sociais. **Alfa: revista de linguística**. Araraquara, SP. v. 56, n. 3, p. 1117-1149, 2012.

BATTISTI, Elisa; LINK, Eugenio Roberto. **Português de contato com alemão como língua de imigração em uma comunidade rural brasileira**: Resistindo à elevação das vogais /e, o/ em sílaba átona e aberta em final de vocábulo. **No prelo**

BEHLAU, Mara. **Uma análise das vogais do português falado em São Paulo**: Perceptual, espectrográfica, de formantes e computadorizada de frequência fundamental. Tese de Mestrado – Escola Paulista de Medicina. São Paulo, 1984.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Do campo para a cidade**: Estudo sociolinguístico de migração e redes sociais. São Paulo: Parábola, 2011.

BOERSMA, P.; WEENINK, D. **Praat**: doing phonetics by computer [Computer program]. Versão 5.3.51, 2013. Disponível em: <<http://www.praat.org/>>. Acesso em: 16 mai. 2019.

BONNEWITZ, Patrice. **Primeiras lições sobre a sociologia de P. Bourdieu**. Petrópolis: Vozes, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **Outline of a theory of practice**. 14.ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer.** São Paulo: EDUSP, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento.** São Paulo: EDUSP; Porto Alegre: ZOUK, 2007

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas.** São Paulo: Perspectiva, 2008.b.

BRESCANCINI, Cláudia. A análise de regra variável e o programa VARBRUL 2S. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia (org.). **Fonologia e variação: recortes do português brasileiro.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p 13- 77.

BUSSE, Valdino. **A práxis pastoral entre os imigrantes alemães e seus descendentes na região Noroeste do Rio Grande do Sul.** 2009. 69f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Curso de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo.

CAMARA JR. Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa.** 40.ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

CARNIATO, Miriam Cristina. **A neutralização das vogais postônicas finais na comunidade de Santa Vitória do Palmar.** 2000. 107 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Curso de Mestrado em Letras, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas.

CHOMSKY, Noam. **Syntactic Structures.**The Hague: Mouton, 1957.

DURHAM, Eunice Ribeiro. **A dinâmica da cultura: ensaios de antropologia.**São Paulo: Cosac Naify, 2004.

ECKERT, Penelope. **Linguistic variation as social practice.** Malden/Oxford: Blackwell, 2000.

FANT, Gunnar. **Acoustic Theory of Speech Production.** The Hague: Mouton, 1960.

FERGUSON, C. A. Diglossia. Word. **Journal of linguistics**, v. 15, 1959, p.325-340.

FISHMAN, Joshua A. Bilingualism with and without diglossia; diglossia with and without bilingualism. **Journal of Social Issues**, 1967.

GUY, Gregory R.; ZILLES, Ana. **Sociolinguística quantitativa – instrumental de análise.** São Paulo: Parábola, 2007.

HERÉDIA, Vania. A imigração europeia no século passado: o programa de colonização no Rio Grande do Sul. Scripta Nova. **Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales.** Universidad de Barcelona, 2001. <<http://www.ub.es/geocrit/sn-94-10.htm>>

HOUAISS, Antônio.; VILLAR, Mauro de Salles. de S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

IBGE. **Cidades**. Novo Machado, 2017. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/novo-machado>>. Acesso em: 18 jun 2018.

LABOV, William. **The Social Motivation of a Sound Change**. Department of Linguistics. Columbia University, New York 27, New York, 1963.

LABOV, William. **Principles of linguistic change: internal factors**. Oxford UK/Cambridge USA, Blackwell Publishers. 1994. v. 1.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, [1972] 2008.

LABOV, William. The social origins of sound change. In: ALLEN, Harold B.; LINN, Michael D. (*Eds.*). **Dialect and language variation**. New York: Academic, 1986.

LARA, Cláudia Camila. **Variação fonético-fonológica e atitudes linguísticas: o desvozeamento das plosivas no português brasileiro em contato com o hunsrückisch no Rio Grande do Sul, Brasil**. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do SUL, Porto Alegre. 2017.

LINK, Eugenio Roberto. **Elevação das vogais médias átonas em posição final absoluta em Esquina Barra Funda – Novo Machado –RS**. 2015. 101f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

MALLMANN, Dalcio Otelon. **A elevação das vogais médias átonas finais no português falado em Santo Ângelo (RS)**. 2001. 99 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

MEYERHOFF, Miriam. **Introducing sociolinguistics**. 2.ed. London/New York: Routledge, 2011.

MILESKI, Ivanete. A elevação das vogais médias átonas finais no português falado por descendentes de imigrantes poloneses em Vista Alegre do Prata-RS. **Letrônica**, [S.l.], v. 6, n. 1, p. 47-70, out. 2013. ISSN 1984-4301. Disponível em: <<http://revistas.eletronicas.pucrs.br/civitas/ojs/index.php/letronica/article/view/13399>>. Acesso em: 25 mai 2018.

MILROY, Lesley. **Language and social networks**. 2.ed. Oxford/New York: Basil Blackwell, 1987.

OUSHIRO, Livia. Tratamento de dados com o R para análises sociolinguísticas. p.134-177. In FREITAG, Raquel MeisterKo (Org). **Metodologia de Coleta e Manipulação de Dados em Sociolinguística**. São Paulo: Edgard Blücher, 2014.

OUSHIRO, Livia. **Introdução à Estatística para Linguistas**. v1.0.1, Campinas: UNICAMP, 2017.

OUSHIRO, Livia; MENDES, Ronald B. O apagamento do (-r) em coda nos limites da variação. **Veredas** 18, n.2, 2014, p.251-266.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornélia. Etnografia: Saberes e práticas. In: PINTO, Céli Regina Jardim; GUAZZELLI, César Augusto Barcellos (Organizadores). **Ciências Humanas: pesquisa e método**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008.

ROCHE, Jean. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. Tradução de Emery Ruas. Porto Alegre: Globo, 1969.

ROVEDA, Suzana Damiani. **Elevação da vogal média átona final em comunidades bilíngues: português e italiano**. 1998. 87 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SANKOFF, David; LABERGE, Suzanne. The linguistic market and the statistical explanation of variability. In: SANKOFF, David (Ed.). **Linguistic variation: models and methods**. New York, San Francisco, London: Academic Press, 1978, p. 239-250.

SANKOFF, David. 'Variable rules'. in AMMON, Ulrich; DITTMAR, Norbert; MATTHEIER, Klaus J. (eds.). **Sociolinguistics: an international handbook of the science of language and society**. v. 2. Berlin: Walter de Gruyter, 1988, p. 984-997

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Lingüística Geral**. São Paulo: Cultrix, [1916] 1995.

SCHEID, Cleci Maria; PRIEBE, Gretel. **Novo Machado conta sua história**. Secretaria de Educação de Novo Machado. Novo Machado, 1997.

SCHIMITT, Cristina Job. **Redução vocálica postônica e estrutura prosódica**. 1987. 139 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Curso de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SCHWINDT, Luiz Carlos da Silva. **A harmonia vocálica em dialetos do sul do país: uma análise variacionista**. 1995. 78f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Curso de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SILVA, Adelaide Hercília Pescatori. **Língua Portuguesa I: Fonética e Fonologia**. Curitiba: IESDE Brasil, 2007.

SILVA, Susiele Machryda. **Elevação das vogais médias átonas finais e não finais no português falado em Rincão Vermelho – RS**. 2009. 172 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolingüística**. São Paulo: Ática, 1986.

VIEIRA, Maria José Blaskovski. **Neutralização das vogais médias postônicas**. 1994. 110 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Curso de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

VIEIRA, Maria José Blaskovski. As vogais médias postônicas: uma análise variacionista. IN: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia (org.). **Fonologia e variação**: recortes do português brasileiro. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p 127-159.

WEINREICH, Uriel. **Languages in Contact: Findings and Problems**. Paris: Mouton, 1953.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.

WENGER, Étienne Charles. **Communities of practice: learning, meaning, and identity**. Cambridge: University Press, 1998.

ANEXOS

ANEXO A

Entrevista Sociolinguística

1. Como é a vida aqui na comunidade?
2. Quais são suas atividades diárias?
3. Voltando alguns anos atrás, na sua infância, como era a comunidade?
4. Que brincadeiras você costumava fazer com seus amigos?
5. Quais eram as atividades dos seus pais?
6. Quando você era pequeno(a), nos seus primeiros anos escolares, você lembra de alguma coisa que tenha sido importante? Que atividades eram feitas?
7. Como era a vida na comunidade quando as pessoas não tinham acesso aos meios de comunicação, como a televisão, por exemplo? O que era diferente com relação a hoje? O que as pessoas faziam nos momentos de folga?
8. Gostaria de saber um pouco mais de você, as coisas que você gosta de fazer no final de semana, as atividades da comunidade que você costuma participar: eventos, festas, entre outros.
9. Que tipos de atividades de lazer você costuma fazer ou gostaria de fazer?
10. Tem algum momento de sua vida que você consideraria o mais difícil?
11. De que coisas do tempo de sua infância você tem mais saudades?
12. Olhando para trás, existe algo que você gostaria de ter feito, mas que por algum motivo não foi possível, como por exemplo, ter estudado mais, ter feito alguma viagem, ter feito algum trabalho?
13. Aqui na comunidade, quais as coisas que você mais admira? E o que você acha que poderia ser diferente?
14. Se você recebesse uma proposta de trabalho na cidade, você deixaria a comunidade?
15. Se você recebesse um bom dinheiro para ser utilizado em algo para a comunidade, em que você investiria?

ANEXO B

Ficha Social

Nome:	
Endereço:	
Idade:	Sexo:
Local de Nascimento:	
Outras localidades onde residiu e por quanto tempo:	
Grau de instrução:	
Profissão:	
Ocupação:	
Bilinguismo: Qual? ()Ativo ()Passivo ()Zero	
Local de nascimento dos pais:	
Pai:	
Mãe:	
Estado Civil:	
Número de filhos:	
Idade:	Sexo:
Anos de estudo	
Atividades Sociais/Lazer	
Assuntos de maior interesse:	

Entrevistador: _____

Data da entrevista: ____/____/____ Duração da entrevista: _____

Observações gerais:

Roteiro para pesquisa de campo